



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ALINE LAUREANO SUAVE

**CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E FILOSOFIA DA
INFORMAÇÃO:
PERSPECTIVAS DE RELAÇÃO A PARTIR DO ESTUDO DAS
PUBLICAÇÕES DO GT1 DO ENANCIB**

Londrina
2020

ALINE LAUREANO SUAVE

**CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E FILOSOFIA DA
INFORMAÇÃO:
PERSPECTIVAS DE RELAÇÃO A PARTIR DO ESTUDO DAS
PUBLICAÇÕES DO GT1 DO ENANCIB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Ciência da Informação da
Universidade Estadual de Londrina como
requisito parcial para a obtenção do título de
mestre em Ciência da Informação

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina de
Albuquerque.

Londrina
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S939c Suave, Aline Laureano.
Ciência da informação e filosofia da informação : perspectivas de relação a partir do estudo das publicações do GT1 do ENANCIB / Aline Laureano Suave. - Londrina, 2020.
112 f. : il.

Orientador: Ana Cristina de Albuquerque.
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2020.
Inclui bibliografia.

1. Ciência da Informação - Epistemologia - Tese. 2. Filosofia da informação - Tese. 3. Ciência da Informação - Histórico - Tese. 4. ENANCIB - Tese. I. Albuquerque, Ana Cristina de. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDU 02

ALINE LAUREANO SUAVE

**CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO:
PERSPECTIVAS DE RELAÇÃO A PARTIR DO ESTUDO DAS
PUBLICAÇÕES DO GT1 DO ENANCIB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Ciência da Informação da
Universidade Estadual de Londrina como
requisito parcial para a obtenção do título de
mestre em Ciência da Informação

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina de
Albuquerque.
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Giulia Crippa
Universidade de Bolonha – Itália

Profa. Dra. Silvana Drumond Monteiro
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 18 de fevereiro de 2020

AGRADECIMENTOS

*A*gradeço a Deus, que no momento certo guiou meus caminhos para que eu tivesse a oportunidade de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina.

*A*gradeço à minha família que sempre me apoiou e me incentivou na caminhada traçada pelos estudos. Em especial agradeço a minha irmã, Alessa, que foi a maior incentivadora para a minha entrada no Mestrado em Ciência da Informação.

*A*gradeço a minha orientadora, Professora Dr^a Ana Cristina, que me acolheu de braços abertos possibilitando que eu trouxesse um pouco da Filosofia para a Ciência da Informação; agradeço as conversas, a paciência, as oportunidades e os ensinamentos, que serão levados para minha vida e minha vivência acadêmica.

*A*gradeço a banca da minha defesa, a Professora Dr^a Giulia Crippa e a Professora Dr^a Silvana Drumond Monteiro, que aceitaram participar e contribuir com seus ensinamentos e indicações para o melhor desenvolvimento do trabalho de tão importância para mim.

*A*gradeço o Professor Dr. Gustavo Saldanha que compartilhou do seu tempo para conversar sobre a dissertação, tirar dúvidas, e sugerir ideias que foram importantes e proveitosas para o direcionamento e finalização do trabalho.

*A*gradeço meu namorado e parceiro de pesquisa na Ciência da Informação, Rogério, que sempre me incentivou a batalhar, estudar, e evoluir enquanto pesquisadora na área, correr atrás das minhas metas e sonhos.

*A*gradeço ao corpo docente do PPGCI – UEL, que contribuíram direta e indiretamente na minha formação e meu aprendizado. Agradeço a cada Professor e Professora que por meio de sua disciplina transmitiram um pouco de seu conhecimento, e além disso o amor pela área da Ciência da Informação.

*A*gradeço a oportunidade de conhecer pessoas importantes nessa trajetória, pessoas que irei levar para toda vida e, pessoas que passaram pelo meu caminho. Sempre um aprendizado!

*M*eu *M*uito *O*brigada!!!

“O que normalmente permanece intacto nas épocas de petrificação e de ruína é a faculdade da própria liberdade, a pura capacidade de começar, que anima e inspira todas as atividades humanas e que constitui a fonte de todas as coisas grandes e belas.”

(Hannah Arendt)

SUAVE, Aline Laureano. **CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO: Perspectivas de relação a partir do ESTUDO das PUBLICAÇÕES DO GT1 DO ENANCIB**. 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

RESUMO

Introdução: Neste trabalho, procura-se apresentar alguns aspectos da vertente relacionada à Ciência da Informação, a Filosofia da Informação. **Objetivo:** Assim, o objetivo geral da presente pesquisa é de analisar as perspectivas da Filosofia da Informação na Ciência da Informação a partir das publicações do GT1-Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do ENANCIB com base nos Problemas da Filosofia da Informação. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de tipo bibliográfico e Análise de Conteúdo de Bardin como método para a coleta e análise dos dados. **Resultados:** Foram analisados 60 (sessenta) artigos completos publicados nos anais do ENANCIB nos três últimos anos (2017-2018-2019) no GT1 e escolhidas 8 (oito) categorias pré-definidas do quadro apresentado na dissertação e que contemplam os Problemas da Filosofia da Informação baseado nas ideias de Luciano Floridi (2004), são: Problema Ontológico; Problema Epistemológico; Problema Epistemológico II; Problema da Realidade; Problema da Ação; Problema da Comunicação; Problema da TIC; e Problema Ético. A terceira categoria foi a que teve o maior número de artigos. **Conclusões:** A busca pela compreensão da Filosofia da Informação tornou-se aliada para assim conseguir perceber onde estão inseridas na Ciência da Informação. Encontrar os aspectos da Filosofia da Informação no GT-1 da Ciência da Informação se torna necessário, pois assim tornou-se fundamentado a relação entre ambas as áreas.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Filosofia da Informação. ENANCIB.

SUAVE, Aline Laureano. **Information Science and Information Philosophy: Relationship perspectives from the STUDY OF PUBLICATIONS OF GT1 OF ENANCIB.** 2020. 112 f. Dissertation (Master in Information Science) – Londrina State University, Londrina, 2020.

ABSTRACT

Introduction: In this work, one looks for some of the topics of the slope to Information Science, a Philosophy of Information. **Objective:** Thus, the general objective of the present research is to analyze the perspectives of the Philosophy of Information in Information Science from the publications of the GT1-Historical and Epistemological Studies of Information Science of ENANCIB based on the Problems of the Philosophy of Information. **Methodology:** This is a bibliographic research and Content Analysis by Bardin as a method for data collection and analysis. **Results:** 60 (sixty) full articles published in the annals of ENANCIB in the last three years (2017-2018-2019) in GT1 were analyzed and 8 (eight) pre-defined categories were chosen from the table presented in the dissertation and which contemplate the Problems of the Philosophy of Information based on the ideas of Luciano Floridi (2004), are: Ontological Problem; Epistemological Problem; Epistemological Problem II; Reality Problem; Action Problem; Communication Problem; ICT Problem; and Ethical Problem. The third category had the highest number of articles. **Conclusions:** The search for an understanding of the Philosophy of Information became an ally in order to be able to understand where they are inserted in Information Science. Finding the aspects of the Philosophy of Information in the Information Science GT-1 is necessary, as the relationship between both areas has become well founded.

Keywords: Information Science. Philosophy of Information. ENANCIB.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O Ciclo.....	38
Figura 2 – Dados, Informação, Conhecimento	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Procedimentos Metodológicos	19
Quadro 2 – 1ª fase da análise de conteúdo	21
Quadro 3 – 2ª fase da análise de conteúdo	21
Quadro 4 – 3ª fase da Análise de conteúdo.....	22
Quadro 5 – Áreas do Filosofar	32
Quadro 6 – Ciência da Informação: conceito, pesquisas e aplicações	45
Quadro 7 – Contexto histórico dos Paradigmas da Ciência da Informação	51
Quadro 8 – Eixos da Ciência da Informação.....	59
Quadro 9 – Filosofia da Informação e sua estrutura	71
Quadro 10 – Os Problemas da Filosofia da Informação	72
Quadro 11 – Artigos selecionados que abordam os problemas da Filosofia da Informação publicados no GT1 do ENANCIB no ano de 2017.....	80
Quadro 12 Artigos selecionados que abordam os problemas da Filosofia da Informação publicados no GT1 do ENANCIB no ano de 2018.....	81
Quadro 13 Artigos selecionados que abordam os problemas da Filosofia da Informação publicados no GT1 do ENANCIB no ano de 2019.....	82
Quadro 14 – Artigos analisados	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
CI	Ciência da Informação
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FI	Filosofia da Informação
GT	Grupo de Trabalho

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2	OBJETIVOS	16
1.2.1	Objetivo Geral.....	16
1.2.2	Objetivos Específicos.....	16
1.3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
2	FILOSOFIA: O QUE É?	26
2.1	FILOSOFIA E O PENSAMENTO CONCEITUAL: UMA RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E CIÊNCIA	33
3	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	40
3.1	OS EIXOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	58
4	FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO	67
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	78
5.1	ANÁLISE DAS CATEGORIAS	83
5.1.1	Categoria: Problema Ontológico.....	85
5.1.2	Categoria: Problema Epistemológico.....	85
5.1.3	Categoria: Problema Epistemológico II.....	88
5.1.4	Categoria: Problema da Realidade	93
5.1.5	Categoria: Problema da Ação.....	94
5.1.6	Categoria: Problema da Comunicação	96
5.1.7	Categoria: Problema da TIC	97
5.1.8	Categoria: Problema Ético.....	98
5.2	ANÁLISE GERAL	101
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	106

1 INTRODUÇÃO

A Filosofia da Informação pode ser definida como um campo filosófico que se preocupa com a reflexão crítica, indagações transdisciplinares, a problematização conceitual e princípios básicos da informação. Como característica destaca sua forma dinâmica de utilizar e relacionar as ciências, também utiliza diversas metodologias, em especial as computacionais, a aplicação da informação teórica para reflexões sobre problemas filosóficos. Assim esse campo mostra uma relação entre a escolástica, que na Idade Média foi uma doutrina que se preocupava com problemas relacionados a fé e a razão, e uma inovação conceitual partindo de uma modernização da dialética (ILHARCO, 2004).

A busca pela verdade não está restrita ao papel da Filosofia, vai muito mais além do que resultados e explicações sobre a vida. A informação é uma grande aliada como suporte para o conhecimento e o desenvolvimento de tal. Neste trabalho, procura-se apresentar alguns aspectos dessa vertente que, a partir de alguns pontos, pode ser relacionada à CI relacionada à Ciência da Informação, a Filosofia da Informação.

Para Luciano Floridi (2002a), pode-se contar com um vocabulário de conceitos muito rico na Filosofia da Informação. Quando não se entende uma série de eventos, torna-se necessário fornecer uma certa explicação, que para a Filosofia constitui reformular qualquer assunto em termos informacionais.

A Filosofia da Informação desenvolve uma capacidade semântica, tida como sua metodologia, que é vista por Floridi (2002a) como uma das suas características, assim consegue apresentar por meio da Filosofia informacional, um paradigma extensivo, detalhado e inteligível.

A preocupação com as relações entre o ser humano e a informação, não tendo como prioridade preocupar-se com as operações e as ferramentas que dão apoio à informação, e assim procurar analisar os mais variados assuntos que estejam conexos à informação, também são características da Filosofia da Informação. A própria Filosofia da Informação tem como ambiente de estudo e pesquisa o espaço do ser humano. A produção da informação é encontrada nesse ambiente, que propicia o desenvolvimento, disseminação e apropriação da informação, enquanto objeto criado pelo ser humano. Assim sendo, tem-se uma

realidade propícia para reflexões e análises perante o fluxo e a informação (FLORIDI, 2002a).

Pode-se perceber a importância de contribuições filosóficas como campo de reflexão para um objeto “mutante” que é a informação. O pensar na informação como um grande artefato para a ampliação e desenvolvimento do conhecimento, possibilitando o exercício do desenvolvimento reflexivo e como a Ciência da Informação pode, de fato, se beneficiar.

Como método, a Filosofia da Informação utiliza uma forma relacional, pois, tem como meios a complexidade do ser humano, seu ambiente e pensamento (FLORIDI, 2002). Mas o que chama atenção como seu objeto de pesquisa e estudo, é a uma informação que possa ser aberta, livre. O que seria uma informação aberta ou livre? Que não é dominada, não está presa a algo ou a uma propriedade. Dominada no sentido de poder ser e ter condições de manipulação. Uma informação “liberta” seria a ideal, pois não estaria sob controle humano, mas sim apropriada para sua percepção (FLORIDI, 2002).

Com os desenvolvimentos da Filosofia da Informação, tendo início com as ideias de Luciano Floridi (2002, 2004, 2010, 2011), apresentam uma relação entre os problemas da Filosofia com o objeto de estudo da Ciência da Informação, a informação. Assim sendo, Floridi tem como objetivo mostrar em seus estudos como os problemas filosóficos podem e devem ser aplicados na área da Ciência da Informação.

O pensamento filosófico foi apresentado com intenção de agregar a comunidade acadêmica da Ciência da Informação com reflexões acerca de problemas relevantes da área, isso com o intuito de agregar para uma construção e desenvolvimento de visões e abordagens diferentes sobre o mundo e o desenvolvimento do ser humano como criador e disseminador do conhecimento. Lembrando que tanto o conhecimento filosófico quanto o conhecimento científico não se sobrepõem um ao outro, pois tal intenção é a conexão entre ambos para uma produção consciente e responsável de conhecimento à sociedade.

Como vemos apresentado no decorrer da pesquisa, os textos “A Condição da Informação” de Aldo de Albuquerque Barreto (2002), e “Epistemologia e Ciência da Informação” de Rafael Capurro, ambos chamam atenção pela sua abordagem filosófica na Ciência da Informação, onde apresentam uma importante reflexão sobre a Informação.

A busca pela compreensão da Filosofia da Informação se torna aliada para assim conseguir perceber onde e se estão inseridas suas abordagens na Ciência da Informação. Não se consegue perceber algo não tendo a compreensão do que pode ser. Encontrar os aspectos da Filosofia da Informação nos estudos da Ciência da Informação se torna necessário, pois assim se torna fundamentada as interações que podem ser viáveis a partir do estudo das duas áreas.

Diante disso, o objetivo geral da presente pesquisa foi analisar as perspectivas dos problemas da Filosofia da Informação na Ciência da Informação a partir das publicações do GT1-Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do ENANCIB com base nos Problemas da Filosofia da Informação.

A escolha do GT1 justifica-se pelo fato de sua ementa ter como foco principal o desenvolvimento de estudos históricos e epistemológicos na área de Ciência da Informação, estando assim alinhado com a proposta desta pesquisa. Conforme pode ser verificado em sua ementa disponibilizada no site da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação – ANCIB, “Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação (escolas de pensamento, correntes teóricas, autores e obras de fundamentação, leituras teórico-metodológicas e conceituações). [...] Reflexões e discussões sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade” (ANCIB, 2020).

Portanto, diante dos estudos, percebe-se que a busca pela compreensão da Filosofia da Informação torna-se aliada para assim conseguir perceber onde estão inseridas na Ciência da Informação. Encontrar os aspectos da Filosofia da Informação no GT1 da Ciência da Informação se tornou necessário, pois assim possibilita fundamentação da relação entre ambas as áreas.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A Ciência da Informação tem relação com a Filosofia da Informação, porém são poucos os vestígios de sua sistematização. Em vista disso, neste trabalho procurou-se investigar e apresentar onde podemos de fato visualizar a relação entre ambas as áreas para assim evoluir na compreensão e no desenvolvimento das pesquisas e estudos que possam contribuir para o crescimento da Ciência da Informação.

Identifica-se uma possibilidade de fundamentar as perspectivas existentes entre a Ciência da Informação e a Filosofia da Informação, compreendendo suas relações e a importância de ambas para o crescimento reflexivo das áreas.

A importância de uma investigação das contribuições filosóficas para a área da Ciência da Informação torna-se de grande valia para uma compreensão das perspectivas existentes em ambas as áreas de conhecimento. Assim sendo, compreende-se que a Filosofia da Informação tem como preocupação as relações entre o ser humano e a informação, não tendo como prioridade preocupar-se com as operações e as ferramentas que dão apoio à informação, e juntamente procura analisar os mais variados assuntos que estejam conexos à informação. A própria Filosofia da Informação tem como ambiente de estudo e pesquisa o espaço do ser humano.

[...] o pensar filosófico, ao direcionar suas reflexões para as atividades correntes da ciência da informação, pode abrir, a esta, novos horizontes em suas áreas de atuação, especialmente quando se trata de lidar com volumes crescentes de informações. A compreensão do valor significativo da linguagem, e de sua importância representacional, podem levar à otimização dos processos de análise, organização e uso da informação, e a uma aproximação do cerne da ciência da informação, em escala planetária (ROBREDO, 2007, p. 2).

Identificar as perspectivas da Filosofia da Informação na Ciência da Informação é relevante para a área da CI, pois devido à sua abordagem interdisciplinar, pode contribuir para uma visão mais social da informação, auxiliando e valorizando o conhecimento científico.

Portanto, contextualizar as relações entre as áreas, identificando os problemas da Filosofia da Informação nas publicações realizadas na Ciência da

Informação tem uma grande relevância para ambas as áreas, favorecendo uma maior aproximação entre elas.

Na Ciência da Informação, “na atual valorização do conhecimento científico, a área pode atuar como padrão que une campos científicos e pessoas numa rede de conhecimentos, na sociedade” (FREIRE, 2002, p. 2). Assim a troca e integração de conceitos, ideias e abordagens é de grande valia, para que as também diversas ciências transformem e multipliquem conhecimento, e isso só é possível pois, segundo Saracevic: “a característica interdisciplinar da ciência da informação não precisa ser procurada, está lá, no âmago do próprio campo científico” (SARACEVIC, 1995, p. 40)

Os estudos desenvolvidos dentro de uma Universidade, em um programa de pós-graduação agregam vários fatores, como os estudos, a equipe docente, os eventos de pesquisa, materiais compartilhados, o seu desenvolvimento em si. Todo processo que ocorre por meio de uma pesquisa seja ela uma dissertação ou uma tese, é de grande importância, pois visa atingir não só a comunidade docente, acadêmica, como também a comunidade externa. Assim toda relação que a pesquisa busca e tem a intenção de ser apresentada, visa mostrar os aspectos importantes que podem agregar na vida das pessoas de modo geral, ou particular.

Dessa forma, esta pesquisa se justifica pela contribuição para a produção do conhecimento científico dirigido à Ciência da Informação, e aos trabalhos voltados à Filosofia da Informação, aos problemas de Filosofia da Informação, e às publicações do GT1 do ENANCIB, com a intenção de promover uma proximidade e familiarização com o tema proposto.

Assim sendo, esta pesquisa almeja contribuir para a ampliação dos conhecimentos na área da Ciência da Informação, em específico as pesquisas que abordam os problemas da Filosofia da Informação ou a área como um todo.

Desse modo, nesta dissertação, pretende somar e contribuir com novas reflexões e perspectivas a respeito do tema Ciência da Informação e Filosofia da Informação. Assim, o tema proposto possibilita perceber a necessidade de contribuições teóricas e investigações, pois afetam a produção de pesquisas que envolvem ambas as áreas.

Diante disso, esta pesquisa é pertinente academicamente, pois abrange como campo de investigação GT-1 Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do ENACIB, que tem como objetivo: apresentar e refletir sobre os

problemas da Filosofia da Informação identificados em artigos da Ciência da Informação por meio de análise.

Relacionar duas áreas tão distintas como a Ciência da Informação e a Filosofia, é um desafio. A autora tem como primeira graduação a Filosofia e o desenvolvimento de estudos no Mestrado em Ciência da Informação, vê a possibilidade da relação e construção entre ambas as áreas. Desse modo, o desafio de apresentar não só para o desenvolvimento deste tema, mas identificar as perspectivas dos problemas da Filosofia da Informação nos textos do GT1 do ENANCIB, é importante pois como para futuras pesquisas podem ser significativo e facilite a visualização de um trabalho em conjunto entre as áreas. Diante disso, ampliar visivelmente a Ciência da Informação para novos embasamentos de uma constituição filosófica firme, a partir da reflexão sobre a criação enquanto campo e assim propondo questionamentos atuais, que possam contribuir para o futuro da área.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar as perspectivas da Filosofia da Informação na Ciência da Informação a partir das publicações do GT1-Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do ENANCIB com base nos Problemas da Filosofia da Informação.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Apontar a caracterização da Ciência da Informação e da Filosofia da Informação a partir de seus referenciais;
- Identificar os preceitos da Filosofia da Informação nas publicações do GT1-Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação do ENANCIB com base nos Problemas da Filosofia da Informação;
- Apresentar, a partir dos Problemas da Filosofia da Informação, seus aspectos nos artigos do GT1-Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação do ENANCIB.

1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A definição de uma metodologia é um procedimento padrão na comunidade científica, pois indica o caminho a ser percorrido durante a pesquisa. Por meio da metodologia é possível estabelecer um modelo conceitual e prático a ser seguido, que certamente é reconhecido pela academia científica para estudar, fenômenos, sujeitos, propriedades e suas relações. Para González de Gómez (2000), a metodologia da pesquisa designa, de maneira ampla, o início e orientação de um movimento de pensamento cujo esforço e intenção direciona-se à produção de um novo conhecimento. Nesse sentido, a metodologia consiste em estabelecer parâmetros que referenciam o trabalho do pesquisador e garantem a perenidade do conhecimento produzido com base nos cânones do pensamento científico.

Tratou-se de uma pesquisa de tipo bibliográfico que se propôs a analisar de forma crítica como a Filosofia apresenta-se, buscando as contribuições filosóficas para os eixos da CI. Gil (2017, p. 65) destaca que: “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica é o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Possuiu abordagem qualitativa, pois buscou apresentar características voltadas à análise, compreensão e explicação de relações de um determinado fenômeno de modo a considerar o caráter interativo entre os objetivos definidos e as orientações teóricas da pesquisa.

Segundo Cervo e Bervian (2003), quando se fala na busca de informações sobre o assunto a ser estudado, considerando os diversos aspectos de um problema a fim de solucioná-lo, a pesquisa apresenta assim um caráter exploratório. Por meio das hipóteses, é necessário a descrição dos fatos analisados, assim tornando-se o problema mais explícito. (GIL, 2008; TRIVIÑOS, 1987). Ainda Köche (2002, p. 126) fala como os estudos exploratórios desencadeiam “[...] um processo de investigação que identifique a natureza do fenômeno e aponte as características essenciais das variáveis que se quer estudar”.

De acordo com esta metodologia se propôs realizar:

- a) uma contextualização da relação entre ambas as áreas;
- b) explorar as contribuições de ambas as áreas para o desenvolvimento da pesquisa;

c) contribuir para a relação interdisciplinar;

d) sistematizar os resultados obtidos, identificando as implicações teóricas e possíveis práticas no campo da Ciência da Informação e elaborar materiais para publicação e divulgação dos resultados.

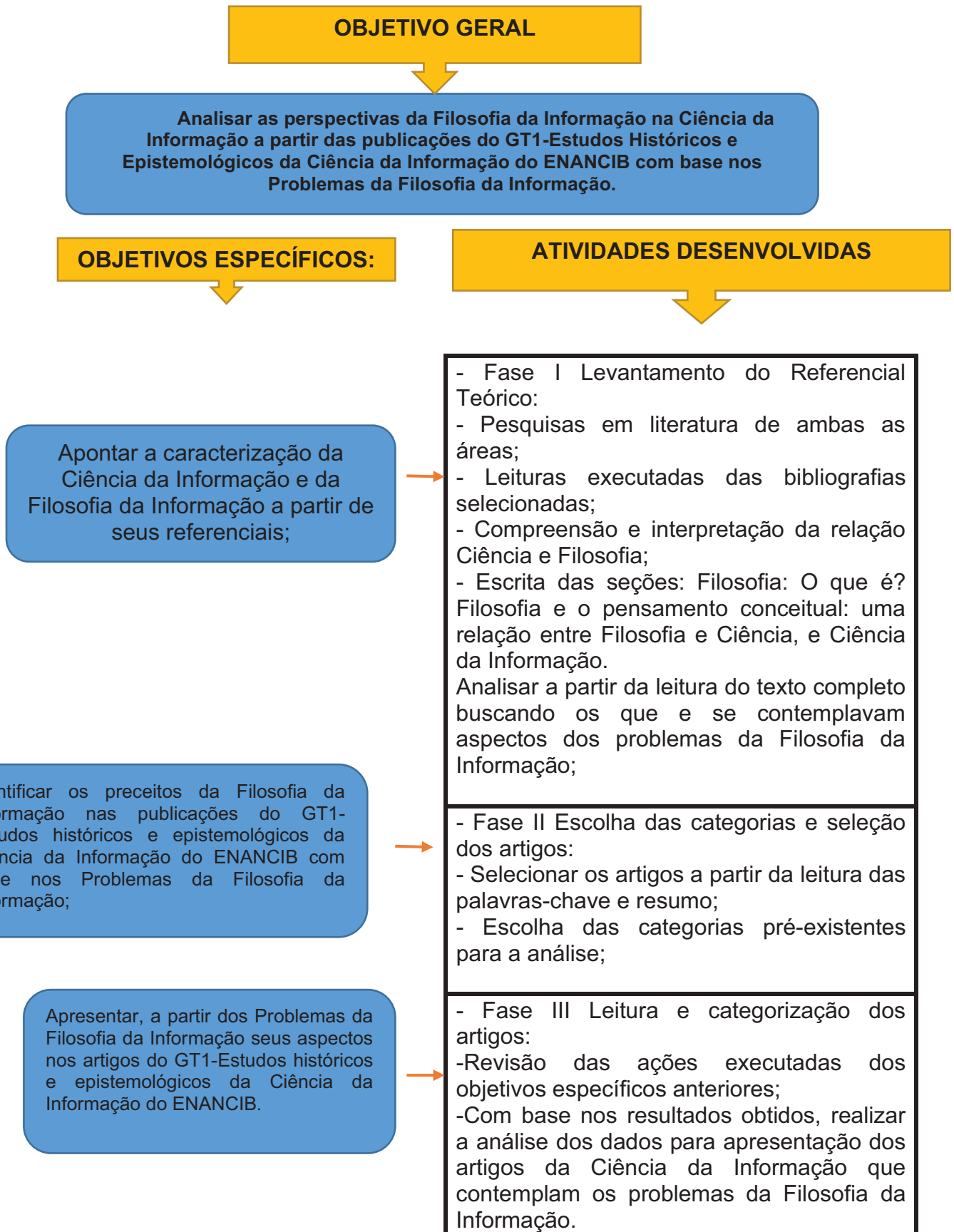
A análise da temática foi do conteúdo da literatura disponível sobre o tema, para assim oportunizar uma pesquisa de caráter analítica e descritiva das características sobre o objeto em estudo apresentado nos objetivos propostos. A partir de uma análise de conteúdo foi possível construir um conhecimento teórico sobre o tema investigado, a fim de auxiliar na construção e compreensão do problema e do objeto de pesquisa.

A medida que se explorou tais fundamentos teóricos, foi possível encontrar determinados conceitos que foram necessários para apresentar relações interdisciplinares possíveis em ambas as áreas, assim mantém maior possibilidades de outras pesquisas.

Quanto aos aspectos metodológicos, as bibliografias referentes as duas áreas, foram os principais parâmetros para tais instrumentos, sobre a Ciência da Informação e as bibliografias referentes a Filosofia da Informação foram importantes fontes de investigação que nortearam esta pesquisa. Para a fundamentação sobre a Filosofia, a Filosofia a sua relação com a Ciência, alguns autores foram utilizados para a fundamentação, como: Sócrates (2004), Platão (2004), Aristóteles (1969), Kant (1973), Nietzsche (1973) Hegel (1973), Kneller (1980), Grimal (1982), Granger (1994), Deleuze e Guattari (2000), Goto (2007), Aranha e Martins (2009), Mostafa e Nova Cruz (2009), Gallo (2013); na Ciência da Informação as fontes utilizadas foram: Japiassu (1934), Bush (1945), Palmade (1979), Fernandez-Molina (1994), Wersig (1993), Saracevic (1995), Pombo (2004), Capurro e Hjørland (2003), Barreto (2008), Araújo (2003,2018); a Filosofia da Informação fundamentada por alguns autores: Floridi (2002, 2004, 2010, 2011), Barreto (2002), Ilharco (2004), Capurro (2007), Moraes (2014).

Nesta perspectiva, o Quadro 1 apresenta uma síntese dos procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa que alcançaram os objetivos propostos.

Quadro 1 – Procedimentos Metodológicos



Fonte: a autora (2019).

Adotou-se para pesquisa a Análise de Conteúdo como ferramenta para melhor desenvolvimento baseado nas etapas proposta por Laurence Bardin (2003). O método utilizado contribuiu para que de forma sistemática desenvolvesse uma análise de dados, como também para o que corpus de análise também fosse um levantamento e seleção das bibliografias, assim chegou-se na fase do tratamento dos resultados obtidos e de uma construção das inferências. Porém, todo esse processo foi marcado por etapas que são: pré-análise, exploração do material e, tratamento dos resultados, inferências e interpretações. As três fases foram desenvolvidas para alcançar os objetivos específicos e, conseqüentemente, o objetivo geral desta pesquisa.

Em uma perspectiva histórica, Bardin (2011) destaca que a análise de conteúdo foi aplicada inicialmente nos Estados Unidos como forma de análise da comunicação. Mas, de fato a técnica de análise de conteúdo surgiu pelas necessidades das áreas de Sociologia e Psicologia, caracterizando vários acontecimentos como: a sistematização das regras e o interesse pela simbólica política nos Estados Unidos nos anos de 1940 e 1950; a expansão das aplicações da técnica a diferentes contextos e o surgimento de novas hipóteses no campo metodológico nos anos 1950 e 1960; e, aos três fenômenos, o computador, os estudos de comunicação não-verbal e desenvolvimento de trabalhos linguísticos por volta de 1960 até a atualidade, abalaram o modo de investigações e as análises de conteúdo.

Segundo Bardin (2011), a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Destaca como a análise também é uma análise de significados, pois interessa-se pelo conteúdo sistemático, objetivo e quantitativo, extraído de comunicações e interpretações.

Os critérios de organização da análise de conteúdo são apresentados por Bardin (2011) sendo: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Essas três fases viabilizaram o desenvolvimento da pesquisa e sua aplicação.

Quadro 2 – 1ª fase da análise de conteúdo utilizada na pesquisa

PRÉ – ANÁLISE		REGRAS
Organização do material para compor o corpus da pesquisa. Escolha de documentos, e elaboração de indicadores para a interpretação final.	Leitura Flutuante Contato inicial com os documentos, é a fase que se elabora as hipóteses e objetivos da pesquisa.	<ul style="list-style-type: none"> • Representatividade: amostras que representam o universo estudado; • Pertinência: documentos adaptados ao tema da pesquisa e,

Fonte: baseado em Bardin (2011).

A pré-análise foi o momento de organização e preparação, onde se teve o contato com os documentos. A chamada leitura flutuante, que compõe a pré-análise, foi o primeiro contato da pesquisadora com os documentos, e desse momento saíram os objetivos. Em sequência tem-se a exploração do material, apresentado no quadro 3:

Quadro 3 – 2ª fase da análise de conteúdo

EXPLORAÇÃO DO MATERIAL	PROCESSO:
Momento em que os dados serão codificados e transformados sistematicamente, para assim e agrupados em unidades.	<ul style="list-style-type: none"> • Unidades de registro: para Bardin (2011), é uma unidade a codificar-se, assim sendo, um tema, uma frase uma palavra; • Unidade de contexto: a presença de unidades e de temas, palavras, frases, torna-se significativo, e sendo crucial a frequência em que aparece a unidade de registro; • Critérios de categorização: sendo escolhas de categorias adotando critérios como :semântico-temas.

Fonte: baseado em Bardin (2011).

Na exploração do material, foi o momento de codificar, passando assim por vários processos. Iniciou-se com o processo de codificação dos dados, ou seja, a unidade de registro, onde foi possível fazer um recorte da pesquisa. Na unidade de contexto, o processo aconteceu por meio de regras de contagem, ou seja, a presença de elementos ou unidades de registros (palavras, temas ou outras

unidades). Porém, outros fatores cruciais foi a frequência onde se aparece a unidade de registro; a aparição por meio dos tempos dos verbos, advérbios e adjetivos; critérios como direção favorável, neutralidade ou desfavorável, positivo ou negativo; e a ordem estabelecida nos registros. Bardin (2011) apresenta os critérios de categorização, ou seja, é a escolha de categorias, a classificação e agregação. Em geral, a categoria é uma forma de pensamento que elucida a realidade, resumidamente em determinados momentos. Assim, passou-se para próxima etapa, o tratamento dos resultados, onde apresentou-se os seguintes termos:

Quadro 4 – 3ª fase da Análise de conteúdo

TRATAMENTO DOS RESULTADOS	
Segundo Bardin (2011), é o tratamento dos dados que foram transformados em unidades significativas.	Inferência:
	A inferência é orientada por polos de comunicação (emissor, receptor, mensagem, canal) sendo: <ul style="list-style-type: none"> • Emissor: produz a mensagem; • Receptor: recebe a mensagem examina sobre o que se remete; • Mensagem: verifica o conteúdo, código, significado, significantes e significação; • Canal: procedimento experimental.

Fonte: baseado em Bardin (2011).

Na etapa apresentada logo acima, tratamentos dos resultados, a inferência foi utilizada como técnica para o tratamento de resultados orientada pelos seguintes polos de comunicação (emissor, receptor, mensagem e canal). Em seguida, descobrem-se novos temas e dados. Assim, nasce a necessidade de se conferir os enunciados e ações entre si, com a intenção de averiguar as possíveis unificações. Para a interpretação dos dados, é necessário que se retorne ao referencial teórico da pesquisa, baseando nas análises dando sentido à interpretação realizada. Assim as interpretações pautadas nas inferências, buscam aprofundar o significado das palavras, para assim apresentarem de forma aprofundada o discurso dos enunciados.

Para o desenvolvimento da dissertação, a análise foi baseada nos artigos completos publicados nos anais do ENANCIB nos três últimos anos (2017-2018-2019) no GT1-ESTUDOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA DA

INFORMAÇÃO. A análise teve como objetivo analisar os artigos selecionados que abordam aspectos dos Problemas da Filosofia da Informação baseado nas ideias de Luciano Floridi (2004).

Os procedimentos metodológicos foram sintetizados no Quadro 1 de modo que a pesquisa foi fundamentada na Análise de Conteúdo e dividida em 3 Fases, sendo elas:

- 1ª Fase: Levantamento do Referencial Teórico, relacionamento autores da Ciência da Informação e Filosofia da Informação;
- 2ª Fase: Escolha das categorias e seleção dos artigos.
- 3ª Fase: Leitura e categorização dos artigos.

Na 2ª Fase definem-se as categorias de análise com base em Floridi (2004), sendo identificadas um total de 8 (oito) categorias pré-existentes, tendo em consideração as reflexões temáticas da Filosofia da Informação para a Ciência da Informação, servindo para a análise. Para o levantamento e escolha das categorias, houve cuidado e preocupação em agregar as temáticas abordadas, propondo atender ao princípio da exclusão, onde Bardin (2011) aponta que um componente não pode estar em mais de uma categoria.

As categorias utilizadas foram:

- 1- Problema Ontológico;
- 2- Problema Epistemológico;
- 3- Problema Epistemológico II;
- 4- Problema da Realidade;
- 5- Problema da Ação;
- 6- Problema da Comunicação;
- 7- Problema da TIC; e
- 8- Problema Ético.

Estas categorias pré-existentes emergiram da leitura do Referencial Teórico analisado na 1ª Fase e das discussões na própria área da Ciência da Informação no âmbito da Filosofia da Informação.

Após a escolha das categorias iniciou-se a análise dos artigos completos publicados no GT1 e utilizando como critério a identificação dos seguintes termos: “Informação, Ontologia, Epistemologia, Tecnologia da Informação, Ética e Ética da Informação” nas palavras-chaves ou no resumo dos artigos.

Na 3ª Fase foram realizadas as leituras completa dos artigos selecionados na fase anterior, identificando os artigos que contemplam aspectos dos problemas da Filosofia da Informação baseado nas ideias de Floridi (2004) e categorizando-os de acordo com as categorias definidas na fase anterior.

A partir dos resultados foram realizadas a análise de forma independente em cada uma das categorias com cada artigo. Ao final, apresentou-se uma análise geral sobre o desenvolvimento da análise e os resultados adquiridos.

Nesta dissertação, o texto se estrutura da seguinte maneira: Na 2ª seção foi apresentada a essência da Filosofia como experiência filosófica, visando apresentar: o que é a Filosofia, para que serve?, Qual seu contexto histórico e por meio da reflexão filosófica apresentou os variados pensadores, desde a Grécia antiga até a modernidade, expondo suas ideias sobre o que consideram ser a Filosofia. As áreas do filosofar também foram apresentadas como forma de elucidar na busca relacional com outros meios de conhecimento.

A 2ª seção abordou também da relação entre a Ciência e a Filosofia. A relação das duas áreas foi apresentada com base no contexto histórico onde foram abordadas a distinção e semelhança entre ambas. Partindo da essência da Filosofia, como da Ciência, a contribuição de uma para outra, foi o ponto de destaque, pois a importância das relações se sobrepõe a qualquer diferença.

Para a 3ª seção abordou de apresentar o que é a Ciência da Informação, qual a sua história, o que ela abrange, suas teorias e paradigmas que fazem parte da construção e base para a sua estrutura e assim ramificação para os diversos eixos. Não menos importante, foi abordado seu destaque como uma ciência interdisciplinar.

Ainda na 3ª seção, a apresentação dos eixos da Ciência da Informação e sua relação com os autores da área, destacou o EIXO 1 - O Fenômeno da Informação que aborda Epistemologia onde abrangem o GT-1 Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do ENACIB (Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação), que os artigos foram objetos de análise nesta dissertação. A Epistemologia como a Ciência da Informação também foi abordada, e assim podendo apresentar a sua relação no GT-1.

Na 4ª seção, foi feita uma exposição do que é a Filosofia da Informação. O que ela trabalha? Qual relação dentro da área da Ciência da Informação? E, para ressaltar, a importância das reflexões desenvolvidas e apresentadas pela Filosofia

para o desenvolvimento da Ciência de Informação, visou a informação como objeto principal de fomento para tais ponderações.

Os resultados obtidos e sua análise compõem a 5ª seção. Para a análise, esta dissertação teve como interesse analisar as temáticas abordadas nas comunicações apresentadas no GT-1, pois corroboram com as algumas das ideias abordadas na pesquisa, e assim vimos na ementa da ANCIB: “Paradigmas da Ciência da Informação, constituição do seu campo científico e questões epistemológicas subjacentes. Inclui discussões sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade da área, bem como a construção do conhecimento em Ciência da Informação do ponto de vista histórico” (ANCIB, 2019). Como citado pela ANCIB (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação) no trecho acima, o trabalho procurou abordar as discussões citadas de forma com que as apresentassem seus aspectos na Ciência da Informação e Filosofia da Informação.

As Considerações Finais contemplam considerações acerca da realização e desenvolvimento da pesquisa, dos resultados alcançados e de perspectivas para novas investigações e futuros trabalhos.

2 FILOSOFIA: O QUE É?

Para compreender o que é Filosofia é preciso passar pela apreensão do processo filosófico. Apresenta-se o pensamento filosófico como ponto de partida para elucidar um pouco sobre a área. No sentido filosófico, o pensar não é algo considerado comum, pois tem a intenção de mudança e transformação de vidas, de sair do estado de naturalização. O pensar filosófico não é restrito ao filósofo, nem superior a todos os outros, o que pode caracterizar tal pensamento, é como diferente, um modo ímpar de analisar ações e pensamentos. É dessa atitude, diferenciada que resulta a experiência filosófica, os pensadores exigentes não se contentam com definições prontas. Assim, nessa seção apresenta-se um conjunto de filósofos que foram escolhidos para representar um pouco da diversidade de ideias e pensamentos dentro da Filosofia.

O filósofo alemão Kant, se refere ao filosofar:

Não é possível aprender qualquer filosofia; [...] só é possível aprender filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os (KANT, 1973, p. 407).

A Filosofia não está à margem do mundo, não sendo doutrinadora, ou visando se satisfazer com um saber acabado ou até um conjunto de ideias e conhecimentos finalizados. Como sua principal intenção, pressupõe disponibilidade para indagação, como forma de reconhecimento do mundo e de si. Todo esse processo e condição de problematização ressalta uma das importantes características da Filosofia, que é não a posse da verdade, mas sim a sua busca (GALLO, 2013).

Isso não significa que apenas alguns privilegiados possam fazer a filosofia neste contexto. Nas reflexões do filósofo italiano Antonio Gramsci (1986), todos nós podemos fazer filosofia, portanto todos somos filósofos, na medida em que todo o ser humano, de uma forma mais ou menos intensa e duradoura, pensa sobre os problemas que enfrenta em sua vida. “De certo modo, todo ser humano se utiliza de conceitos, ou até mesmo de fórmula, em alguns momentos de sua vida”. (GALLO, 2013, p. 13)

O filosofar como característica da Filosofia, mas como poder de todos, apresenta como o ser humano é capaz, por meio de seu pensar, produzir e criar instrumentos para seu desenvolver. No caso da Filosofia o que a distingue de outros conhecimentos e áreas, são seus instrumentos e o que produz, no caso, os conceitos.

A Filosofia nasce quando promove a passagem do mito como saber para o saber racionalizado, porém não rompe com as estruturas e características explicativas do mito. Durante muito tempo os filósofos antigos compartilharam crenças míticas, enquanto desenvolviam o conhecimento que os levariam à Filosofia.

O mito se opõe ao logos como a fantasia à razão, como a palavra que narra à palavra que demonstra. Logos, e mito são as duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida do espírito. O logos, sendo uma argumentação, pretende convencer. O logos é verdadeiro, no caso de ser justo conforme à “lógica”; é falso quando dissimula alguma burla secreta (sofisma). Mas o mito tem por finalidade apenas a si mesmo. Acredita-se ou não nele, conforme a própria vontade, mediante um ato de fé, caso pareça “belo” ou “verossímil”, ou simplesmente porque se quer acreditar. O mito, assim, atrai em torno de si toda parcela do irracional existente no pensamento humano; por sua própria natureza, é aparentado à arte, em todas as suas criações (GRIMAL, 1982).

Dessa forma, a ruptura do pensamento racional da Filosofia com o mito acontece de forma gradual. A nova ordem humana foi se reconstituindo lentamente com o aparecimento da pólis, da escrita, da moeda, da lei da escrita. Ainda assim, hoje em dia, altos índices de analfabetismo (não ter acesso ao emprego, inserção social, sobretudo acesso à sociedade da informação) constituem um grande obstáculo ao desenvolvimento de uma consciência crítica.

A etimologia da palavra Filosofia (*philos-sophia*), vem de origem grega, e significa “amigo da sabedoria”, ou “amor à sabedoria”, ou “amizade pelo saber”. Segundo tradição antiga, referida por Cícero, o termo filósofo é atribuído a Pitágoras (século VI a.C.), que, na sua modéstia, disse ser Deus o único ser que pudesse chamar “sophos”, isto é, sábio.

O documento mais antigo, que menciona a palavra em sua forma verbal, é a passagem de Heródoto (século V a.C.) em que narra o encontro de Sólon com Creso, rei da Lídia. Assim o rei saudou o ateniense: “A fama da tua sabedoria e das tuas peregrinações chegou até mim e soube que tu, filosofando, visitaste grande parte do mundo para observar” (FONTANA, 1969, p. 4).

Vemos, que a expressão “para observar” encerra a explicação da palavra “filosofar”. Assim percebe-se o que torna Sólon um filósofo é a circunstância de viajar não como comerciante ou guerreiro, mas com a intenção de um fim exclusivamente prático.

Tradicionalmente, consideravam a Filosofia o conjunto dos conhecimentos humanos, o saber universal desinteressado. O filósofo Aristóteles foi um dos primeiros a sistematizar o saber, que possibilitou e deu condições para que: a Lógica, a Física, a Psicologia, a Cosmologia, a Zoologia, a Metafísica, a Ética, a Política, a Economia, a Retórica e a Estética fossem pensadas, cada uma na sua época, de forma relacionada e de acordo com os ramos do saber (FONTANA, 1969). Aos poucos, porém as Ciências foram definindo seu objeto e gradativamente se separam da Filosofia. Algumas, desde a antiguidade, ganharam a sua independência, como a Matemática com Euclides (300 a.C.), a Mecânica com Arquimedes (III a. C.). Na Idade Moderna, da Renascença até hoje, as demais Ciências se libertaram, a Física com Galileu (século XVII), a Química com Lavoisier (século XVIII), e assim por diante (ARANHA e MARTINS, 2009).

Incluimos Immanuel Kant como o primeiro filósofo que estabelece os limites, os objetos e o valor das ciências, declarando que a Ciência visa somente aos fenômenos, isto é, investiga o campo do sensível, não ultrapassando o campo da experiência.

De fato, quando se verifica as formas dos corpos, sua composição, suas propriedades, formulamos juízos que exprimem fatos ou relações entre fatos. São juízos, portanto, de uma existência ou realidade, ao passo que, outros juízos podemos formular sobre o valor das coisas e não o que elas são, sendo esses juízos de valor que ultrapassam o campo do sensível e da experiência. Desse modo, pode-se compreender que os juízos de realidade são científicos e os juízos de valor são filosóficos. Os juízos filosóficos são estimativos; a Lógica permite-nos avaliar o valor de um raciocínio ou de um método; a moral aprecia o valor de nossos atos; a estética, o valor de nossas concepções (ARANHA e MARTINS, 2009).

Diante disso, para compreensão da Filosofia, tem-se a visão de alguns filósofos como elucidação intelectual de vários pensadores em épocas distintas. Para aprimorar nossa reflexão, iniciamos com o “Pai da Filosofia”, Sócrates, que por meio de seus diálogos em Teeteto de Platão, compara o trabalho de uma parteira a de um filósofo.

VII — Sócrates — A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. Porém a grande superioridade da minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro. Neste particular, sou igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria (PLATÃO, 2004, 56).

A intenção não é propor afirmações, mas sim favorecer o nascimento da verdade vinda da alma. O método maiêutico utilizado pelo filósofo é baseado em todo processo gestacional, comparado com o processo de investigação interno, sistemático e individual, tendo como objetivo parir a verdade dentro de si. Assim, pode-se compreender a Filosofia como uma arte obstétrica espiritual (NICOLA, 2005).

Seguindo a ordem cronológica dos filósofos da Grécia Antiga (Sócrates, Platão, Aristóteles), Platão que foi discípulo de Sócrates e registrou a maioria de seus diálogos, o filósofo utiliza do Mito da Caverna que se encontra, no livro VII da República, para apresentar, por meio de metáforas, sua compreensão sobre a Filosofia.

Sócrates: Agora imagine a nossa natureza, segundo o grau de educação que ela recebeu ou não, de acordo com o quadro que vou fazer. Imagine, pois, homens que vivem em uma morada subterrânea em forma de caverna. A entrada se abre para a luz em toda a largura da fachada. Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja diante deles. A luz lhes vem de um fogo que queima por trás deles, ao longe, no alto. Entre os prisioneiros e o fogo, há um caminho que sobe. Imagine que esse caminho é cortado por um pequeno muro, semelhante ao tapume que os exibidores de marionetes dispõem entre eles e o público, acima do qual manobram as marionetes e apresentam o espetáculo (PLATÃO, 2004, p.300).

A caverna é nosso mundo, os escravos são os homens, as correntes são as paixões e a ignorância, as sombras são as percepções sensoriais, quando o escravo sai da caverna é a ação libertadora da filosofia, a ventura do mesmo fora da caverna é a experiência filosófica, o mundo fora da caverna é o mundo verdadeiro, o Sol que ilumina o mundo fora da caverna é a ideia do conhecimento, e o regresso do escravo para a caverna representa o papel do filósofo com a sociedade, readaptar-

se a vida na caverna é a inadequação social do filósofo, e a morte final do escravo é representada pela morte de Sócrates.

Discípulo de Platão, Aristóteles, citado mais acima, também tem suas contribuições acerca da Filosofia extraídas de seu livro *Metafísica*, Livro I.

Os homens no início como agora, encontram no assombro o motivo para filosofar, porque no início eles se maravilhavam diante dos fenômenos mais simples, dos quais não podiam dar-se conta, e depois, paulatinamente, se encontraram diante de problemas mais complexos, como as condições da Lua e do Sol, e as estrelas, e a origem do universo. [...] E, se é verdade que todos os homens começaram a filosofar para livrar-se da ignorância, é evidente que procuravam conhecer por amor ao saber, e não por alguma necessidade prática (ARISTÓTELES, 1969, p. 52).

Relata que a Filosofia nasce do assombro em que sentimos diante dos mistérios naturais. Entre o pensamento mítico e o pensamento filosófico existe continuidade, pois ambos buscam o fim último das coisas. A Filosofia é amor puro e desinteressado pelo conhecimento, é pura atividade contemplativa.

Também citado acima, Kant (1793) em sua obra *Crítica da Razão Pura*, apresenta-nos um olhar racional perante a Filosofia:

[...] o apelo à razão para que assuma novamente o mais árduo de seus trabalhos, a saber, o do autoconhecimento, e instaure um tribunal capaz tanto de assegurá-la em suas pretensões legítimas como, por outro lado, de ajudá-la a livra-se de todas as presunções infundadas; e isso não por meio de decretos arbitrários, mas segundo suas leis eternas e imutáveis; e este tribunal não é outro senão a própria crítica da razão pura (KANT, 1793, p. 407).

A razão é cotada como necessária para uma análise crítica do saber, que consiste na mente analisar a si mesma. Imaginemos como exemplo uma tribunal em que o juiz e o acusador são a mesma pessoa, a razão, se quiser estabelecer quais são os propósitos limites de ação, deve chamar-se em juízo e analisar a si mesma para verificar os limites da própria legalidade, ou seja, quando e como se produz um conhecimento verdadeiro e quando, ao contrário, o erro.

Na obra *Princípios da Filosofia do Direito*, do filósofo Wilhelm Friedrich Hegel (1821), o autor faz uma crítica sobre o papel da Filosofia. Relata que a Filosofia não deve imaginar como o mundo deveria ser, mas limitar-se a explicá-lo: “Mesmo ao dizer algumas palavras sobre a doutrina de como deve ser o mundo, a filosofia sempre chega tarde demais. Enquanto pensamento do mundo, ela aparece

pela primeira vez no tempo depois que a realidade completou o seu processo de formação e já está pronta e acabada [...]” (HEGEL, 1973, p.21). A sua tarefa, porém, é interpretativa, e foram absurdas as tentativas dos filósofos que procuraram estabelecer como a realidade deveria ser. Diz ainda que a Filosofia não precede, mas justifica a *posteriori* a realidade, assim como a coruja levanta seu voo somente depois que termina o dia.

Friedrich Nietzsche, em seu livro *O Crepúsculo dos Ídolos* (11), trata a Filosofia como uma doença milenar que deprime o homem ocidental. Primeiro vestígio desse apontamento feito pelo filósofo, o desejo de morrer proclamado por Sócrates.

Dei a entender o que fez com que Sócrates exercesse fascínio: ele parecia ser um médico, um salvador. Faz-se ainda necessário indicar o erro que repousava em sua crença na ‘racionalidade a qualquer preço’? - Imaginar a possibilidade de escapar da *décadence* através do estabelecimento de uma guerra contra ela é já um modo de iludir a si mesmo criado pelos filósofos e moralistas. O escape está além de suas forças: o que eles escolhem como meio, como salvação, não é senão uma nova expressão da *décadence*. Eles transformam sua expressão, mas não a eliminam propriamente. Sócrates foi um mal-entendido. *Toda moral fundada no melhoramento, também a moral cristã, foi um mal-entendido [...]* (NIETZSCHE, 1973, p. 11 grifos do autor).

Para Nietzsche, a grandeza da humanidade teve fim quando a Filosofia substituiu a tragédia. Compreende-se que a tragédia representava a realidade crua, sem mascarar. E com Sócrates prevaleceu uma atitude de fuga em relação à vida, o que ele chama de uma patologia do espírito.

Pode-se perceber um grande rigor nos pensamentos de Kant (1773), Hegel (1773) e Nietzsche (1844) em relação à Filosofia. Assim, vê-se inovação nos caminhos da reflexão, não significando que algum filósofo seja superior ao outro, mas a importância de compreender revisitando-os.

Assim, pode-se abordar a diversidade em que Filosofia se apresenta por meio de sua história e forma de problematização, ressaltando que cada grande área do filosofar expõe ramos distintos de estudo filosófico, cada qual com seu objeto de investigação.

Quadro 5 – Áreas do Filosofar

ÁREAS	ALGUMAS QUESTÕES ABORDADAS
Epistemologia e Filosofia da Ciência	O que é verdade? O que é a mente? Como é o conhecimento científico? Como se conhece? O que pode ser conhecido? Etc.
Estética	O que é o belo? O que é a obra de arte? Existem princípios universais de beleza? O que é gosto? Gosto se discute? Etc.
Ética ou Filosofia Moral	O que é o dever? Como devemos agir? O que é virtude? O que é o bem? O que é o mal? Etc.
Filosofia da Linguagem	O que é significado? O que é signo? Qual a função da linguagem? Como a linguagem se relaciona com o mundo? Etc.
Filosofia Política	O que é política? O que é justiça? Como surgiu a sociedade? Há relação entre ética e política? O que é igualdade? Etc.
Lógica	O que é um argumento válido? O que é um enunciado falso? O que são falácias? Etc.
Metafísica Ontologia	O que é realidade? O que é o tempo? Tudo é matéria ou espírito? Qual o ser das coisas? Etc.

Fonte: a autora (2019).

O quadro acima representa apenas algumas áreas da Filosofia e como elas podem abordar ou se direcionarem na busca de reflexão para a compreensão e investigação de um problema. Importante considerar que cada filósofo busca a problematização da realidade por meio dos pontos de vista, sendo: linguístico, lógico, estético, político, epistemológico, ético, metafísico, ontológico. Cada ponto de vista constitui uma grande área do filosofar, com os objetos específicos da investigação. A visualização do quadro em relação a abrangência das áreas do filosofar se torna clara na busca relacional com outros meios de conhecimento.

2.1 FILOSOFIA E O PENSAMENTO CONCEITUAL: UMA RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E CIÊNCIA

O termo “ciência” vem do latim *scire*, que etimologicamente quer dizer: conhecimento puro, saber. Na obra *Metafísica*, Aristóteles define que ciência é o conhecimento das coisas por suas causas, assim reconhecendo como quatro causas as: material, eficiente, formal e final.

Pode-se dizer que a ciência é de fato uma forma particular de conhecimento, pois é o fruto de raciocínio e de uma observação ímpar, que envolve a nossa razão e nossa experiência. Assim, para o homem para conhecer algo, deve observar, e para saber algo deve comparar e universalizar tal saber. Por outro olhar, pode-se considerar que a ciência é na validade dos conhecimentos, avaliados como objetivos, uma crença. O francês Émile Meyerson (1925) afirma que ao explicar cientificamente um fenômeno consiste em identificar o anterior com o posterior, assim eliminar a novidade e a mudança, em estabelecer a igualdade entre os termos causa e efeito.

Objetivo da Ciência busca compreender o que é universal em relação aos objetos e fenômenos que estão sendo investigados. Ocorre, porém, uma mudança bastante considerável que foi “dos antigos gregos à ciência moderna, foi o próprio entendimento do que é a ciência e das condições nas quais se dá o conhecimento científico” (COTRIM, 2010, p. 331). Com essa mudança, a partir do século XIX, a ciência moderna se desenvolve, porém a objetividade é sua grande forma. O homem é absorvido pelo seu objeto de pesquisa, e em muitos casos não é mais ele quem faz a “ciência”, mas sim um grupo, caracterizando esse processo como desumanizador.

Edmund Husserl (1910) apresenta a ideia de ciência como sendo um sistema de conhecimentos certos e previsíveis, que são baseados de forma sistemática e ordenada, no sentido demonstrativo e reunidos doutrinariamente. Tal ideia não apresenta a concepção de ciência de uma forma completa, pois se deve considerar que há muito mais nesse processo, como as operações que são criadas e que apresentam novos acontecimentos e, as operações que estabelecem a sistematização.

Nessa perspectiva, pode-se compreender o termo “ciência” perante dois modos, como apresenta Régis Jolivet (1972): objetivo, a ciência sendo um conjunto de verdades e de forma lógica conectadas entre si, de tal forma que constitua um

sistema compreensível; subjetivo, a ciência sendo conhecimento correto das coisas pelas suas causas. Assim compreende-se que a ciência tem como objeto o querer compreender a explicar uma realidade, de modo que a torne coerente à razão.

A ciência é apenas uma parte da tentativa da humanidade de compreender o mundo em todos os seus aspectos. O homem esforça-se por descobrir uma ordem no fluxo da experiência, quer essa ordem seja observada, como na repetição das estações, quer que seja postulada por teorias refinadas como as da relatividade, mecânica quântica e evolução. A busca da ordem na experiência une ciência, literatura, história, religião, filosofia e arte. A ciência procura essa ordem na experiência da natureza adquirida pelo homem; a literatura e a arte procuram-na na experiência interior do homem e em suas relações com os seus semelhantes; a história, no passado humano; a religião, na relação do homem com um Ser Supremo; e a filosofia em todos esses empreendimentos humanos (KNELLER, 1980, p.149).

No livro “O que é filosofia?” de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2000), os autores apresentam e apontam diferenças importantes entre a Filosofia e a Ciência, destacando níveis que mostram que cada qual tem seu espaço, situação e tempo, que é sempre levado em consideração em determinada análise. A ciência é pautada e determinada um referencial histórico que vem das outras ciências, diferente da Filosofia que se imagina algo amplo, sem fronteiras, que abraça e interliga outras áreas. Assim, quando se referenciar à Ciência da Informação deve-se ter um olhar diferenciado, como também quando referenciar-se sobre a Filosofia.

O termo conceito vem da reflexão em busca do conhecimento. Para compreender melhor o que são os conceitos, deve-se refletir sobre determinada ideia, como, por exemplo: Ética. O que é? Em que contexto ela se aplica? Há limite? e assim por diante. Ao fazer esses questionamentos pratica-se a reflexão filosófica e reúne elementos que podem ajudar a elaborar um conceito, o conceito de Ética, por exemplo. De modo tradicional se procurar nos dicionários e em enciclopédias, encontra-se muitas definições da palavra Ética.

O conceito é algo que se difere, é uma elaboração ímpar, que envolve reflexão e modifica quem realiza. Os conceitos não são prontos e acabados, mas estão sempre sendo criados de acordo com as circunstâncias, de acordo com as necessidades, dependendo dos problemas ou objetivos a cada momento. Ao criar e recriar os conceitos, o filósofo está também operando sobre si mesmo, construindo a si mesmo, construindo a sua vida. Deleuze e Guattari (2000) diziam que: “A filosofia é a arte de formar, de inventar, e de fabricar conceitos”. Para os autores

supracitados, a Filosofia tanto quanto a Ciência são tipos de conhecimentos que nos fazem pensar, instigam a curiosidade, para assim renovar o que já se sabe. Ambas buscam sempre novas experiências, possibilidades, gerando sempre algo novo com funções diferentes. Assim da mesma forma que a Ciência necessita da Filosofia para desenvolver suas teorias e funções, a Filosofia também dialoga com a Ciência afim de produzir conceitos, e assim se complementam na criação de novas formas de ver o mundo e a vida. Desse modo, alguns filósofos franceses já diziam: “a ciência é paradigmática, enquanto a filosofia é sintagmática” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 147).

Gallo (2013) explica que como busca da explicação racional, sistematizada e metódica, a Ciência existe no mundo desde a Antiguidade, e como parte da Filosofia. Com o passar do tempo, muitos conhecimentos começaram a se tornar autônomos da Filosofia, inclusive a Ciência que por meio da consolidação de seu método em seus diversos objetos de estudos, constituiu-se diferentes ciências.

Chega-se assim também ao entendimento de que a Filosofia tem um caráter subjetivo ao passo que a Ciência tem um caráter objetivo e impessoal. A Ciência é, pois, por natureza, impassível; a Filosofia tudo considera do ponto de vista do homem, na sua relação de Ética com o homem e com a Ciência.

Os primeiros problemas abordados pelos primeiros filósofos gregos equivalem às mesmas questões com as quais se iniciou a ciência. Os filósofos tinham como aspiração estabelecer um discurso que falasse sobre a natureza íntima de todas as coisas. Assim, coincide com a busca básica da ciência, que é descobrir uma ordem invisível que transforme os fatos em conhecimento.

A Filosofia pode ser compreendida como um processo de produção enquanto as ideias filosóficas são consideradas o resultado desse processo. Assim pode-se fazer comparação com a Ciência em busca de outras formas e outros tipos de conhecimento. Aqui então pode-se ver como a Filosofia e a Ciência consideram o que é realidade: “a abordagem filosófica tende à totalidade, à visão de conjunto, ao passo que a científica privilegia e busca a especialização” (GOTTO, 2007, p.59).

Os métodos são aspectos importantes e que dizem muito sobre cada uma das áreas. Na etimologia “método” vem do grego *meta*, que significa ao longo de, e *hodos*, significa via, caminho; assim pode-se entender como o caminho percorrido, ou caminho que se percorre. Assim o método denota uma atenção especial desde a antiguidade, segundo o filósofo francês Gilles- Gaston Granger:

[...] existem duas áreas em que se haviam desenvolvido, muito antes (do séc. XVII), conhecimentos que ainda hoje designamos como ciências: o das matemáticas e o da astronomia. Mas a exploração dos fenômenos da natureza que não os movimentos regulares dos astros, embora muito ativa, efetuava-se na antiguidade e na idade média de maneira, por assim dizer, anárquica e dispersa. Faltavam um quadro unificador dos meios e dos métodos, mas sobretudo, e mais profundamente, da própria ideia do 'objeto a ser descrito', do tipo de explicação esperando dos fenômenos observados (GRANGER, 1994, p. 40).

Recordando o aspecto histórico, para Goto (2007), a Ciência moderna foi iniciada no século XVII com Galileu Galilei (1564-1642) e Issac Newton (1642-1727), eles eram conhecidos como filósofos naturais, pois a Filosofia era apresentada como a “mãe da ciência”, tal qual a mesma não tem qualquer anseio de supremacia. Nesse período a Filosofia e a Ciência eram vinculadas, pois era o filósofo natural que buscava resolver questões de cunho científico, pois a ciência grega ainda não obtinha seu método para se distinguir da Filosofia.

Lembra-se sempre que o conhecimento científico cresce na medida em que há um processo em que uma teoria crítica e refuta outra, porém em casos mais específicos com as pesquisas sobre Cosmologia a comprovação e experimentação se torna, muitas vezes impossível de ocorrer.

Uma vez que tais critérios permanecem incógnitos para o leigo, que persiste acreditando que o “comprovadamente científico é sinônimo de um conhecimento exato e definitivo, apresentar tal imagem da ciência constitui um esclarecimento não só oportuno como essencial (GOTO, 2007, p. 60).

Ainda se imagina que o conhecimento científico não seja tão discutível quanto o conhecimento filosófico, mas essa ideia é equivocada, pois ambas as áreas têm suas especificidades com base em sua trajetória. Segundo Goto (2007), a Filosofia tem um reconhecimento histórico que no pensamento filosófico há muitas respostas para várias perguntas, porém a Ciência também acompanha essa vasta variedade de forma diferente, na produção do conhecimento científico há a apresentação de inúmeras hipóteses, sendo analisada a mais provável de acordo com a pesquisa. A diferença é vista uma vez que a Filosofia busca uma verdade pautada na ontologia, visando a essência do SER, enquanto a Ciência busca que a determinação de suas hipóteses e teorias estejam ao alcance da compreensão e observação humana.

Quando se fala buscar explicação da vantagem da Ciência, em especial a ciência aplicada, conhecida popularmente como tecnologia, é ainda mais significativa, pois as ideias são palpáveis uma vez que fazem parte do dia a dia. Não diferente do conhecimento filosófico, que se pode citar como exemplos os problemas éticos e morais, porém com seu modo exclusivo de produção de conhecimento.

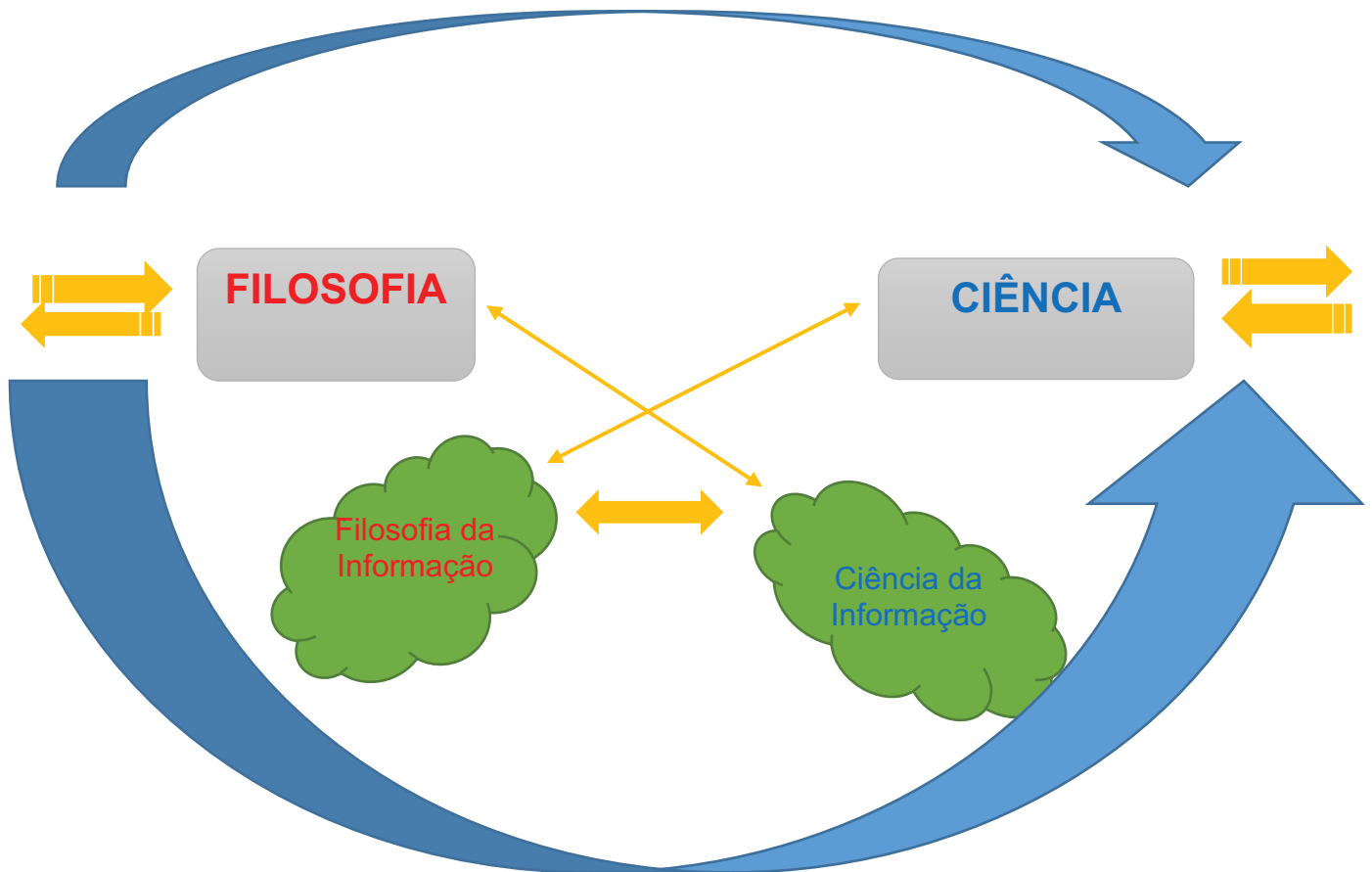
Como motivação do filósofo e do cientista, para elucidar a comparação entre ambos, Nietzsche em sua obra *A Filosofia na época Trágica dos Gregos* (1973), pois ambos são comparados a dois viajantes de um rio selvagem:

O primeiro, com pés ligeiros, salta por onde ele, usando as pedras e apoiando-se nelas para lançar-se mais adiante, ainda que, atrás dele, afundem bruscamente nas profundezas. O outro, a todo instante, detém-se desamparado, precisa antes construir fundamentos que sustentem seu passo pesado e cauteloso; por vezes isso não dá resultado e, então, não há deus que possa auxiliá-lo a transpor o regato (NIETZSCHE, 1973, p. 17).

Neste caso não há intenção de sobrepor a Filosofia perante a Ciência, mas apenas apresentar argumentos de outros pensadores que possam contribuir com as relações que estão sendo feitas do decorrer do trabalho. Vê-se a utilidade da Ciência estando bem mais à vista, pois tem a ver com tudo que se pode operar na nossa existência, o que facilita a nossa vida. A Filosofia passa a impressão que é algo que se prolonga e que muitas vezes não obtemos respostas.

Ciência, literatura, arte, história, religião e misticismo iluminam aspectos da realidade. A filosofia esforça-se por ver a realidade total. Analisa a natureza e as descobertas dos diferentes ramos do conhecimento, examina os pressupostos em que elas assentam e os problemas a que dão origem, e procura estabelecer uma visão coerente do domínio total da experiência. Cada uma dessas formas de conhecimento merece ser cultivada per se. À sua maneira própria, cada uma delas familiariza-nos com uma parte da realidade. Devemos ver a ciência em seu lugar e não esperar que ela assimile ou desacredite essas outras atividades (KNELLER, 1980, p.152).

Figura 1 – O ciclo



Fonte: a autora – 2019.

A imagem acima representa a importância relacional das duas áreas. Tanto a Filosofia (macro) contribui para a Ciência (macro), como tanto a Ciência contribui para Filosofia. Tal relação não somente acontece no campo maior entre Filosofia e Ciência, como também acontece entre Filosofia da Informação (micro) e Ciência da Informação (micro), ambas as áreas contribuem mutuamente uma com a outra. As contribuições, relações, parcerias, ocorrem entre as macro áreas e as micro áreas, formando assim um ciclo interno que se alimenta de forma autônoma, porém não está restrito a contribuições externas. Assim, pode-se observar que tal ciclo envolvendo as áreas macro e micro, contribuem e recebem contribuição externa que advém da sociedade ou de outras áreas.

Segundo Mostafa e Nova Cruz (2009), deve-se lembrar que tanto a Filosofia quanto a Ciência se conectam em suas diferenças, porém utilizam formas de pensamentos diferentes, mesmo que aconteça de se entrelaçar ou até mesmo

esbarrarem, nunca fazem a mesma coisa, desviam-se e multiplicam-se. Ambas não trabalham com indivíduos nem com os mesmos elementos, assim mantem-se uma divisão e ao mesmo tempo uma conexão.

3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A Ciência da Informação se desenvolve com característica interdisciplinar por natureza, pois já em sua origem, juntamente com a tecnologia da informação, propõe resolver problemas referentes ao acúmulo de informações. Tornou-se, enquanto área, participante ativa na evolução da sociedade da informação e tem grande participação na dimensão social e humana (SARACEVIC, 1995). Na década de 1940, após a II Guerra Mundial, é considerado o nascimento da Ciência da Informação dando início a estudos para a solução de problemas devido a grande quantidade informacional desordenada. No ano de 1945 com a publicação do artigo “As we may think”, Vannevar Bush descreve as dificuldades da disseminação da informação no período pós-guerra. Assim, a Ciência da Informação, uma ciência, portanto, bastante recente, nasce em um período histórico em que já se observam as primeiras críticas ao fracasso do projeto da modernidade e ao modelo científico resultante desse projeto (ARAÚJO, 2003, p. 22).

Em relação ao histórico da Ciência da Informação, há pesquisadores como Rayward (1994) e Barreto (2008) que entendem que os vestígios da área se apresentaram antes da explosão informacional que se deu no período Pós II Guerra Mundial. Inclusive, existem pesquisadores como Capurro e Hjørland (2003), Wersig (1993) e Saracevic (1996) que defendem que a origem da Ciência da Informação aconteceu durante o período Pós-Guerra, com o intuito pela busca de soluções para problemas informacionais da época.

Barreto (2008) lembra que desde as pinturas rupestres, a invenção e desenvolvimento da escrita até a internet, os processos de representação da informação motivaram o homem, e reforça a ideia de que a Ciência da Informação já está implícita anterior a inovação tecnológica. Ainda como marco da área, o autor relaciona o papel das redes de saber universal como grande importância para a busca de soluções na produção, organização e disseminação da informação. Assim aponta como um marco importante da Ciência da Informação, a rede de conhecimento de Otlet e La Fontaine:

[...] os determinantes colocados anteriormente permitem refletir com mais liberdade a questão da Ciência da Informação em um desenrolar histórico descritivo, que tem somente a validade no contexto do desenvolvimento histórico da informação e conhecimento. Permitem ainda verificar que o ideal do acesso ao conhecimento livre e para todos não surgiu com a internet (BARRETO, 2008, p. 3).

Visto que, as questões que envolvem a área, relacionadas a diretrizes, rede universal de conhecimento, usos e os usuários, dentre outras, foram retomadas ou revistas a partir dos estudos de Otlet. Assim outro estudioso da área, Rayward (1994) indica que o Tratado de Documentação de Paul Otlet de 1934 deveria ser considerado a primeira obra na Ciência da Informação, pois o modo de organização para agregar a bases de dados bibliográficos, imagéticos, textuais, que hoje em dia são hipertextos, retratam os aspectos da área que constam nessa obra.

Vannevar Bush (1945) é considerado por Barreto (2008) como o precursor da Ciência da Informação com seu artigo “As We may think” de 1945. Em decorrência da publicação de seu artigo, suas ideias passaram a ser discutidas em conferências, tendo como referência a Conferência da Royal Society de 1948.

Assim fomentou-se tais atividades com a criação da área como forma de buscar soluções para administrar o processo de máquinas que visava simular algo semelhante ao processo humano enquanto busca por informações usando conceitos, terminologias e linguagem (BARRETO, 2008). A II Guerra Mundial é considerada por vários autores como motivo para a grande explosão informacional, pois é marcada pela quantidade exorbitante de relatórios que documentavam o acontecimento histórico, assim também as conferências para debater as ideias de Vannevar Bush, marcam o início da Ciência da Informação.

Os problemas relacionados à explosão da informação em meados de 1945, com o advento da II Guerra Mundial, envolveram doses maciças de tecnologia, abordagens interdisciplinares, esforços e investimentos para desenvolverem sistemas modernos de recuperação da informação. A evolução das relações interdisciplinares da Ciência da Informação é avaliada no que concerne a quatro áreas: Biblioteconomia, Ciência da Computação, Ciência Cognitiva, Inteligência Artificial e Comunicação (SARACEVIC, 1995).

A Ciência da Informação nasce nos anos 50, segundo Capurro e Hjørland (2003), final da II Guerra mundial e aliada a disseminação e desenvolvimento dos computadores.

Wersig (1993) compartilha com a ideia de Barreto (2008) em relação ao nascimento da Ciência da Informação, porém vai mais além e acrescenta, que a explosão informacional pós-guerra é onde se encontra o fundamento da área. O autor aponta um diferencial, pois ao contrário das ciências clássicas que buscam o entendimento de como o mundo funciona, a Ciência da Informação vai mais além, tendo como necessidade o desenvolvimento de meios que possam solucionar problemas relacionados à Ciência e Tecnologias, abortando a visão técnica e propondo uma visão humanística.

Ao contextualizar a origem da Ciência da Informação a partir da problema da informação, Wersig (1993) aponta que área nasceu no século XX com a documentação que procurava solucionar o problema do 'dilúvio da literatura', passando pelo foco na recuperação da informação e culminou com aspectos complexos da tecnologia, tornando-se ciência. Assim, a área nasce na mudança do papel do conhecimento para indivíduos, organizações e culturas, influenciada em grande parte, pelo advento da tecnologia (NHACUONGUE; FERDENHA, 2015, p. 8).

Assim, como toda mudança tem seu efeito, não foi diferente, e o conhecimento passa a ser despersonalizado e tratado de forma banal, e por meio da tecnologia a tradução do mesmo passa a ser traduzido para suportes como forma de disseminação em massa.

O perfil da Ciência da Informação é traçado por Saracevic (1996) a partir de três características: a sua natural interdisciplinaridade; conexão da tecnologia com a área e o papel presente no desenvolvimento crescente da sociedade informacional. Com isso, o autor compartilha da ideia de que o artigo "As We may think", de Bush (1945), foi o embrião da Ciência da Informação, dentro do movimento científico que visava sanar com os problemas informacionais devido ao período pós-guerra. Para Saracevic (1996), a essência da Ciência da Informação é caracterizada pela recuperação da informação e que se desenvolveu por meio de três vertentes: a informação descrita intelectualmente, particularidade intelectual da busca e o detalhamento das técnicas e sistemas que serão utilizados. Assim, a Ciência da Informação aflora nos anos 60 como campo científico, e de forma resumida seus problemas encontram-se nos efeitos da informação e conhecimento e processos e usos da informação.

Assim, tem-se dois panoramas distintos onde nasce a Ciência da Informação, um no qual visa a Organização da Informação, e outro usando a tecnologia como instrumento para a recuperação e preservação da informação.

[...] a Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima. [...] está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação. [...] uso de códigos para a transmissão eficiente da mensagem, bem como o estudo do processamento e de técnicas aplicadas aos computadores e seus sistemas de programação. (BORKO, 1968, p.1)

Compreende-se que a CI tem em seu contexto histórico uma alavanca condizente ao movimento veloz das tecnologias de informação e comunicação. Assim, vê-se como grande desafio da área relacionar campos que abordam os efeitos da informação e conhecimento, como meios tecnológicos que garantam a comunicação e uso de forma acessível. A informação considerada como objeto da área traz consigo uma revolução da mesma, composta por produção, organização, armazenamento, representação, disseminação, recuperação, acesso e o seu uso.

A área da Ciência da Informação tem seu foco com base na relação humana, o que se torna contrastante com o foco atual que está centrado na tecnologia. Assim a área se depara com o impasse de lidar com variados questionamentos sobre a relação com a tecnologia, devido à complexidade de se criar o campo advindo diretamente da tecnologia. “Tal complexidade foi herdada da própria gênese do campo, enquanto proposta científica para resolver o problema do excesso da informação, num processo baseado no uso de ferramentas tecnológicas” (NHACUONGUE e FERNEDA, 2015, p. 17).

O campo científico da CI apresenta grande importância no desenvolvimento da área da CI em seu caráter funcional e estrutural. O sociólogo francês Pierre Bourdieu aborda noção de campo que é de grande valia para a essência da Ciência da Informação com outras áreas. Uma reflexão feita por Bourdieu (2004) apresenta uma ideia de mundo científico como sendo um espaço de atuação onde os indivíduos e as instituições que produzem e reproduzem e assim propagam a ciência. Tal espaço é constituído com suas próprias leis, sendo, ‘quanto mais os campos científicos são autônomos, mais eles escapam às leis sociais externas’. Assim dizendo, os campos que são autônomos recebem suas críticas por meio de

demonstrações e muitas vezes argumentos, já campos sem suas normas, estão sujeitos à manipulação por intervenções sociais. Cada campo tem sua forma específica de meios de conhecimento e reconhecimento, cada qual a sua maneira, como meio de fortalecimento da área e contribuição em prol da Ciência. A Ciência da Informação é uma Ciência em fase de estruturação, e ainda apresenta necessidade de desenvolvimento quando se trata da autonomia do campo como todo.

Pesquisadores de ambos os campos, como Sociologia e Ciência da Informação, estudam tópicos semelhantes em foco, como lacunas de conhecimento, faculdades, difusão de inovações, interação humana com tecnologias de comunicação, comportamento de busca de informação, teoria da informação, teoria do sistema e sociedade da informação.

Porém, a Ciência da Informação não “nasce” ainda como uma Ciência Social. Muito ligada inicialmente à Computação (como atesta, por exemplo, a importância do trabalho de Vannevar Bush) e à recuperação automática da informação, ela vai, apenas nos anos 70, promover sua inscrição efetiva nas Ciências Sociais [...] (ARAÚJO, 2003, p. 22).

Por conseguinte, observa-se que a criação e desenvolvimento do conceito, desde a Filosofia antiga, é de grande importância para o desenvolver do ser humano como indivíduo atuante na sociedade, e que busca nas diversas áreas a elaboração de conceitos como forma instintiva de organização para assimilação e criação do conhecimento.

Com base em diversos estudos teóricos, tem-se como compreensão como os conceitos fazem parte de uma estrutura utilizada no campo de Ciência da Informação para organizar a informação e ter assim a transformação/assimilação para o conhecimento.

O conceito de Ciência da Informação pode ser delimitado com base em seu objeto de estudo, assim o desenvolvimento de vertentes da área se torna mais claras e precisas. O autor Silva (2017) apresenta-nos o conceito de CI, suas possibilidades de pesquisas e aplicações, assim pode-se ver no quadro logo abaixo:

Quadro 6 – Ciência da Informação: conceito, pesquisas e aplicações

Conceito	
Um campo do conhecimento científico de caráter fundamentalmente social com ênfase de prática humana e tecnológica que estuda a informação em diversos vieses como:	
<ul style="list-style-type: none"> - fundamentos históricos e epistemológicos, - processos como produção, - organização e representação, - mediação, - acesso, - recuperação, - uso e apropriação, - gestão, - tecnologias, - fluxos, - política e economia, - comunicação científica, - memória e, - aplicação em ambientes de informação nas perspectivas dos sujeitos, visando à produção de novos conhecimentos e estratégias para elucidação ou resolução de problemas de informação. 	
Pesquisas	
Fundamentos sociais da informação;	
Fundamentos históricos e epistemológicos da CI e da informação;	
Teorias e práticas em organização e representação da informação;	
Gestão em ambientes de informação;	
Estudo e educação de usuários;	
Competência em informação;	
Políticas de informação científica e tecnológica;	
Tecnologias aplicadas em ambientes de informação;	
Estudos métricos de informação e práticas para o desenvolvimento da comunicação científica;	
Práticas informacionais e educacionais e documentárias para preservação da memória;	
Aplicações	
Aplicações temáticas da informação na:	Aplicações em ambientes de informação:
<ul style="list-style-type: none"> - saúde; - jurídico; - empresarial; - midiático; - cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> - bibliotecas; - arquivos; - museus; - centros culturais e de documentação.

Fonte: adaptado de Silva (2017).

No âmbito específico da Ciência da Informação, com o aumento das informações, começa a crescer e desenvolver seus campos de atuação, definindo suas características dentro do seu estudo, a comunidade científica começa a notar a

importância de outras áreas e estudar a informação para todos como modo de disseminação e compartilhamento, pelas palavras de Saracevic (1996) fica mais claro a definição da CI:

É um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais (SARACEVIC, 1996, p. 47).

O autor supracitado destaca a CI como uma ciência que estuda as questões científicas, preocupada nos estudos e resoluções de problemas de diferentes áreas, podendo ajudar nas questões onde a informação precisa de um conhecimento mais específico tanto em questões onde envolve, a sociedade, quanto uma tecnologia informacional. Temos informação a cada segundo por diferentes olhares em diferentes meios, mostrando-se cada vez mais versátil dentro do campo científico, onde podemos tratar a informação a fim de solucionar e melhorar.

Em seu artigo, Borko (1968, p. 4) explana de uma forma bem didática e esclarecedora que “a Ciência da Informação investiga as propriedades e o comportamento da informação, o uso e a transmissão da informação, e o processamento da informação, visando uma armazenagem e uma recuperação ideal”. Fica claro definir que o campo da CI trata de questões ligadas à informação e que o uso dessas informações que podem gerar conhecimento, ou seja, ela se preocupa com todo envolvimento informacional de recuperação, disseminação, compartilhamento, e o melhor uso dessas ferramentas para então gerar o conhecimento, que também torna-se campo de estudo, pois a informação gerada e processada passa a ser um conhecimento. Assim vê-se que o conceito de Borko (1968), baseado nas ideias e pesquisas referentes à Ciência da Informação são valiosos, pois apresentam um contexto histórico que contribui para o desenvolvimento da área.

Saracevic (1996, p. 42) divide o crescimento da CI em três características: sendo a primeira a CI como campo interdisciplinar sempre em mudança em relação a outras disciplinas. A segunda, o campo da tecnologia da informação, o que não podemos negar o quanto a tecnologia ajuda e facilita problemas dentro da CI em um amplo sentido da nossa sociedade moderna. E em terceiro, a CI ativa na evolução

da transformação da sociedade da informação, preocupação em disseminar, organizar, recuperar, tratar a informação para que todos tenham acesso em diferentes áreas.

Há um consenso entre os autores da área que a Ciência da Informação surge em meados do século XX, de acordo com Pinheiro e Loureiro (1995, apud ARAÚJO, 2003) em 1948, com a obra de Norbert Wiener, *Cybernetics or control and communication in the animal and machine*, e, no ano seguinte, o livro *The mathematical theory of communication*, de Claude Shannon e Warren Weaver, marcam o prenúncio do que viria a ser a Ciência da Informação. Em 1959, o primeiro uso do termo 'é na década de 60 que são elaborados os primeiros conceitos e definições e se inicia o debate sobre a origem e os fundamentos teóricos da nova área' (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995, p. 42 apud ARAUJO, 2003).

Segundo Silva e Freire (2015), pode-se considerar que o pensamento de Paul Otlet representa a corrente europeia, que se baseia numa dimensão mais social, pois não se baseia somente nos aspectos técnicos que se referem à informação, mas também a preocupação da disseminação dessa informação e responsabilidade perante ao seu acesso de modo geral. Assim, Vannevar Bush pode ser considerado um representante da corrente americana, que tem como objetivo o controle e disseminação da informação para meios de produção na sociedade, tendo assim políticas de informação desenvolvidas para as áreas tecnológicas e científicas americanas.

Não há um consenso sobre as origens da CI, pois a área agrega dentro dela diferentes áreas específicas, porém há diferentes correntes teóricas segundo os autores que a seguem que contribuíram diretamente para o desenvolvimento da Ciência da Informação.

A Teoria Matemática, Recuperação da Informação e Bibliometria têm como percursos dessas correntes os autores Shannon e Weaver, que tem como início publicação, em 1949, da Teoria da Matemática da Comunicação, porém mais conhecida como Teoria da Informação. Segundo Araújo (2009), a preocupação dos autores é em vista da funcionalidade da comunicação, tendo a noção de informação como centralidade de seus trabalhos.

[...] eles tornam possível a construção de um referencial teórico para os problemas relacionados com o transporte físico da informação. E é a partir dessa 'brecha', dessa proposição de uma forma 'científica' de estudo da informação, que se constrói o projeto de uma ciência da informação. [...] articula diferentes conceitos importados das ciências exatas, tais como o de entropia e o de probabilidade. A informação é uma entidade da ordem da probabilidade, sendo a entropia um de seus atributos (ARAÚJO, 2009, p.194).

Araújo (2009) indica que tais aplicações eram ocorridas mais no campo de estudos referentes à recuperação da informação. Desse modo, as perspectivas das Exatas, a Matemática, ainda são de fato atual referentes aos estudos do transporte da informação.

A Teoria Sistêmica, originada em 1930 com Bertalanffy, porém ganha grande repercussão na CI com a publicação, em 1948, sobre cibernética do autor Wiener. Araújo (2009) explica que a teoria tem princípios advindos da Biologia.

A lógica é a mesma que preside o estudo do corpo humano: cada parte, cada órgão, é inserido num sistema (respiratório, digestivo, etc) e apreendido a partir do papel que ele desempenha neste sistema – e, conseqüentemente, do papel que este sistema desempenha no todo, o organismo humano. [...] Uma das ideias dessa teoria, de que os sistemas precisam ser estáveis (isto é, devem manter uma determinada dinâmica de funcionamento com controle do que entra e do que sai), serve inclusive como sustentação para as cinco leis da biblioteconomia (RANGANATHAN, 1931), particularmente para a última delas, a de que a biblioteca é um organismo em crescimento. A necessidade de manter a 'homeostase' faz com que um sistema de informação não possa ir crescendo e adquirindo novos itens informacionais ad infinitum: ele precisa promover desbastes, descartes, como forma de manter um equilíbrio e continuar cumprindo suas funções (ARAÚJO, 2009, p. 195-196).

A terceira teoria, é a Teoria Crítica da Informação, fundamentada nas áreas humanas, principalmente na História e Filosofia. A Filosofia de Heráclito se torna condizente à explicação da teoria, pois a mudança era o ponto de partida para a investigação da explicação humana.

A postura da teoria crítica se relaciona essencialmente com a ideia de suspeição de que a realidade tenha fundamento nela mesma. Ao contrário das aproximações 'positivas' ao real, a teoria crítica tem por atitude epistemológica a desconfiança, a negação do evidente, a busca do que pode estar escondido ou camuflado. [...] No campo da CI, é exatamente a perspectiva marxista a que mais se consolida no âmbito da teoria crítica da informação. [...] a teoria crítica vai enfatizar o conflito, a desigualdade, o embate de interesses em torno da questão da informação – e para tanto, buscará explicar os fenômenos a partir de sua historicidade (ARAÚJO, 2009, p. 196).

De uma forma paralela, a quarta teoria se desenvolve na esfera dos estudos sobre informação, é a Teoria da Representação e da Classificação. Tem como objetivo de estudo e desenvolvimento, como classificar o conhecimento do ponto de vista recuperacional. Por meio dessa teoria, já na área da CI, desenvolvem discussões sobre a classificação, a problematização por meio da linguagem e categorizações e sistemas para fins específicos do conhecimento. Pode-se ver que a Teoria da Representação e da Classificação já aparece como parte do desenvolvimento da área da CI, assim apresentada:

A grande questão que se coloca no âmbito destes estudos é como promover a classificação do conhecimento. Não do ponto de vista filosófico, mas do ponto de vista de uma classificação 'útil' – útil para a recuperação dos livros, dos itens informacionais. Não é à toa que é comum se ver a identificação de Dewey como o "Pai da Biblioteconomia" e de Otlet como o 'Pai da Documentação' ou mesmo o 'precursor da CI' (ARAÚJO, 2009, p. 197).

A Produção e Comunicação Científica veio em meio ao desenvolvimento ocorridos na CI, entre 1940 a 1960.

Para a compreensão dessa teoria faz-se necessário conhecer o contexto de seu surgimento. No pós - guerra, estabelece-se o fenômeno da Guerra Fria, o conflito entre EUA e URSS que se estende pelos mais variados campos, da influência política às medalhas olímpicas, da ostentação bélica à corrida espacial. Neste contexto de competição, o desenvolvimento científico e tecnológico torna-se central, estratégico. E, para o aumento da produtividade e da velocidade de produção de novos conhecimentos científicos, percebeu-se a importância da informação. Informação passou a ser entendida, nesse contexto, como um recurso, uma condição de produtividade (ARAÚJO, 2009, p. 198-199).

Como última das teorias são os Estudos de Usuários, que teve seu desenvolvimento a partir de outras configurações.

Os primeiros estudos, normalmente denominados 'estudos de comunidade' ou de perfil de usuários, podem ser incluídos na perspectiva dos estudos funcionalistas. Seu objetivo era o de mapear características de determinada população para planejar as informações mais adequadas a serem oferecidas com fins de educação e socialização. Os estudos seguintes, denominados estudos de uso, voltados para a medição de indicadores e efetiva utilização e grau de satisfação do uso de fontes, serviços ou sistemas de informação, acabaram por consistir em estudos para a avaliação dos sistemas de informação e, nesse sentido, tinham mais o caráter de oferecimento de *feedback* para os sistemas. Em ambos os casos, tem-se os usuários estudados na perspectiva sistêmica. Já nas décadas de 1940 e 1950, os estudos de usuários se desenvolvem no escopo das pesquisas em comunicação científica, promovendo estudos sobre os fluxos

de informação e hábitos informacionais dos cientistas. Nas décadas seguintes, extensas pesquisas quantitativas são realizadas para tentar correlacionar determinados perfis sócio-demográficos dos usuários com padrões de comportamento informacional (ARAÚJO, 2009, p. 199).

É importante ressaltar que a Ciência da Informação em si, não tem um registro único que fale sobre sua trajetória enquanto Ciência e os fatores que a moldaram até aqui. Apresenta várias causas/condições históricas que se mostram muito valiosas para a comunidade científica, e para a área da Ciência da Informação.

Não menos importante para a contribuição no contexto histórico da Ciência da Informação, os paradigmas epistemológicos destacados por Rafael Capurro fazem parte de uma trajetória da área e relevando seus pontos, assim consegue-se perceber compreender as abordagens de cada paradigma complementam-se entre si, e são desenvolvidas perante um contexto histórico e por investigações sócias.

Por meio de uma análise da literatura da Ciência da Informação, não se pode deixar de mencionar a importância dos paradigmas epistemológicos encontrados na área. Caracterizados como três paradigmas: físico, cognitivo e social, mesmo distintos podem ser caracterizados como complementares, pois cada qual aborda características históricas importantes relacionado à essência da Ciência da Informação.

Capurro (1991) apresenta os fundamentos da CI, onde o autor afirma a existência de três paradigmas que são influenciados por verem a informação como algo objetivo no meio externo. Os paradigmas destacados por Capurro:

[...] o paradigma da representação: neste paradigma o ser humano 'conhecedor' criaria uma representação mental do mundo externo, sendo que a CI seria responsável por estudar os mecanismos de representação, codificação e uso racional da informação; o paradigma da fonte-canal-receptor: no qual a CI estaria prioritariamente preocupada com o impacto da informação no receptor, que por sua vez estaria procurando informações a fim de resolver problemas. Este paradigma tem um forte impacto da cibernética e dos trabalhos de Shannon (1948) e Shannon e Weaver (1949); paradigma platonista materialista: na qual o conhecimento objetivo, materializado, seria o objeto de estudo da CI, que tem um destaque no trabalho de Brookes, cujo foco é a informação registrada (BROOKES, 1980, p.125).

Para Capurro (1991), o trabalho de Brookes (1980) marca uma fase na Ciência da Informação, na qual a influência dos estudos filosóficos do século XX

possibilitaram considerar as interpretações dos usuários sobre a informação, chamando assim de “ponto de vista cognitivista” (CAPURRO, 1991, p. 4). Sob a influência dessa abordagem, e devido ao impacto social da informação, Capurro (2003) volta a investigar os paradigmas, com uma vertente diferenciada, destaca três paradigmas epistemológicos da Ciência da Informação.

Quadro 7 – Contexto histórico dos Paradigmas da Ciência da Informação

PARADIGMA	PERÍODO	REPRESENTANTES	ABORDAGEM	MEIOS	FOCO
Físico	Fim de 1940	Shannon e Weaner (1949) e Mooers (1951 e 1960).	Uso de Sistema e base de dados	Tecnológicos	Organizar e tratar a informação
Cognitivo	Fim de 1970 até 1990	De May (1977), Brookes (1977 e 1980), Belkin (1980) e Ingwersen (1992).	Indivíduo e Usuário	Psicológicos	Organizar e tratar a informação
Social	Início de 1990	Hjørland e Albrechtsen (1995), Hjørland (2002) e Capurro (2003).	Domínio e Comunidade	Sociais e Culturais	Construção da informação

Fonte: adaptado de Silva (2017).

A ciência da informação inicia-se como teoria da information retrieval baseada numa epistemologia fisicista. A esse paradigma, intimamente relacionado com a assim chamada *information theory* de Claude Shannon e Warren Weaver (1949-1972), que já mencionei, e também com a cibernética de Norbert Wiener (1961), denominou-se o ‘paradigma físico’ (Elis 1992, Øron 2000). Em essência esse paradigma postula que há algo, um objeto físico, que um emissor transmite a um receptor. [...] Os famosos experimentos de Cranfield, realizados pelo *Cranfield Institute of Technology* em 1957 para medir os resultados de um sistema computadorizado de recuperação da informação, marcam o começo, problemático sem dúvida, da influência desse paradigma em nosso campo ou, mais precisamente, em uma subdisciplina desse campo, a *information retrieval*, na qual os valores de recall e precision em relação a um sistema de indexação são controlados em situação similar à de um laboratório de física (Ellis 1992). [...] Torna-se evidente que, no campo da ciência da informação, o que esse paradigma exclui é nada menos que o papel ativo do sujeito cognoscente ou, de forma mais concreta, do usuário, no processo de recuperação da informação científica, em particular, bem como em todo processo informativo e comunicativo, em geral. Não por acaso, essa teoria refere-se a um ‘receptor’ (*receiver*) da mensagem. Não é de se estranhar que os limites dessa metáfora hajam conduzido ao paradigma oposto, o cognitivo (CAPURRO, 2003, p. 10 grifos do autor).

O paradigma físico é considerado por vários autores como sendo uma das fontes e base da Ciência da Informação. Tal paradigma traz como característica o conceito de informação de forma técnica, distante da necessidade de um outro tipo de significado. Considerado como um dos precursores dos paradigmas, Vannevar Bush, em 1945 quando publica seu texto “As We may think”, já antecipa mecanismos que possam melhorar registro, transporte e distribuição da informação.

O desenvolvimento tecnológico influenciou fortemente o paradigma físico, tanto que se pode observar uma ressalva para o objetivo de métodos para o melhoramento para se gerenciar os dados. Em todo esse processo para recuperar a informação, o usuário não tem valor, pois não é levado em conta a subjetividade, interpretação.

Começamos por lembrar que, na ideia de uma bibliografia universal de Paul Otlet y Henri Lafontaine, que levaria à fundação do *Institut International de Bibliographie* de Bruxelas em 1895, denominado posteriormente *Institut International de Documentation* (1931) e finalmente *Fédération Internationale de Documentation* (FID) em 1937, está explícita a intenção de distinguir entre o conhecimento e seu registro em documentos. [...] Isso nos leva à ontologia e à epistemologia de Karl Popper que influenciaram diretamente o paradigma cognitivo proposto por B. C. Brookes (1977, 1980), entre outros. A ontologia popperiana distingue três ‘mundos’, a saber: o físico, o da consciência ou dos estados psíquicos, e o do conteúdo intelectual de livros e documentos, em particular o das teorias científicas. Popper fala do ‘terceiro mundo’ como um mundo de objetos inteligíveis ‘ou também de „conhecimento sem sujeito cognoscente’ (Popper 1973). Essa é a razão pela qual se costuma designá-lo como *modelo platônico* (Capurro 1985, 1986, 1992), se bem que o mundo popperiano dos “problemas em si próprios ‘não tenha caráter divino como é o caso do lugar celestial’ (*topos ouranós*) das ideias de Platão. [...] Nesse sentido, podemos falar, tanto no caso de Ingwersen quanto no de Vakkari, de uma posição intermediária entre o paradigma cognitivo mentalista de Brookes e o paradigma social (CAPURRO, 2003, p.12 grifos do autor).

No paradigma cognitivo, considera como seu precursor Brookes, que tem como influência as teorias epistemológicas e dos três mundos de Karl R. Popper (1999): mundo 1- físico, mundo 2- mente ou consciência e mundo 3- ideias ou registros intelectuais.

Várias teorias foram criadas e estudadas por diversos outros autores que fazem parte do desenvolvimento e criação do paradigma cognitivo. Nesse sentido, toda investigação mostra o caminho percorrido tendo como objetivo a relação entre homem e máquina, assim como consequência a relação entre a Ciência da Informação com outras áreas como, a Ciência Cognitiva, a Psicologia, e a

Inteligência Artificial, assim visando adotar outros meios para a recuperar a informação.

Pode-se compreender a mudança de paradigma decorrente de sua própria trajetória, o acesso à informação que era somente centrado de maneira estruturada, em base de dados, passa a preocupar-se no sentido da informação e qual satisfação para o usuário. Tal mudança é destacada por Figueiredo (1999):

[...] a necessidade de informação de um usuário é específica àquele indivíduo. Cada usuário aproxima-se da base de dados com a perspectiva de encontrar uma informação faltante, na qual os dados obtidos devem ser interligados. [...] Uma necessidade de informação não pode ser separada da situação que a criou e do indivíduo que a percebeu [...] (FIGUEIREDO, 1999).

Assim sendo, outro ponto da Ciência da Informação é resgatado pelo paradigma cognitivo, já defendido por Paul Otlet e Henri Lafontaine, que é a diferença entre o conhecimento e o registro no documento. A utilização de abordagens cognitivas é utilizada para o melhor gerenciamento da informação e como o indivíduo a compreende. Tal processo se preocupa no comportamento do indivíduo, deixando de lado o meio social em qual ele pertence.

Birger Hjørland desenvolveu, junto com Hanne Albrechtsen (Hjørland 2003, 2003a, 2000, 1998, Hjørland/Albrechtsen 1995) um paradigma social-epistemológico chamado 'domain analysis' no qual o estudo de campos cognitivos está em relação direta com comunidades discursivas ('discourse communities'), ou seja, com distintos grupos sociais e de trabalho que constituem uma sociedade moderna. Uma consequência prática desse paradigma é o abandono da busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento ou de um algoritmo ideal para modelar a recuperação da informação a que aspiram o paradigma físico e o cognitivo (CAPURRO, 2003, p. 15).

No paradigma social o objetivo é considerar a visão de mundo do indivíduo, para assim definir a recuperação da informação, assim a Ciência da Informação tende seu foco mais interpretativo em relação ao meio social do usuário e o sistema da recuperação da informação.

Alguns autores como Frohmann (1992) e Hjørland e Albrechtsen (1995), adotam o paradigma social, pois ressaltam o quão importante é o conhecimento prévio do indivíduo intrinsecamente influenciado pelo seu meio social, destacando assim características sociais e comportamentais. Assim, pode-se dizer que a abordagem utilizada para o paradigma é a sócio-cognitiva, pois pensando em

favorecer uma gestão do conhecimento, é levado em consideração o conhecimento de um grupo ou até comunidade. Nesse processo para recuperação da informação, o indivíduo é o um dos autores principais.

Assim sendo, os três paradigmas apresentam considerações importantes que mostram e evidenciam evoluções relevantes desde a década de 50 na Ciência da Informação. Evidências mostram as mudanças de olhares referente ao objeto, a procura de melhoramentos e avanços, e a abertura da subjetividade social como ferramenta necessária para compreensão e desenvolvimento para uma melhor aproximação social.

Para Saracevic (1996), a interdisciplinaridade da Ciência da Informação em relação à Biblioteconomia corresponde ao seu papel social e na sua preocupação com a utilização dos recursos gráficos e outros registros, no entanto, existem diferenças muito significativas em vários aspectos críticos: seleção dos problemas abordados e a forma como foram definidos; questões teóricas, perguntas e quadros estabelecidos; a natureza e o grau de experimentação, desenvolvimento e os conhecimentos práticos e competências daí resultantes; ferramentas e abordagens utilizadas; e a natureza e a força das relações interdisciplinares estabelecidas e as dependência do progresso em abordagens interdisciplinares.

A Ciência da Computação apresenta características interdisciplinares na Ciência da Informação sendo a utilização de computadores, produtos, serviços e redes, e o envolvimento em pesquisas sobre as bibliotecas digitais em evolução correspondem também a muitos problemas acima de qualquer tecnologia. A diferença entre elas nesse contexto de interdisciplinaridade é que a Ciência da Computação trata de algoritmos relacionados à informação, enquanto a Ciência da Informação trata a natureza da informação e seu uso pelos seres humanos.

A Ciência da Informação e sua interdisciplinaridade com a Ciência Cognitiva tem como objetivo explicar como a mente funciona. Os campos que compõem a Ciência Cognitiva, enquanto trazem diferentes abordagens, compartilham a preocupação com a compreensão dos processos cognitivos, sua realização no cérebro, a estrutura da mente e várias manifestações da mente, como a inteligência. O significado da Ciência Cognitiva para a Ciência da Informação está na interação de diferentes abordagens para esses problemas mais complexos e intrigantes. Há duas áreas na Ciência Cognitiva de interesse direto para a Ciência da Informação: a Inteligência Artificial e a Interação Humano-Computador.

A interdisciplinaridade da Ciência da Informação com a área da Comunicação corresponde diretamente com a informação, pois a comunicação e a informação são palavras com conotações de usos e contextos que causam confusão, em alguns casos, a comunicação é utilizada como significado de informação, e tem um argumento generalizado em si mesmo. São termos significativamente que se relacionam, a informação é um fenômeno, enquanto a comunicação é um processo de transferência ou compartilhamento do fenômeno.

Assim, com suas características interdisciplinares, no desenrolar de seu contexto histórico, a Ciência da Informação, levando em consideração preocupações inerentes à área devido seu aporte científico, viu necessidade de uma importante reflexão teórica acerca do desenvolvimento da organização e representação do conhecimento.

Na ótica de Saracevic (1996), o movimento interdisciplinar em Ciência da Informação ocorre por duas razões, uma interna e a outra externa. A primeira refere-se ao movimento epistemológico interno, oriundo de problemas que permanecem sem uma efetiva compreensão a partir dos constructos ou abordagens de um único campo científico. A segunda, dá-se a partir das relações das diferentes formações e conhecimentos dos especialistas da Ciência da Informação (DAL'EVEDOVE e FUJITA, 2013, p. 8).

Para Saracevic (1996) e Pinheiro (1999), os cientistas da informação enaltecem o movimento interdisciplinar, tendo como posicionamento respaldando-se em defesa e recomendação da prática interdisciplinar como característica inerente ao campo.

[...] o movimento interdisciplinar não deve figurar como um modismo passageiro, mas sua prática precisa promover a evolução da Ciência da Informação de modo real, estável e consistente; prever o acompanhamento da evolução teórica do campo de origem; bem como compreender a distinção ou aproximação dos diferentes saberes (DAL'EVEDOVE e FUJITA, 2013, p. 8).

Olga Pombo descreve a interdisciplinaridade como auxiliar, complementar, composta, estrutural, heterogênea, linear, restritiva e unificadora (POMBO, 2004, p. 116-169). Assim como Palmade (1979) escreve que a interdisciplinaridade é: “Integração interna e conceitual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas com o fim de dar uma visão unitária de um setor do saber”. (POMBO, 2004, p. 165). Para

Santana (2012, p. 8) a “interdisciplinaridade supõe a combinação de mais de uma disciplina visando um trabalho cooperativo o qual, por vezes, vem a formar outra disciplina resultante da natureza própria daquelas em interação teórico-metodológica.”

Assim, pesquisas buscam a interdisciplinaridade para desenvolvimento dos estudos visando uma participação mais integrada das disciplinas, proporcionando uma associação interdisciplinar, que irá acontecer se houver intercâmbio efetivo entre as disciplinas que compartilham metodologias, teorias e a compreensão do problema em estudo por um viés mais alargado, em que pese a impressão que cada disciplina registra no contexto interdisciplinar (SANTANA, 2012, p. 8).

A Ciência da Informação com sua característica interdisciplinar visa romper as barreiras de cada disciplina para construir algo novo e tem a função de cooperar, trocar e integrar conceitos, permitindo que as ciências troquem e multipliquem conhecimento, com outras áreas como a Filosofia da Informação. A “interdisciplinaridade propicia a convergência de pontos de vista, combinação dos entendimentos” (DAL’EVEDOVE e FUJITA, 2013, p. 5).

A ação interdisciplinar baseada em um objeto, propicia o rompimento das barreiras do conhecimento científico, isso ressalva a interdisciplinaridade como fenômeno da ciência contemporânea (DAL’EVEDOVE e FUJITA, 2013, p. 5).

Assim sendo, a interdisciplinaridade encaminha os diferentes campos ou áreas para um processo para trocas informacionais, também de conceitos, teorias e metodologias. Nesse ponto de vista, pode-se dizer que a interdisciplinaridade é constituída pela aproximação dos diversos campos distintos que visam à solução de problemas pontuais. (DAL’EVEDOVE e FUJITA, 2013, p. 7). Como forma de transferir conhecimentos entre campos, o movimento da interdisciplinaridade propicia uma visão muito mais ampla da realidade como um todo, pois que na verdade o que é apresentado a nós são fragmentações que o homem utiliza como opção para conhecer algo.

Segundo Barreto (2004), apenas a existência de interesses sobre os campos científicos, não caracteriza uma atividade interdisciplinar, pois é necessário acontecer a permuta entre os conhecimentos, pois: “é via de mão dupla e só acontece no trabalho conjunto e formalizado de grupos comuns” (BARRETO, 2004, p. 01).

Assim, para Dal'Evedove e Fujita (2013) e Palmade (1979), a interdisciplinaridade não deveria se estabelecer apenas como uma simples transferência de problemas, conceitos e métodos de um campo para outro, mas ter como uma função maior de possibilitar uma integração interna e conceitual que rompesse com a estrutura de cada campo científico para construir uma irrefutável nova e comum a todas elas, com a intenção de assegurar a visão de um determinado campo do saber.

Segundo Pombo, Guimarães e Levy, (1993) pode-se considerar um movimento interdisciplinar “qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objeto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objetivo final à elaboração de uma síntese relativamente ao objeto comum.”

A interdisciplinaridade deve acontecer de forma que possa agregar os campos científicos, seja por meio questionamentos ou explicações e possibilidades que proporcionem uma integração dos saberes. Assim, Barreto (2004) defende que:

[...] um querer interdisciplinar não pode simplesmente transpor teorias e conceitos emprestados de um campo ou área para formar novo conhecimento em outra área. Este transporte de ideias, métodos, do pensar em si tem que respeitar as características existentes e manifestadas da área que empresta, não basta pegar e trazer. É preciso estabelecer um canal formal de comunicação e relações entre as duas áreas (BARRETO,2004, p. 1).

Assim, para Fujita e Dal'Evedove (2009) e Gomes (2001), o exercício da interdisciplinaridade não deve limitar-se somente ao movimento interno de um exercício interdisciplinar, não deve limitar-se apenas ao movimento interno de um campo científico, ou seja, assegurar-se na possibilidade teórico-metodológica, mas sim em apoiar uma promoção social visando promover a ocorrência da interdisciplinaridade no interior da realidade social que possibilite envolver a *práxis* que se desdobra do fazer científico, compreendida enquanto espaço no qual se realizam as mudanças no âmbito social.

Com base nos autores e estrutura das teorias de base da Ciência da Informação, visualiza-se uma organização de diferentes eixos que lhe deram origem. Os modos de estruturação e organização se divide em vários autores que deram diferentes denominações, mas nesta dissertação seguimos a denominação eixos,

visando a contextualização no GT1 Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação.

3.1 OS EIXOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Os eixos da Ciência da Informação representam uma forma organizacional de melhor compreender as bases teóricas, autores e problemas que deram origem à área. Assim, pode-se por meio dos eixos visualizar os diferentes componentes que contribuem para constituição e o desenvolvimento da Ciência da Informação.

A partir das pesquisas na literatura da área, foram identificados 5 eixos na Ciência da Informação, que segundo Riecken (2006) podem ser denominados:

- EIXO 1 – O Fenômeno da Informação;
- EIXO 2 – Arquivologia, Biblioteconomia e Documentação;
- EIXO 3 – Operacionalização com o uso da TIC;
- EIXO 4 – Necessidade Social; e
- EIXO 5 – Informação como Recurso Estratégico.

Logo abaixo, o quadro 8 apresenta, em um contexto geral, Com base na pesquisa na literatura e nos autores: Riecken (2006), Saracevic (2009), Bates (1999) e, Araújo (2003, 2018), foi possível identificar 5 (cinco) visões ou eixos da Ciência da Informação, e de forma contextualizada pontuar as principais bases de cada eixo, o foco para cada eixo e seus embasamentos teóricos.

Quadro 8 – Eixos de Ciência da Informação

5 EIXOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO				
1 – O Fenômeno da Informação	2 – Arquivologia, Biblioteconomia e Documentação	3 – Operacionalização com o Uso da TIC	4 – Necessidade Social	5 – Informação como Recurso Estratégico
PRINCIPAIS CIÊNCIAS DA BASE				
Filosofia, Matemática, Lógica	Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação	Ciência da Computação, Informática, TIC, Administração de Dados	Ciências Sociais, Educação, Psicologia	Administração, Gerenciamento dos Sistemas de Informações e do Recurso Informação
FOCO				
Representação, Organização e Fluxos da Informação e do Conhecimento	Controle de Papéis, Documentos, Acervo, Suporte	Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)	Necessidades Sociais de informação	Uso estratégico da Informação e Gestão da Informação e do Conhecimento
EMBASAMENTO TEÓRICO				
-Teoria do Conhecimento; -Fenomenologia; -Teoria Geral da Informação; -Filosofia e Lógicas; -Matemática; -Teorias dos Jogos; -Filosofia das Ciências; -Linguagem, Linguística; -Representação sintática e semântica, -Arquiteturas Conceituais; -Semiótica ou Semiologia; -Ontologias.	-Estudos relativos ao ciclo informacional; -Bibliometria; -Cienciometria; -Informetria; -Webometria, Teoria da Comunicação; -Marketing; -Fundamentos de Arquivologia, Documentação e Biblioteca; -Hipertexto; -Disponibilidade e Acessibilidade	-Teoria Geral da Informação; -Cibernética; -Teoria de Jogos; -Teoria Geral dos Sistemas; -Bancos de Dados; -Engenharia de Software; -Modelagem de Sistemas Transacionais; -Arquitetura de Sistemas de Informação; -Ciência da Computação; -Administração de dados; -TIC e arquiteturas tecnológicas.	-Sociedade em rede, Sociedade da Informação, Sociedade do Conhecimento, Governo eletrônico; -Embasamento Teórico oriundo da Psicologia; -Teorias da Educação, -Processos de Cognição; -Evolução Social.	-Teoria da Administração e Planejamento Estratégico e Tático-Operacional; -Gerenciamento de Sistemas de Informação; -Gerenciamento de Projetos; -Gestão Ecológica da Informação; -Modelo e Gestão de Sistemas Gerencias, Modelagem de Sistemas Gerenciais.

Fonte: Adaptado de Riecken – 2006

O Eixo 1- O Fenômeno da Informação, baseado em Riecken (2006), tem sua base epistemológica que aborda dado, informação e conhecimento, a sua representação, seu fluxo e sua organização. Segundo Neveling e Wersing (1975), esse eixo parece ser o que contém um maior número de autores, e divergências entre o termo informação, mostrando assim diversos pontos de vista.

O Eixo 2 – Arquivologia, Biblioteconomia e Documentação, corresponde ao lado mais tradicional da Ciência da Informação, devido sua origem histórica ser advinda de acervos, bibliotecas e documentação em geral. Os autores desse eixo buscam uma aplicação prática na Ciência da Informação, como por exemplo o matemático e bibliotecário Ranganathan com a Teoria da Classificação, e os autores Werner, Kunz, Horst e Rittel que se concentram em projetos de sistemas de informação, segundo Riecken (2006).

O Eixo 3 – Operacionalização com o uso da TIC, é vista por Neveling e Wersig (1975) como uma categoria que apresenta a Ciência da Informação como um sub sistema da ciência de computadores e composta por grande maioria de autores vindos da Ciência da Computação. Como base teórica do eixo 3 temos Shannon, Wiener, Neuman, Morgenstern, Bertalanffy e outros, de acordo com Riecken (2006).

O Eixo 4 – Necessidade Social, a Ciência da Informação não “nasce” ainda como uma Ciência Social. Muito ligada inicialmente à computação (como atesta, por exemplo, a importância do trabalho de Vannevar Bush) e à recuperação automática da informação, ela vai, apenas nos anos 70, promover sua inscrição efetiva nas Ciências Sociais, e é a partir de então possível mencionar os fundamentos sociais da informação (ARAÚJO, 2003, p. 22). Autores importantes como: Castels, Borgman, Wertheimer, Koffka, Kohler, Piaget e outros, compõem a base teórica do eixo 4.

O Eixo 5 - Informação como Recurso Estratégico, para Riecken (2006) tem em sua configuração a gestão da informação e do conhecimento, e forte relação com a administração. Sua base teórica é composta por renomados autores, como: Chiavenato, Drucker, Mintzberg, Hartmann, Sapiro, Fischmann, Porter, Rezende, Matus, Cash, Eccles, Nohria, Nolan, Macgee, Prusak, Pmbok, Davenport, Tarapanoff.

De forma sucinta, a apresentação dos 5 eixos da Ciência da Informação traz embasamento para um olhar amplo e ao mesmo tempo aprofundado da área, pois mostra o que cada eixo trabalha e seus autores. Para o desenvolvimento do trabalho, e em busca de atingir o objetivo do mesmo, o Eixo 1 - O Fenômeno da Informação é onde iremos nos fixar. Segundo Riecken (2006), esta categoria conclui pela existência de uma série de autores que afirmam existir um fenômeno chamado informação e que a CI é a Ciência responsável pelo mesmo. Assim no Eixo 1, é

onde se encontra os grandes estudos sobre Epistemologia e uma vasta fundamentação teórica da Ciência da Informação que engloba a informação como seu fenômeno. Para elucidar sua base teórica, alguns temas e autores:

- Fenomenologia e Teoria do Conhecimento: Edmund Husserl, Johannes Hessen, Maurice Merleau-Ponty;
- Teoria Geral da Informação: Claude Shannon;
- Filosofia e as Representações Lógicas: Aristóteles, George Boole, Augustus de Morgan, Bertrand Russell, Alfred North Whitehead;
- Matemática: George Boole;
- Teoria dos Jogos: John von Neumann, Oskar Morgenstern;
- Filosofia da Ciência: David Hume, Karl Popper, Thomas Kuhn;
- Linguagens:
- Representação Sintática da Linguagem: Noam Chomsky;
- Semântica: Jules Alfred Bréal, Ferdinand de Saussure, Alfred North Whitehead, Bertrand Russell, Rudolf Carnap;
- Semiótica ou Semiologia: John Locke, Charles Sanders Peirce, Ferdinand de Saussure, Roland Barthes, Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan;
- Ontologias: Tim Berners Lee.

Dentre as várias temáticas deste primeiro eixo, as linhas de pesquisa são importantes e apresentam características próprias, pois expressam investigações e problemas de base epistemológicas e conceituais que estão ligados à representação, organização e fluxos da informação e do conhecimento, como a autora cita abaixo:

- categorias epistemológicas (dado, informação, conhecimento e outras);
- estruturação de arquiteturas, arquitetura de informação conceitual, modelos conceituais; modelos de organização da informação, modelos cognitivos ou de conhecimento, ou de outras categorias, modelagem através de atores e cenários; trata-se de modelos conceituais que antecedem a execução com o uso de TIC;
- Linguagens (linguística, semiologia, semiótica);
- Lógicas (Clássicas e Não Clássicas);
- Linguagens de Representação sintáticas e semânticas (metadados), Modelos de Representação (Redes Semânticas; Regras de Produção; etc.); não são linguagens de programação, mas linguagens de representação que independem das tecnologias;
- Ontologias e Integração de Ontologias;
- Paralelismos entre os Componentes e Processos da CI e outros campos do conhecimento (Outras Ciências, Filosofia ou Arte); e
- Atributos da Informação e do Conhecimento, Qualidade (RIECKEN, 2006, p. 50).

O modo de compreender e visualizar esses temas na Ciência da Informação, não é o mesmo de outras áreas. O objeto e o sujeito não são objetivos da CI, mas sim a relação entre eles, que é o conhecimento, porém representado de forma estrutural, que possa ser acessível a uma descrição e compreensão de toda relação. Nesse eixo, as lógicas são importantes, pois auxiliam na representação objetiva das categorias epistemológicas como, dados, informação e conhecimento (RIECKEN, 2006).

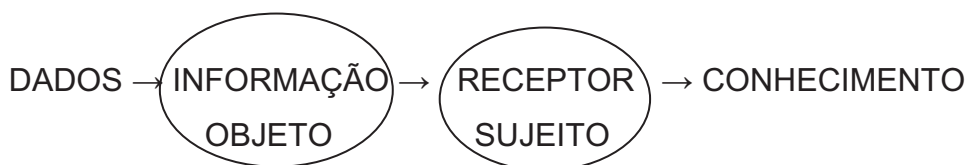
Nos baseamos no autor Fernandez-Molina (1994), para entenderemos melhor a exposição e significado dos conceitos que fazem parte de toda essa estrutura: dados, informação e conhecimento.

Dados= são informações em potencial, que somente são percebidos por um receptor se forem convertidos em informação;

Informação= pode se converter em conhecimento no momento em que produz uma na estrutura do conhecimento do receptor.

Conhecimento= é a apropriação de algo (objeto = informação) pode ser conhecimento ao pensamento do (sujeito = receptor), mesmo que de forma fragmentada.

Figura 2 – Dados, Informação, Conhecimento.



Fonte: a autora (2019)

Temos, portanto, características que nos mostram que os conceitos devem ser compreendidos de formas diferentes, mesmo assim vemos um fato muito relevante que nos chama a atenção para toda uma organização implícita que acontece para aquisição do conhecimento.

As variedades de estudos encontrados nos eixos da Ciência da Informação fazem parte do contexto histórico que elucidam os direcionamentos e mudanças que ocorreram com o passar do tempo, e que fortalecem e diferenciam a área. Os eixos apresentados mostram importância da área como interdisciplinar, a disposição em se adequar ao novo e as mudanças, e a necessidade de parcerias que contribuam para a sociedade.

No Eixo 1 - O Fenômeno da Informação, é abordada a base epistemológica que é encontrada nos estudos do GT1 Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação do ENANCIB- Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Assim para o desenvolvimento da dissertação, a contextualização da epistemologia no campo científico, foi necessário para a compreensão do contexto geral da pesquisa.

Segundo Abbagnano (2007), o termo Epistemologia é de origem grega e apresenta duas definições: o primeiro significado, é sinônimo de Gnosiologia ou Teoria do Conhecimento; o segundo significado, é sinônimo de Filosofia da Ciência. Os dois significados estão estreitamente interligados, pois o problema do conhecimento, na Filosofia Moderna e Contemporânea, vincula-se com o da Ciência.

Todos esses conceitos (Epistemologia, Gnosiologia, Teoria do Conhecimento ou Filosofia da Ciência) têm o mesmo significado: não indicam, como muitas vezes se acredita, ser uma disciplina filosófica geral, como as conhecidas Lógica, a Ética, ou a Estética, mas o modo de tratar um problema que nasce de um pressuposto filosófico específico, na esfera de determinada corrente filosófica, explica Abbagnano (2007).

Nesse contexto, Japiassu (1934) explica que a Epistemologia traz característica interdisciplinar advinda da área filosófica, mas é necessário perceber suas qualidades junto ao campo científico; as regras da Epistemologia estão longe de serem bem delimitadas, tanto em relação às Ciências, onde tem a intenção de instalar-se como uma disciplina autônoma, quanto em relação à Filosofia.

Seguindo as ideias de Japiassu (1934), no contexto tradicional da História da Filosofia, ele aponta que a Epistemologia poderia ter se limitado, sendo parte apenas do discurso filosófico, e então sendo apenas chamada de Filosofia das Ciências ou de Teoria do Conhecimento.

Assim, Japiassu (1934) insere a Epistemologia no contexto contemporâneo em que a ciência faz parte, e que a todo o momento, está criando e transformando a cultura humana com seus produtos, independente do pensamento reflexivo e crítico em relação do seu impacto na sociedade.

Japiassu (1934) mostra uma ambiguidade em relação ao discurso epistemológico no cenário contemporâneo, pois encontra na Filosofia seus princípios e na Ciência o seu objeto. Assim o autor exemplifica: “[...] por esta dupla pertença ou

filiação, a epistemologia teria por função resolver o problema geral das relações entre filosofia e ciências” (JAPIASSU, 1934, p. 24).

A epistemologia é uma temática de estudo e pesquisa que não está restrita ao campo da formação científica. Isso quer dizer que, quando se fala em epistemologia, o interesse está em ultrapassar fronteiras disciplinares, em subverter metodologias e em tornar os paradoxos evidentes. O conhecimento filosófico-científico chegou até aqui porque manteve, como essência, tais motivações e interesses espontâneos (FRANCELIN, 2018, p. 5).

Pode-se compreender que segundo Japiassu (1934), a ambiguidade conceitual da epistemologia permite uma aproximação maior da Filosofia com a Ciência, e assim da Ciência com a Filosofia, uma vez que deixa de ser uma via de mão única, onde somente a Filosofia estabeleceria as regras do Conhecimento científico.

Apesar de a Epistemologia apresentar várias significações, o seu conceito é, segundo Japiassu (1934), bem apresentado do que o conceito de Ciência. Desta forma, Japiassu (1934) lembra que com o sucessivo afastamento entre a Filosofia e a Ciência alicerçado na modernidade até sua ruptura total com o positivismo lógico, recebeu, no final do século XX, um novo perfil.

Para Japiassu (1934), as críticas de Karl Popper e Gaston Bachelard refletem fortemente a partir dos problemas sociais trazidos ou não respondidos pela Ciência crente do empirismo levado ao extremo. Por isso, Japiassu (1934) aponta que o conceito de Ciência após Popper e Bachelard, que em última instância radicalizaram a crítica à Ciência moderna, é e tem sido uma tarefa delicada.

Segundo Francelin (2018), desvendar a epistemologia na pesquisa pode ser o mesmo que tentar saber compreender o seu termo é utilizado na Ciência da Informação. Sendo assim um caminho possível, então pode-se dizer que a utilização de um termo remete à compreensão de seu significado. O uso de termos e de conceitos pode ser verificado através da análise do discurso e da linguagem ou mediante a aplicação de outros recursos metodológicos.

Na perspectiva metodológica escolhida o significado de um termo pode ser determinado por uma corrente teórica. Teorias fazem parte de paradigmas e estes se relacionam com uma série de filósofos, cientistas e pesquisadores. Como existem diversas teorias no mesmo paradigma (RENAULT, 2007), a epistemologia tem vários sentidos. A existência de diversas correntes teóricas caracteriza as epistemologias contemporâneas. (MOREIRA; MASSONI, 2011). No contexto dessas epistemologias muitos filósofos e

cientistas se dedicaram ao estudo do conhecimento. Como exemplo, pode-se mencionar Kuhn (2001), no campo das revoluções científicas, Feyerabend (2007), na defesa do anarquismo teórico e metodológico, e Morin (1999), com a teoria do pensamento complexo e a religação dos saberes (FRANCELIN, 2018, p. 8).

Para Francelin (2008), os autores Saracevic (1996), Pinheiro (1999), Aquino (2002), Capurro (2003) e Robredo (2003) perceberam a necessidade de uma mudança no paradigmas da área, e a partir dessas reflexões percebeu-se um movimento em relação ao aumento das pesquisas epistemológicas na Ciência da Informação. Destaca Francelin (2008, p. 8) que: “[...] especificamente, o amadurecimento científico, o desenvolvimento de programas e grupos de pesquisa, o apoio institucional e a maior participação da comunidade nas esferas científicas, além do aprimoramento na produção científica, podem ser igualmente destacados nessa evolução.” Portanto, as pesquisas que incluem um desenvolvimento epistemológico acerca de um objeto de estudo da Ciência da Informação, tem o papel que propiciam a identificação de correntes teóricas, buscam considerar relações entre autores e fundamentam com a busca de literatura sobre a questão em desenvolvimento.

As abordagens em estudos epistemológicos na Ciência da Informação surgiram no IV ENANCIB, realizado em Brasília, em 2000, com o GT8 intitulado “Epistemologia da Ciência da Informação”; em 2005, no VI ENANCIB mudou de lugar na ordem de Grupos de Trabalho, passando a ser o GT-1 e renovando com uma nova denominação: “Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação”; em 2010 no XI ENANCIB, uma nova mudança ocorreu, o GT-1 alterou seu título para: Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação”, que permanece até a data atual, com questões e reflexões históricas e epistemológicas da Ciência da Informação que se relacionam com outras abordagens feitas na área.

Meadows (1999) destaca em seu texto que as discussões acadêmicas relembram um lugar em Atenas, porém tendo como ponto específico na Academia, na Grécia Antiga, onde ocorriam os debates sobre questões e reflexões filosóficas. O autor afirma que mesmo tendo a tradição da pesquisa comunicada também é referência na Grécia Antiga, estando à frente Aristóteles com os seus debates no Liceu e sua produção de manuscritos. Ainda, o autor revela que a forma de difusão dos resultados da pesquisa de um cientista depende do meio em que está empregado, (sendo um periódico ou evento), dependem do caráter das informações

compartilhadas e do interlocutor (usuários – pesquisadores que estão à busca de informação especializada). Assim, a comunicação científica perpassa por caminhos que podem ser classificados como formais e informais: “Os meios formais são acessíveis de forma fixa por um longo período, e sua aquisição não requer, normalmente, contato com o autor.” (MEADOWS, 1999, p. 25), já os meios informais, Back (1972) afirma que concebem discussões pessoais, chamadas telefônicas, correspondências privadas, encontros locais e seminários.

Nesse sentido, o GT-1 e os demais GTs do ENANCIB se caracterizam tanto como meio informal de comunicação científica, na medida em que as comunicações orais dos resultados de pesquisas permitem o debate sobre o conteúdo apresentado pelos pesquisadores, e que os resultados geralmente não são registrados; quanto como meio formal de comunicação científica, e segundo Silva, Freire e Oliveira (2017, p. 9) “[...] os anais do ENANCIB não somente são publicados como também obtém registro no International Standard Serial Number e, para efeito da avaliação quadrienal da Capes, seus trabalhos recebem pontuação equivalente a um periódico avaliado como B1 pelo Qualis de Periódicos da Capes”. Assim Bastos (2005, p. 72) afirma que “[...] sem produção científica, a disseminação do conhecimento científico se torna limitada, dificultando o avanço da ciência. A disseminação da produção científica permite maior visibilidade aos estudos e pesquisas realizados, impulsionando o desenvolvimento intelectual e a geração do conhecimento.”

4 FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO

O impacto produzido pela sociedade da informação, a produção e expansão contínua de dados e informação pedem um olhar reflexivo e um posicionamento perante essas demandas. Floridi (2010b, p. 7) compara “[...] a sociedade da informação é como uma árvore que vem crescendo seus ramos de longo alcance muito mais amplamente, apressadamente e caoticamente do que suas raízes conceituais, éticas e culturais.” Então sugere que há urgência de um caminho viável para que a sociedade se prepare e se conscientize epistemologicamente, esse caminho é a Filosofia da Informação:

[...] a fim de expandir e reforçar a nossa compreensão conceitual da nossa era da informação, da sua natureza, das suas implicações menos visíveis e do seu impacto no bem-estar humano e ambiental, e assim dar-nos a oportunidade de antecipar dificuldades, identificar oportunidades e resolver problemas (FLORIDI, 2010b, p. 8).

Assim o filósofo italiano Luciano Floridi (2002), pioneiro no campo da Filosofia da Informação e da Ética da Informação, apresenta a proposta de criação de uma área de pesquisa que se denomina Filosofia da Informação.

Caracterizada por Floridi (2011, p. 14) como:

[...] uma área filosófica que está relacionada à (a) investigação crítica da natureza conceitual e dos princípios básicos da informação, incluindo sua dinâmica, utilização e ciências; e à elaboração e aplicação das metodologias teórico-informacionais e computacionais a problemas filosóficos.

Segundo Floridi (2011, p. 15-16), “[...] uma área filosófica que está relacionada à investigação crítica da natureza conceitual e dos princípios básicos da informação, incluindo sua dinâmica, utilização, e ciências; [...]”, se refere à Filosofia da Informação como sendo uma nova área de investigação na Filosofia, com base na investigação de conteúdo da informação e não preocupada apenas em sua forma, quantidade e perspectiva de ocorrência e, “[...] e à elaboração e aplicação das metodologias teórico-informacionais e computacionais a problemas filosóficos [...]”, indica, que a Filosofia da Informação adquire métodos próprios para análise de problemas de caráter filosóficos, ou problemas tradicionais ou novos.

Conforme Floridi (2002a), as questões sobre Filosofia antiga são revistas e revigoradas, em estudos e pesquisas feitos na área de computação e informação, pois reavaliam e propõem novos problemas, colaboram para reestruturar/conceituar modos diferenciados de ver o mundo, assim dando frutos a resultados importantes e relevantes. Pode-se constatar que a Filosofia da Informação tem como um de seus objetivos proporcionar uma relação entre as áreas de conhecimento que estão ou foram afastadas com o tempo. Assim visa como possibilidade, proporcionar reflexões sobre os pressupostos, problemas, métodos, soluções de atividades culturais, sociais, profissionais e científicas relacionadas à informação.

A filosofia da informação, enquanto reflexão fundamental sobre a informação, é um questionar de uma forma tão basilar e fundamental quanto o é o questionar fundador dos variados ramos da filosofia: o que é ser? (ontologia), o que é conhecer? (epistemologia), o que é a linguagem? (filosofia da linguagem), o que é a mente, a consciência, o bem e o mal, o pensamento, etc., etc. Trata-se de um questionar que não pode ser resolvido por inquéritos, sondagens, por consultas a dicionários ou por análises estatísticas. Cada resposta, sendo um avanço, pressupõe uma base, um fundamento, ou seja, um conjunto de pressupostos quanto ao contexto, à retaguarda de entendimento, no âmbito da qual surge o que é descoberto, o que é apontado ou entendido (ILHARCO, 2004, p. 7).

Desse modo, a sociedade da informação desenvolve uma série de problemas e questões emergenciais que são acolhidos e investigados de forma autônoma pela Filosofia da Informação. Assim, destacam-se uma visão não rigorosa e nem radical perante a informação, e sim uma visão filosófica. Desenvolvendo o pensar filosófico perante a informação, motivando assim reflexões pertinentes à área como: O que é informação? Quais as atividades da informação? Quais diferenciações pode-se perceber sobre a informação referente aos dados, conhecimento, comunicação e ação? O que nos permite identificar ou assumir algo como sendo informação?

O que é novo na filosofia da informação, e por isso a sua maior força e promessa, é a possibilidade de sob um mesmo paradigma, não apenas no âmbito de uma mesma teoria ou proposta ontológica ou epistemológica, mas sob uma mesma perspectiva de fundo, a da informação, poder proporcionar a reflexão fundamental e crítica sobre os pressupostos, os métodos, as investigações, as descobertas, as dúvidas, os problemas e as soluções, de uma cada vez maior parte das atividades científicas, comunicacionais, tecnológicas, culturais, sociais e profissionais das sociedades desenvolvidas (ILHARCO, 2004, p. 4-5).

A Filosofia da Informação pode ser definida como um campo filosófico que se preocupa com a reflexão crítica, indagações transdisciplinar, a problematização conceitual, princípios básicos da informação e como característica ressalva sua forma dinâmica de utilizar e relacionar as ciências, também utiliza diversas metodologias, em especial as computacionais, a aplicação da informação teórica para reflexões sobre problemas filosóficos. Assim esse campo mostra uma relação entre a escolástica, que na Idade Média foi uma doutrina que se preocupava com problemas relacionados à fé e à razão, e uma inovação conceitual partindo de uma modernização da dialética.

Para Floridi (2002a), pode-se contar com um vocabulário de conceitos muito rico na Filosofia da Informação. Quando não se entende uma série de eventos/assuntos, torna-se necessário fornecer uma certa explicação que, para a Filosofia constitui que poder reformular assuntos em termos informacionais para sanar ou fomentar questionamentos.

A Filosofia da Informação desenvolve uma capacidade semântica, tida como sua metodologia, que é vista por Floridi (2002a), como uma das suas características, pois assim consegue apresentar, por meio da filosofia informacional, o que se encontra diante de um paradigma extensivo, detalhado e inteligível.

Desse modo, a Filosofia da Informação tem como preocupação as relações entre o ser humano e a informação, não tendo como prioridade preocupar-se com as operações e as ferramentas que dão apoio à informação, e juntamente procura analisar os mais variados assuntos que estejam conexos à informação. A própria Filosofia da Informação tem como ambiente de estudo e pesquisa o espaço do ser humano. A produção da informação é encontrada nesse ambiente, que propicia o desenvolvimento, disseminação e apropriação da informação, quanto objeto criado pelo ser humano. Assim sendo, tem-se uma realidade propícia para reflexões e análises perante o fluxo e a informação.

Há alguns anos não se ouvia falar sobre a Filosofia da Informação, contudo, seu desenvolvimento em meios científicos, acadêmicos e profissionais se tornam de fato interessante e de grande importância para as áreas. Assim, todo esse desenvolvimento, com proposta de investigações e reflexões filosóficas perante as áreas de Informação, Tecnologia e Comunicação, aconteceu e acontece no desenvolvimento do trabalho de vários pesquisadores espalhados pelo mundo, com destaque ao Professor italiano Luciano Floridi.

A Filosofia da Informação abre portas não somente para as áreas como Informação, Tecnologia, Comunicação ou a própria Filosofia, mas, para todas as áreas do saber que precisam e devem buscar ser entendidas e investigadas como forma de desenvolvimento e compreensão. Assim, por muito tempo, a linguagem foi esquecida pela Filosofia, não sendo necessária uma investigação, pois acreditava-se ser óbvio a transparência entre ideias e coisas, da mesma forma que se compreendiam a informação. Com o passar do tempo e as necessidades informacionais mudando e necessitando de respostas, houve a necessidade de buscar uma investigação sobre o teor da transparência da linguagem.

No que respeita à informação, deve colocar-se o mesmo tipo de questão: se a informação não é transparente, se aquilo que informa varia o seu significado de pessoa para pessoa, de situação para situação, de contexto para contexto, isto é, o que ele mesmo é enquanto aquilo que é reconhecido como ser, então o carácter informativo da informação, a sua pressuposta transparência, deve ser colocada em questão e desse facto retiradas consequências. Quer isto dizer que a informação deve ser investigada, refletida, pensada em termos primários e fundadores, ou seja, como filosofia, como filosofia da informação (ILHARCO, 2004, p.6).

Assim, a Filosofia da Informação tem como objetivo e possibilidade de contribuir como sendo uma área que incita o pensar, a reflexão, a busca por questionamentos e investigações, não só filosóficos, mais científicos relacionados à informação.

A Filosofia da Informação utiliza como método uma forma relacional, pois, tem como meios a complexidade do ser humano, seu ambiente e pensamento. Mas o que chama atenção, como seu objeto de pesquisa e estudo é a informação que possa ser aberta e livre. O que seria uma informação aberta ou livre? A que não é dominada, não está presa a algo ou a uma propriedade. Dominada no sentido de poder ser e ter condições de manipulação. Uma informação “liberta” seria a ideal, pois não estaria sob controle humano, mas sim apropriada para sua percepção.

A filosofia da informação privilegia a informação como o seu tópico central, em detrimento da computação porque ela analisa a última pressupondo a primeira. A filosofia da informação trata a questão da computação apenas como um dos processos – e talvez o mais importante – em que a informação está envolvida. Desta forma, esta área deve ser tomada como filosofia da informação e não apenas definida em sentido estrito como filosofia da computação, tal como a epistemologia é a filosofia do conhecimento e não apenas a filosofia da percepção (FLORIDI, 2002, p. 5).

Tradicionalmente, a Filosofia da Informação nasceu da Filosofia da Computação, porém não como uma ramificação, mais sim com um objetivo já diferenciado e ressaltado em sua base muito mais ampla e intensa. Assim, a Filosofia da Informação é considerada uma área de investigação e do conhecimento, que segundo Floridi (2004b), tem como objetivos:

- elaborar metodologias teóricas informacionais e computacionais que possam ser utilizadas em problemas filosóficos e;
- investigar de forma crítica a natureza e a base da informação, suas atividades, fluxos, utilização e suas ciências.

Ainda avaliada como área emergente, a Filosofia da Informação é considerada por Floridi (2002b) como madura, e assim o autor destaca três pontos que reforçam tal afirmação:

- 1- área autônoma que oferece questões únicas;
- 2- uma aproximação inovadora com questões filosóficas, atuais ou tradicionais, e;
- 3- potencial de estar nos mesmos ramos da Filosofia, propondo novas teorias relacionadas a sociedade informacional e a informação.

No quadro abaixo pode-se analisar a estruturação da Filosofia da Informação, dividida segundo Floridi (2002b):

Quadro 9 – Filosofia da Informação e sua estrutura

TÓPICOS	MÉTODOS	TEORIAS
Fatos	Técnicas	Hipóteses
Dados	Aproximações	Explicações
Problemas	Modelos	Descrições
Observações	Etc.	Etc.
Etc.		

Fonte: a autora (2019).

As divisões apresentadas apontam indícios de como a estruturação da Filosofia da Informação incorpora e expõe a junção das duas áreas, a Filosofia e a Ciência da Informação. Assim, consegue-se compreender, de forma ampla, o quanto as áreas relacionadas complementam uma à outra e contribuem para o desenvolvimento de ambas por meio da Filosofia da Informação.

Hoje, com a evolução da Internet, a Filosofia da Informação busca consolidar-se como área para um desenvolvimento que visa a investigação e o

conhecimento como sua principal característica. Assim como explica Floridi (2002b, p. 38): “O tempo chegou para avançar para a substância da área: as novas teorias sobre a informação, o fenômeno de base da era contemporânea.”

Os problemas da Filosofia da Informação também fazem parte do desenvolvimento da área, haja vista que, quando se fala de problemas não está sendo utilizado em caráter negativo, mas sim como forma de investigação e reflexão perante o que se é proposto. De acordo com Floridi (2004b), são questões muito bem identificadas, consequências riquíssimas para aprofundamento, difícil de solucionar, porém, fácil de se compreender, porém acessível à investigação.

Quadro 10 – Os Problemas da Filosofia da Informação

Problema Ontológico	Busca-se a essência da informação como fenômeno que é. Baseado na relação da informação com questões empíricas; eu e o mundo.
Problema Epistemológico	Vai além da busca pelo conhecimento sobre a informação, mas é como pode pensar sobre o procurar conhecimento (sobre a informação). Pensar epistemologicamente antes da informação.
Problema Epistemológico II	Quais métodos e aproximações são necessárias para compreender a informação? A investigação sendo possível por perspectivas diversas.
Problema da Realidade	A informação é realidade? Qual relação entre o sujeito, a informação e a realidade? Etc. Diversas questões que podem incidir sobre a informação.
Problema da Ação	Ação não somente no sentido de movimento, mas como sentido de ação/reação perante a informação.
Problema da Comunicação	Questões que envolvem o surgimento e relação da informação e comunicação.
Problema da TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação)	O sentido, as possibilidades e consequências das TICs no universo das sociedades humanas.
Problema Ético	Questões voltadas à singularidade humana, buscando ressaltar a responsabilidade, direitos, comportamentos, respeito e valores.

Fonte: a autora (2019).

Cada problema citado no quadro acima tem por consequência reflexões e direcionamentos que contribuem para o desenvolvimento do que está sendo pesquisado. As questões abordadas compreendem o universo tanto da área da Filosofia como da área da Ciência da Informação, trazendo assim substância que fomentam a investigação proposta. Sendo assim, a relação entre as áreas é compreendida como necessária e de grande importância para diversas pesquisas, reflexões, mudanças e refinamento do conhecimento tanto na Filosofia quanto na Ciência da Informação.

Muitas questões englobam o contexto histórico da Filosofia da Informação, porém como principal tem-se uma questão filosófica e de profunda densidade: “o que é informação?”. Tal pergunta engloba uma relação a busca pelo conceito da informação, e por este caminho, busca a compreensão da mesma por outras áreas. Encontra-se a utilização do termo “informação” em vários lugares e em diversos usos, e diversos campos de estudos. Assim sendo, é uma característica da Filosofia da Informação, a busca de um esclarecimento acerca do termo, evidenciando sua multiplicidade e seus diversos usos e contextos.

Floridi (2002, 2011) apresenta que a Filosofia da Informação possui um novo paradigma e uma área de investigação autônoma na Filosofia. E pode-se dizer que ela se apresenta como novo paradigma, pois rompe com os paradigmas da Filosofia, e assim constitui o seu próprio tendo a informação como foco principal na relação social e na análise de conceitos. Aponta também que a autonomia da Filosofia da Informação tem como alicerce o desenvolvimento e a presença de tópicos (problemas, fenômenos), métodos (técnicas, abordagens) e teorias (hipóteses, explicações) próprias (FLORIDI, 2002, 2011).

A questão “o que é informação?” se destaca no tópico da Filosofia da Informação, tendo como preocupação as naturezas ontológica e epistemológica da informação. A resposta dessa pergunta é o que direciona os caminhos que serão percorridos pela Filosofia da Informação e assim delimita seu alvo de investigação (FLORIDI, 2011).

Diversas concepções de informação foram desenvolvidas ao longo do tempo na tentativa de esclarecer e elucidar o que se é de fato informação. Abaixo segue a concepção e visão de informação de diversos autores:

- Wiener (1954): a informação como um terceiro elemento constituinte do mundo, ao lado de matéria e energia, não sendo redutível a elas;

- Shannon e Weaver (1949/1998): em Teoria Matemática da Comunicação e Informação, concebem uma noção técnica de informação idealizada em termos probabilísticos que decorrem da redução de possibilidades de escolha de mensagens, podendo ser entendida de forma objetiva;

- Dretske (1981): a informação é um produto, que existe de forma objetiva no mundo, independente do ser humano compreender ou não;

- Stonier (1997): a informação está no plano físico, objetivamente, a *informação existe*, não necessita ser alcançada para existir, não necessita ser *compreendida* para existirem ao menos necessita de inteligência para interpretar;

- Floridi (2011): a Informação é um dado bem-formado, com significado e verdade;

- Gonzalez (2014): a Informação é um processo organizador de relações disposicionais com propriedades que são atribuídas a objetos materiais e imateriais, estruturas ou formas em diferentes contextos.

Os conceitos de informação acima citados, ainda que sejam distintos, há em comum o que se chama de atitude naturalista, que consiste em “[...] desconsiderar o sobrenatural na explicação da natureza e da mente, concebendo a realidade constituída apenas por elementos e leis naturais, as quais são explicadas através de métodos científicos.” (MORAES, 2014). Para as propostas de Floridi e Dretske apresentam uma relação essencial entre a informação e a verdade.

Por consequência, deve-se levar em consideração que não se pode reduzir a Filosofia da Informação como mera esclarecedora de um termo, pois é essa impressão que muitas vezes é passada para o indivíduo, assim sendo uma interpretação equivocada.

Desta forma, em 2002 na Universidade Carnegie Mellon nos Estados Unidos, Luciano Floridi esquematizou de forma enumerada, dezoito problemas para a área da Filosofia da Informação. Tais “problemas” são questionamentos que necessitavam de solução, e que segundo Floridi (2011) seriam de grande importância para a discussão e o desenvolvimento de pesquisas na área.

- 1- Que é informação?
- 2- Quais são as dinâmicas da informação?
- 3- É possível uma teoria unificada para as diversas vertentes da informação?
- 4- Como os dados adquirem significado?

- 5- Como dados já significados podem adquirir valor de verdade?
- 6- A informação pode explicar a verdade?
- 7- A informação pode explicar a sua significação?
- 8- Pela cognição há possibilidade de explicação dos termos do processamento da informação?
- 9- A inteligência natural, pode de forma satisfatória, analisar termos de processamento da informação?
- 10- Pode as ciências naturais analisar de forma satisfatória, a informação?
- 11- A abordagem informacional pode solucionar o problema da relação alma – mente – corpo?
- 12- A informação só pode ser avaliada pela informação? Existe um círculo informacional?
- 13- A epistemologia pode ter como base uma teoria da informação?
- 14- A ciência é redutível à modelagem informacional?
- 15- Há um estatuto da informação em relação ao mundo natural?
- 16- A informação pode ser considerada natural?
- 17- A natureza da ciência pode ser informacionalizada?
- 18- A ética da computação pode ter a sua fundamentação filosófica?

Tais questionamentos apresentados mostram a relação com o Quadro 5, onde são abordados os “problemas” da Filosofia da Informação. Pode considerar a relação entre eles como um mapa a ser “lido” para assim guiar a caminhada nas problematizações destacadas, nas investigações ontológicas e semânticas acerca da informação. Por mais que tais questionamentos levem a uma discussão atual, de modo geral, a qualquer resposta são traçados caminhos para pesquisas futuras, e ao mesmo tempo um reviver histórico e relacional entre ciência, filosofia e informação, assim abrindo caminho para mais questões serem produzidas.

Como um marco na Ciência da Informação, o lançamento do livro “Philosophy of Information, Handbook of the Philosophy of Science (2008)” com o capítulo: “Filosofia da Informação: Conceitos e História”, contendo uma vasta reflexão sobre Epistemologia e a Informação, Informação em Língua Natural de Kamp e Stokhof, Tendências em Filosofia da Informação de Floridi e, Aprendizagem da Cooperativa Computacional Universo (Gibbons, 1994). Tal marco mostra a compreensão por meio de vários fatores e vertentes, assim elucida Floridi (2004): “A

informação é um conceito tão poderoso e indescritível que pode ser associado a várias explicações, dependendo das necessidades e intenções”.

Desde Platão até os filósofos contemporâneos, já se observa uma preocupação informacional implícita e explícita nas reflexões e debates desenvolvidos, que assim vem fortificando e fomentando a Filosofia da Informação na busca de pesquisas frutíferas e agregadoras para si e para a Ciência da Informação.

Com base nos estudos do texto “A Condição da Informação” de Aldo de Albuquerque Barreto (2002) chama atenção pela sua abordagem epistemológica e filosófica, onde apresenta uma importante reflexão sobre a Informação.

A característica da informação passou a ser sua ‘(in) tensão’ para gerar o conhecimento no indivíduo e conseqüentemente em sua realidade. É nesse sentido que a ciência da informação mostra a sua interdisciplinaridade, pois ao se relacionar com o conhecimento a informação necessita, para sua explicação, de uma reflexão que busca a filosofia, a linguística, a ciência cognitiva, a ciência da computação, a sociologia, entre outras tantas (BARRETO, 2008, p. 12).

Falar da Informação como mediadora e geradora do conhecimento, necessita consciência e responsabilidade em compreender e disseminar os benefícios e limites necessários quanto ao papel da informação:

Qual é o papel da informação em formato eletrônico no grande dilema da existência do ser humano atual. Quanto da informação se orienta para formar uma inteligência coletiva e quanto para uma inteligência de competição e de provocação de consumo em favor do mercado. Estas transformações se associam a felicidade do ser humano na simplicidade dos seus espaços de convivência? (BARRETO, 2008, p. 15).

Finalizando seu texto, “A Condição da Informação”, Barreto (2002) faz uma reflexão ainda mais profunda sobre o teor da informação e conhecimento sobre as condições subjetivas do indivíduo e sociedade: “Como ficará o pensar, o querer e o julgar nessas novas configurações de tempo e de espaço e informação. Não se sabe, mas considera-se que de nada adiantará se as modificações não acontecerem em cada um” (BARRETO, 2002, p. 74).

Seguindo essa mesma linha, Luciano Floridi não poupou esforços em pesquisas sobre o “sentido” da informação, desde 1995 até os dias atuais. Sendo que em 2011 destaque com seu texto: culminando em 2011 com o texto intitulado

“The Philosophy of Information”, publicado pela Universidade de Oxford. No texto, Floridi retoma problemas filosóficos que ficaram pendentes em relação às ciências computacionais, visando assim colocá-los em prática novamente.

Assim sendo, a Filosofia da Informação vem destacando sua preocupação com questões epistemológicas decorrentes de investigações nos campos da Lógica, Inteligência Artificial, Ciência Computacional, Filosofia da Ciência e Ciência da Informação, tendo como ponto de base o avanço cada vez mais rápido dos meios tecnológicos, como o computador. Não menos importante, Capurro (2007) apresenta a chamada “teoria do meio”, que abarca a mensagem como “meio”. Tal teoria, apresenta a relação da informação com seu meio social, cultural, político, ético, e seu fluxo, também são investigações levadas à Filosofia.

Deste modo, a busca histórica para elucidação tanto da Ciência da Informação, quanto da Filosofia da Informação, não acontece somente por estudiosos específicos de cada área citada, encontra-se também a busca pelos filósofos (as), de modo geral, desde a antiguidade até a atualidade, como contribuintes para a compreensão ou elucidação de conceitos, contextos, ou o que estiver sendo investigado.

Na próxima seção é apresentada a análise dos resultados desta pesquisa, a partir dos artigos selecionados do GT1-Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do ENANCIB que se relacionam com os problemas da Filosofia da Informação, fundamentados nas ideias de Luciano Floridi (2004).

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados da presente pesquisa que teve como objetivo analisar as perspectivas da Filosofia da Informação na Ciência da Informação a partir das publicações do GT1-Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do ENANCIB, com base nos Problemas da Filosofia da Informação. Para tanto, foram analisados os artigos publicados na categoria trabalhos completos do GT1 do ENANCIB nas três últimas edições do evento (2017; 2018 e 2019).

Seguindo as palavras de Costa (2000), que elucida a pesquisa como principal atividade dos cientistas, independentemente de sua área de conhecimento, na qual necessita de mecanismos para comunicação dos resultados de suas investigações.

Deste modo, buscou-se identificar nas comunicações apresentadas no GT1 do ENANCIB quais artigos podem ser relacionados aos problemas da Filosofia da Informação definidos por Luciano Floridi (2004).

Conforme apresentado no Quadro 1, da primeira seção desta dissertação, a pesquisa está fundamentada na Análise de Conteúdo e dividida em 3 Fases, sendo elas:

- 1ª Fase: Levantamento do Referencial Teórico, relacionamento autores da Ciência da Informação e Filosofia da Informação;
- 2ª Fase: Escolha das categorias e seleção dos artigos a serem analisados.
- 3ª Fase: Leitura, análise e categorização dos artigos com base nos problemas da Filosofia da Informação.

Assim, na 1ª Fase foi realizado um levantamento teórico de autores que poderiam fornecer um sustentáculo teórico para a pesquisa. Buscando identificar pontos de convergência entre a Ciência da Informação e a Filosofia da Informação inicialmente foram analisados textos de autores como Japiassu (1934), Bush (1945), Palmade (1979), Fernandez-Molina (1994), Wersig (1993), Saracevic (1995), Pombo (2004), Capurro e Hjørland (2003), Barreto (2008), Araújo (2003,2018), entre outros, que apresentam pesquisas sobre a epistemologia da Ciência da Informação.

Em um segundo momento foram analisados os estudos de autores como Sócrates (2004), Platão (2004), Aristóteles (1969), Kant (1973), Nietzsche (1973)

Hegel (1973), Kneller (1980), Grimal (1982), Granger (1994), Deleuze e Guattari (2000), Goto (2007), Aranha e Martins (2009), Mostafa e Nova Cruz (2009), Gallo (2013) que apresentam reflexões sobre a Filosofia e sua relação com a Ciência.

Na 1ª Fase foram analisados os textos de Floridi (2002, 2004, 2010, 2011), Barreto (2002), Ilharco (2004), Capurro (2007) e Moraes (2014) para fundamentar Filosofia da Informação e contextualizar a importância desta temática no campo da Ciência da Informação.

Na 2ª Fase foram definidas as categorias de análise com base em Floridi (2004), sendo identificadas um total de 8 (oito) categorias pré-existentes e já indicadas por Floridi, considerando as reflexões temáticas da Filosofia da Informação para a Ciência da Informação. Para a definição das categorias buscou-se também, atender ao princípio da exclusão de Bardin (2011), onde um componente não pode estar em mais de uma categoria. Assim, foram definidas as seguintes categorias:

- 1- Problema Ontológico;
- 2- Problema Epistemológico;
- 3- Problema Epistemológico II;
- 4- Problema da Realidade;
- 5- Problema da Ação;
- 6- Problema da Comunicação;
- 7- Problema da TIC; e
- 8- Problema Ético.

Estas categorias emergiram da leitura do Referencial Teórico na 1ª Fase e das discussões na própria área da Ciência da Informação no âmbito da Filosofia da Informação. As categorias são pré-existentes, estão no quadro 10 da dissertação e nas próprias reflexões de Luciano Floridi.

Após a escolha das categorias iniciou-se a análise dos artigos completos publicados no GT1 utilizando como critério de busca a identificação dos seguintes termos: “Informação, Ontologia, Epistemologia, Tecnologia da Informação, Ética e Ética da Informação” nas palavras-chaves ou no resumo dos artigos. Foram analisados 60 (sessenta) artigos e selecionados 26 (vinte e seis) de acordo com o escopo desta pesquisa.

A seguir são apresentados (quadro 11; quadro 12 e quadro 13) os artigos selecionados nos três últimos ENANCIB, categorizados conforme o ano de

publicação. Os quadros apresentam três colunas: título, autor e referência. Na coluna Título foram elencados os títulos dos artigos recuperados por meio das palavras-chave e leitura do resumo; na coluna Autor foram elencados os respectivos autores e autoras dos trabalhos selecionados e; na coluna Referência foram descritas as referências dos respectivos artigos. A coluna Referência foi elaborada pensando na melhor visualização e compreensão do desenvolvimento da análise.

Quadro 11 – Artigos selecionados que abordam os problemas da Filosofia da Informação publicados no GT1 do ENANCIB no ano de 2017

TÍTULO	AUTOR	REFERÊNCIA
Da linguagem que nos (re)funda ao enigma da imagem nos estudos informacionais: contribuições de teóricos franceses sobre a condição da retórica e imagem na ciência da informação	<i>Márcia F. de Figueiredo Gustavo Silva Saldanha</i>	<i>FIGUEIREDO; SALDANHA (2017)</i>
A complexidade da era digital desafia a ética	<i>Francisco Carlos Paletta Armando M. da Silva</i>	<i>PALETTA; SILVA (2017)</i>
Sobre a competência ética na ciência da informação	<i>Isa Maria Freire</i>	<i>FREIRE (2017)</i>
Informação a serviço do estado burocrático	<i>Alexandre C. Gugliotta Maria N. González de Gomez Vitor Fonseca</i>	<i>GUGLIOTTA; GOMEZ; FONSECA (2017)</i>
Competência crítica em informação e participação ética em comunidades de aprendizagem	<i>Arthur Coelho Bezerra Andréa Doyle</i>	<i>BEZERRA; DOYLE (2017)</i>
*Movimentos inter e trans-disciplinar nos estudos informacionais	<i>Edivanio Duarte de Souza Mariza de Oliveira Pinheiro Rildo F. Coelho da Silva Jacqueline de Castro Rimá</i>	<i>SOUZA; PINHEIRO; SILVA; RIMÁ (2017)</i>
Uma proposta de análise epistemológica: observando o documento médico	<i>Asy Pepe Sanches Neto Marcia H.T. de Figueredo Lima</i>	<i>NETO; LIMA (2017)</i>
A informação na ciência da informação como perspectivismo pluri/multi, inter e transdisciplinar: do princípio quantitativo pluridisciplinar à unificação transdisciplinar	<i>Jonathas Luiz Carvalho Silva</i>	<i>SILVA (2017)</i>
Itinerários filosóficos da ciência da informação no brasil, o pioneirismo do ibict e a propagação das ideias	<i>Lena Vania Ribeiro Pinheiro</i>	<i>PINHEIRO (2017)</i>

Fonte: a autora (2019)

Conforme pode ser observado no Quadro 11, 9 (nove) artigos foram selecionados de acordo com os critérios estabelecidos nesta pesquisa, em um total de 21 (vinte e um) artigos completos publicados no GT1-ESTUDOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, que foi realizado na cidade de Marília-SP no ano de 2017.

Quadro 12 – Artigos selecionados que abordam os problemas da Filosofia da Informação publicados no GT1 do ENANCIB no ano de 2018

TÍTULO	AUTOR	REFERÊNCIA
A teoria da informação pode contribuir para uma visão social da informação? um olhar para a ética, a dialética e a ciência da informação	<i>Andréa Doyle Leila Beatriz Ribeiro</i>	<i>DOYLE; RIBEIRO (2018)</i>
Contribuição da teoria crítica aos estudos sobre regime de informação e competência crítica em informação	<i>Arthur Coelho Bezerra</i>	<i>BEZERRA (2018)</i>
Epistemologia crítica e social da ciência da informação: 50 anos de uma escola dialética	<i>Gustavo Silva Saldanha</i>	<i>SALDANHA (2018)</i>
Epistemologia e ciência da informação: fundamentos teóricos e produção bibliográfica nacional	<i>Cezar Karpinski</i>	<i>KARPINSKI (2018)</i>
Informação como prova ou monumento: materialidade, institucionalidade e representação	<i>Rodrigo Rabello Georgete M. Rodrigues</i>	<i>RABELLO; RODRIGUES (2018)</i>
O sertão da palavra informação: o informe em língua de brincar	<i>Vinícios S. de Menezes</i>	<i>MENEZES (2018)</i>
Pós-verdade e informação: múltiplas concepções e configurações	<i>Jonathas L. Carvalho Silva</i>	<i>SILVA (2018)</i>
Tecnologia e validação científica: um dilema ético e epistemológico	<i>Fernanda Valle Ricardo Pimenta Marco Schneider</i>	<i>VALLE; PIMENTA; SCHNEIDER (2018)</i>

Fonte: a autora (2019)

Conforme pode ser observado no Quadro 11, 8 (oito) artigos foram selecionados de acordo com os critérios estabelecidos nesta pesquisa, em um total de 19 (dezenove) artigos completos publicados no GT1-ESTUDOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, que foi realizado na cidade de Londrina-PR no ano de 2018.

Quadro 13 – Artigos selecionados que abordam os problemas da Filosofia da Informação publicados no GT1 do ENANCIB no ano de 2019

TÍTULO	AUTOR	REFERÊNCIA
A formação do espírito científico na ciência da informação: contribuições da psicanálise do conhecimento e da responsabilidade social	<i>Sérgio Rodrigues Santana Edivanio Duarte de Souza</i>	SANTANA; SOUZA (2019)
A invenção da ciência da informação segundo Nicolas Roubakine (rubakin)	<i>Gustavo Silva Saldanha</i>	SALDANHA (2019)
Estudos históricos e epistemológicos da ciência da informação: padrões de pesquisa, temáticas abordadas, referenciais teóricos e impacto científico	<i>Fabio Orsi Meschini Moacir Francelin</i>	MESCHNI; FRANCELIN (2019)
HISTORIOGRAFIA E EPISTEMOLOGIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: Um olhar sobre a literatura brasileira	<i>Tiago José da Silva Isa Maria Freire</i>	SILVA; FREIRE (2019)
Informação e implicações epistemológicas e políticas: questões entre fisicalidade e materialidade	<i>Rodrigo Rabello</i>	RABELLO (2019)
Negociações semiótico-tecnológicas da informação: um novo tempo da pragmática	<i>Maria N. G. de Gomez</i>	GOMEZ (2019)
Jesse Shera e a epistemologia social sob a ótica da escola de Chicago	<i>Keitty Rodrigues Vieira Cezar Karpinski</i>	VIEIRA; KARPINSKI (2019)
Mineração de dados na pesquisa em ciência da informação: desafios e oportunidades	<i>Josir Cardoso Gomes Ricardo Medeiros Pimenta Marco Schneider</i>	GOMES; PIMENTA; SCHNEIDER (2019)
Ciência aberta e quarto paradigma científico: a multidimensionalidade da ciência contemporânea	<i>Adriana C. S. de Oliveira</i>	OLIVEIRA (2019)

Fonte: a autora (2019)

Conforme pode ser observado no Quadro 11, 9 (nove) artigos foram selecionados de acordo com os critérios estabelecidos nesta pesquisa, em um total de 20 (vinte) artigos completos publicados no GT1-ESTUDOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, que foi realizado na cidade de Florianópolis-SC no ano de 2019.

A partir da análise realizada constatou-se um equilíbrio, em termos numéricos, em relação às publicações que abordam os problemas da Filosofia da Informação nos últimos 3 (três) anos, sendo que no ano de 2017 foram selecionados 9 (nove) artigos, 2018 selecionados 8 (oito) artigos e, 2019 selecionados 9 (nove).

Na 3ª Fase foi realizada a leitura completa dos 26 (vinte e seis) artigos selecionados na fase anterior, identificando os artigos que contemplavam aspectos dos problemas da Filosofia da Informação contidos nos artigos teóricos da Ciência da Informação baseado nas ideias de Floridi (2004) e categorizando-os de acordo com as categorias definidas na fase anterior, conforme apresentado nas seções seguintes.

5.1 ANÁLISE DAS CATEGORIAS

O resultado da 2ª Fase possibilitou perceber os elementos e aspectos que os autores e autoras abordam a partir de uma reflexão da Ciência da Informação permeada pela Filosofia da Informação. No Quadro 14, foram selecionados quais os artigos apresentaram aspectos em cada Problema da Filosofia da Informação, tendo artigos que se relacionam com mais de um problema. O quadro foi desenvolvido utilizando as Referências dos autores e autoras dos artigos, e os Problemas da Filosofia da Informação. Para cada Referência, organizada por ordem alfabética, foi assinalado quais Problemas da Filosofia da Informação existem aspectos que foram identificados nos artigos.

Quadro 14 – Artigos analisados

REFERÊNCIAS	Problema Ontológico	Problema Epistemológico	Problema Epistemológico II	Problema da Realidade	Problema da Ação	Problema da Comunicação	Problema da TIC	Problema Ético
BEZERRA (2018)		X						
BEZERRA; DOYLE (2017)			X					X
DOYLE; RIBEIRO (2018)			X					
FIGUEIREDO; SALDANHA (2017)			X			X		
FREIRE (2017)			X		X			X
GOMES; PIMENTA; SCHNEIDER (2019)		X						
GOMEZ (2019)			X				X	
GUGLIOTTA; GOMEZ; FONSECA (2017)			X	X	X	X		X
MENEZES (2018)		X						
NETO; LIMA (2017)		X		X		X		X
PALETTA; SILVA (2017)			X	X	X			X
RABELLO (2019)			X					
RABELLO; RODRIGUES (2018)			X					
SALDANHA (2018)		X						
SANTANA; SOUZA (2019)			X				X	X
SILVA (2017)	X		X					
SILVA (2018)			X					
SOUZA; PINHEIRO; SILVA; RIMÁ (2017)		X	X					
VALLE; PIMENTA; SCHNEIDER (2018)							X	

Fonte: a autora (2019)

A partir dos resultados apresentados no Quadro 12 foi realizada a análise de forma independente em cada uma das categorias com cada artigo, conforme apresentado nas seções seguintes

5.1.1 Categoria: Problema Ontológico

A categoria Problema Ontológico de acordo com Floridi (2004) apresenta a busca pela essência da informação como fenômeno que é, assim baseia-se na relação da informação com questões empíricas sobre o eu e o mundo. Na análise realizada foi identificado que apenas o artigo de Silva (2017) possui como foco problema ontológico de Floridi (2004), quando o autor apresenta a essência da informação vista por meio da perspectiva ontológica que investiga por meio do diálogo e do conhecimento holístico na Ciência da Informação. O autor Silva (2017, p.17) apresenta que o “[...] perspectivismo ontológico promove vida às áreas do conhecimento e, em especial, ao desenvolvimento das práticas científicas sobre informação, contemplando as múltiplas visões em comum entre as áreas do conhecimento.” Assim sendo, a perspectiva do autor apresentada no texto vai ao encontro com as ideias de Floridi (2011) que pressupõe uma ideia ‘in loco’ de sua natureza e cultura, partindo do pressuposto de sua reflexão ontológica e pré-epistêmica. Aponta o dado como operante da relação no espaço de mediação que ocorre entre a linguagem e suas práticas com a relação externa com o mundo (GONZALEZ, 2013).

5.1.2 Categoria: Problema Epistemológico

A categoria Problema Epistemológico de acordo com Floridi (2004) vai além de busca pelo conhecimento sobre a informação, é como se pode pensar sobre a procura do conhecimento sobre a informação, o pensar epistemologicamente antes da informação. Na análise realizada foram encontrados 7 (sete) artigos que contêm aspectos do problema epistemológico da Filosofia da Informação, estes são: Silva (2017), Souza; Pinheiro; Silva; Rimá (2017), Neto; Lima (2017), Bezerra (2018), Saldanha (2018), Menezes (2018) e, Gomes; Pimenta; Schneider (2019).

O primeiro artigo de Silva (2017, p. 2) afirma que:

[...] informação conquistou novos contornos a partir da representação da realidade social e científica intervindo/interferindo mais diretamente no cotidiano da humanidade, em especial, a partir de um gradual processo de globalização econômico-cultural, sustentado por tecnologias de alcance planetários, conferindo a informação uma concepção central nas práticas interacionais entre os diversos tipos de sujeitos nos múltiplos tipos de segmentos.

Neste trecho, percebeu-se que a informação é de grande importância para as investigações e reflexões acerca dos novos direcionamentos ocorridos no mundo.

De acordo com Rodrigues (1999), o campo da informação é uma realidade que depende de um conjunto dos acontecimentos que ocorrem no mundo e assim desenvolvem o meio em que transitamos. Os acontecimentos variam tanto quanto informativos quanto menos previsíveis e, portanto, mais inesperados. Ambos os autores acima apresentam como a informação tem a possibilidade de moldar e transformar o meio em que estamos inseridos.

No artigo de Souza; Pinheiro; Silva e Rimá (2017) foi identificado no texto que ele se relaciona com a categoria problema epistemológico quando mostram como a perspectiva polissêmica da informação é apresentada, visando uma melhor compreensão de sua essência perante seus movimentos inter e transdisciplinares. Nesse texto, a apresentação da informação com seus diversos significados transmite que a essência não necessita de singularidade possibilitando uma discussão interdisciplinar e transdisciplinar como método de conhecimento, e esses “[...] conceitos referem-se aos modos de se trabalhar os conhecimentos científicos, entendidos como elementos ativos para o processo progressivo de integração disciplinar.” (DAL’EVEDOVE; FUJITA, 2013, p. 5). Visto essas condições plurais da informação, pode-se perceber que discussões estão progredindo e definindo um caminho epistemológico para os estudos da informação.

Já no artigo de Neto e Lima (2017) foi identificada a problemática epistemológica de modo que a busca do conhecimento vai além da Informação para a melhor compreensão dos conceitos utilizados como os meios de comunicação pelo documento. No ponto de vista de Floridi (2011), o que liga a informação e semântica antecede o vínculo da informação e conhecimento. Do mesmo modo, que a relação da informação com a representação, são elementos importantes do cuidado com o amparar que a legitimação do conhecimento está sujeita à

informação, e conseqüentemente a validação da informação depende dos processos dos dados. (GONZALEZ, 2013).

O artigo de Bezerra (2018) apresenta aspectos do problema epistemológico, pois enaltece a importância do desenvolvimento da capacidade crítica ante à informação, como busca para um resultado onde possa surgir condições sociais melhores. Esta afirmação vai ao encontro das reflexões apresentadas por Ilharco (2003, p. 17) que argumenta que a Filosofia da Informação surge em um projeto que pretende se consolidar enquanto área de estudo para entender e/ou pensar a informação de maneira filosófica, atribuindo-lhe premissas de questionamentos como, 'Quais as dinâmicas e modos de ser informação?'. Do mesmo modo, Ilharco, (2004) contribui com reflexões acerca dos pressupostos, dos métodos, os problemas e as soluções que já são grande maioria nas atividades científicas, culturais, sociais e profissionais que tem como base o artefato primordial que é a informação.

No artigo de Saldanha (2018) foi identificado como foco do problema epistemológico uma investigação histórica de fundo epistemológico é feita e apresenta como a interpretação da fundamentação da Ciência da Informação é vista no mundo. Tal reflexão complementa os estudos de Furner (2008) que destaca que o modo como são estabelecidos os domínios e métodos de pesquisa apresentam como os homens se relacionam com a sociedade. Assim, no artigo analisado pode perceber que uma interpretação da fundamentação da Ciência da Informação é uma forma de se relacionar com a sociedade.

Menezes (2018) em seu artigo apresenta aspectos do problema epistemológico quando exhibe a informação tendo múltiplas facetas, e é desconstruída na busca da sua essência de informar. O ambiente do ser humano é para Filosofia da Informação seu espaço de investigação, e é nesse espaço que encontramos a informação, pois o informar, o disseminar, o organizar e até mesmo a constituição da informação só acontece entre nós e por nós (FRANCELIN e PELEGATTI, 2004). Para os autores Gomes; Pimenta; Schneider (2019), o foco do problema epistemológico apresenta-se de forma a pensar na propagação dos dados, conseqüentemente, a informação, pensa-se antecipadamente no conhecimento que pode ser gerado para contribuição prática da Inteligência Artificial. Tais perspectivas podem ser relacionadas com o texto Floridi (2004) que aborda a questão dos dados numa perspectiva semântica, e assim define que os dados bem compostos, com

significados e verdadeiros, são condições primordiais para uma informação semântica, de modo que a Inteligência Artificial identifica e processa os dados, e a inteligência humana identifica e processa os dados, e conseqüentemente a informação.

5.1.3 Categoria: Problema Epistemológico II

A categoria Problema Epistemológico II da Filosofia da Informação baseada nas ideias de Floridi (2004) tem como essência a reflexão: quais os métodos e aproximações são necessárias para compreender a informação? A investigação sendo possível por diversas perspectivas. Na análise realizada foram encontrados 14 (quatorze) artigos que contêm aspectos do problema epistemológico II da Filosofia da Informação, estes são: Silva (2017), Souza; Pinheiro; Silva; Rimá (2017), Figueiredo; Saldanha (2017), Paletta; Silva (2017), Freire (2017), Gugliotta; Gomez; Fonseca (2017), Bezerra; Doyle (2017), Menezes (2018), Doyle; Ribeiro (2018), Rabello; Rodrigues (2018), Silva (2018), Santana; Souza (2019), Rabello (2019), Gomez (2019). No artigo de Silva (2017), o autor aborda o problema epistemológico II por meio da visualização da informação na Ciência da Informação pelas concepções disciplinares e pluri/multi/inter/transdisciplinares, assim consegue expressar métodos e visões que contribuem para uma melhor compreensão da informação.

Os autores Pombo, Guimarães, Levy (1993, p.11) também abordam as concepções pluri/multi/inter/transdisciplinares, vistas também no texto Silva (2017), como sendo “conceitos caracterizadores de diversificadas práticas de ensino”, explicando como se trabalham os conhecimentos científicos e como são referenciados pelo conceito abordado.

Assim para compreender melhor a pluridisciplinaridade, entende-se que ela está no âmbito de organizar, onde as disciplinas apresentam organização entre elas; a interdisciplinaridade é a fase em que são colocados os pontos de vista das disciplinas em discussão; e a transdisciplinaridade é a fase que é colocada em articulação onde é relacionada múltiplas ideias para um resultado final. Todos esses conceitos são abordados como forma e métodos que permite a aprimoração do estudo da informação.

Os autores Souza; Pinheiro; Silva; Rimá (2017) descrevem como os movimentos inter e transdisciplinares enfatizam as contribuições epistemológicas para a produção do conhecimento e estudos da informação. As perspectivas dos autores Silva (2017) e Souza; Pinheiro; Silva; Rimá (2017) em seus artigos apresentam visões muito semelhante em relação à aproximação e compreensão da informação, pois abordam os movimentos inter e transdisciplinares citados na análise do texto acima. O artigo comunga da mesma compreensão dos conceitos de inter a transdisciplinaridade apresentados na pelos autores Pombo, Guimarães, Levy (1993).

No artigo Figueiredo e Saldanha (2017, p. 3) afirmam que “[...] o trabalho não pretende esgotar a influência francesa, mas apontar autores relevantes para os estudos em retórica e imagens, com vistas a fundamentar estudos em validação da informação.” O estudo traz como proposta métodos como a retórica e a imagem, que são consistentes e aproximam-se de uma compreensão sobre a informação. Com base nas ideias de Luciano Floridi, a autora Mostafa (2010) apresenta a importância de propor uma Filosofia da Ciência da Informação que possa assim validar a seu campo epistemológico da Ciência da Informação, e não deixando de ter como base uma investigação histórica que apresente os conceitos e os fundamentos da área. A fundamentação é destaque importante para a aprimoração dos estudos da informação.

Os autores Paletta e Silva (2017, p. 3) apresentam que “[...] apropriação e uso da informação, impactado pelo fenômeno do Big Data, demandando novas habilidades, competências e abordagens no que se refere aos desafios éticos na era digital [...]”, pois a preocupação com os impactos tecnológicos são ressaltados no estudo, trazendo uma trajetória linear que permite refletir sobre a importância da responsabilidade ética perante a informação disseminada. Para Floridi (2008), os problemas da informação não são finalizados pela compreensão da ética. Mas os usos e efeitos da informação é que sustentará o valor da mesma e na Ciência da Informação abordar reflexão ética da informação deve fazer parte da bibliografia clássica da área.

No artigo Freire (2017, p. 3) a autora coloca como finalidade a:

[...] produção e compartilhamento de informação e conhecimento entre os participantes, promover o desenvolvimento de habilidades de busca, recuperação, organização, apropriação, produção e disseminação de informações relevantes para usuários científicos e outros grupos de interesse, na sociedade.

Considerando a abordagem do texto Freire (2017), os autores Salcedo, Revoredo (2013) afirmam que uma mudança está ocorrendo na sociedade que consiste na inserção dos meios de produção pela rede, a conectividade das empresas com a sociedade acontece de forma que não é questionado se esse meio é o melhor, apenas é utilizado. Uma reflexão deve ser feita em relação à utilização da rede, por isso uma remodelação das áreas do conhecimento visando a necessidade de questionamentos e reflexões perante seus meios de interação com a sociedade se tornam necessário para e melhor compreensão do que é relevante.

No artigo de Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017, p. 1) identificou-se aspectos da categoria problema epistemológico II quando os autores apresentam que:

Foi realizada uma revisão de literatura sobre o período em questão, a fim de investigar o uso da informação no novo regime de informação vivenciado pelo país. Utiliza conceitos relevantes para demonstrar as novas configurações dadas à informação.

Neste trecho foi possível observar que os autores utilizaram de ferramentas conceituais que apresentaram perspectivas que contribuem para proporcionar um novo olhar para a informação. Percebeu-se que os autores aplicaram a Filosofia para o desenvolvimento das questões relacionadas a informação como impacto na sociedade, colaborando com a afirmação de Souza (1986) que destaca que a Filosofia quando aplicada à Informação, objeto de estudo da Ciência da Informação, é mais intensa e ganha mais contexto.

No artigo Bezerra e Doyle (2017, p. 1) foi identificada a relação com a categoria problema epistemológico II, onde os autores destacam que “[...] o documento corresponde a um passo importante para uma compreensão mais crítica e ampla do conceito de competência em informação [...]” pela análise compreendeu-se como uma ferramenta de aproximação da informação.

No artigo de Menezes (2018, p. 3) aborda a relação com a categoria pois “[...] o sertão rosiano é interpretado como o plano de imanência onde suas versões conceituais da informação se cristalizam.” na intenção de melhor compreensão da

informação a ideia do estudo abordou vários meios que relacionaram a captação da informação implícita. Pode-se compreender o artigo baseando-se em Floridi (2002) tem como objetivo indicar construir estruturas de conceitos, teorias e até epistemológicas baseadas na reflexão da Informação dentro da Ciência da Informação. Assim pode-se perceber que as disciplinas científicas, se desenvolveram na busca relações muito mais conceituais e epistemológicas, apresentando assim uma característica que vai ao encontro dos aspectos puramente epistemológicos.

Para Doyle e Ribeiro (2018, p. 8) os aspectos do problema epistemológico II apresentam-se na discussão proposta sobre a “[...] influência da termodinâmica para a compreensão da entropia e dela para o entendimento dialético de informação tanto como semelhante à entropia, por sua forma, (o que constitui uma tese), como oposta a ela, por sua atuação neguentrópica (antítese).” Na análise percebeu-se semelhança com o artigo de Menezes (2018, p. 3), pois ambos optaram por utilizarem métodos que possibilitaram uma investigação diversificada da informação. Outro autor que compartilha de métodos diversificados para estudar a informação é Floridi (1999, p. 49) que “[...] evitando a entropia e promovendo o bem estar informacional pelo aumento em extensão (quantidade de informação), o aperfeiçoamento (qualidade da informação) e o enriquecimento (variedade da informação) da infoesfera.” Sendo assim, apresenta a informação atribuída de valor dela mesmo, e assim é observada a abordagem de Floridi como objetivista advindas de abordagem diferenciadas.

O artigo de Rabello e Rodrigues (2018, p. 5) aborda a informação sendo investigada pelo viés de “[...] prova ou monumento a partir de uma perspectiva interdisciplinar, mediante saberes da ciência da informação, bem como documentalistas, judiciários, historiográficos, arquivísticos e diplomáticos que encontram no documento subsídios teóricos, metodológicos e operacionais.” Neste estudo identificou-se a relação com a categoria problema epistemológico II, pois foi trabalhada uma visão interdisciplinar já abordada em outros artigos analisados que, cada qual a seu modo, apresenta de forma ímpar uma investigação da informação que por meio da interdisciplinaridade apresentou uma reflexão epistemológica. Tais afirmações vão ao encontro dos estudos de Japiassu (1975) e Dal’Evedove; Fujita (2013) que destacam a divisão do conhecimento humano e a necessidade de

introduzir conceitos próximos que se desdobram em sucessivas, crescentes e complexas conexões entre vários campos científicos.

Foi identificada no texto de Silva (2018, p. 16) a relação com a categoria problemas epistemológicos II, pois são explorados os “[...] fundamentos das concepções da pós-verdade, com vistas a aplicação no contexto da informação a partir de configurações histórico-ideológicas, filosóficas e técnicas.” As afirmações podem ser relacionadas com os estudos de Barreto (2007, p. 15) que afirma que, “[...] a sociedade da informação está limitada a um avanço de novas técnicas devotadas para guardar, recuperar e transferir a informação.” O referido autor também complementa que a Sociedade da Informação é um acontecido simplesmente técnico, e por sua vez a Filosofia da Informação é uma tentativa de uma investigação reflexivo da e sobre a informação.

No texto de Santana e Souza (2019) também foi identificado o problema epistemológico II, pois utilizou da Psicanálise do conhecimento científico em colaboração com a Responsabilidade social como forma de refletir sobre uma formação de um espírito científico na Ciência da Informação que possibilite melhor compreender a informação. Importante lembrar que, como campo do saber, a Ciência da Informação adquiriu elementos das suas diversas e constantes relações com diversas outras Ciências como: Ciências Cognitivas, Ciências Naturais, Ciências Sociais, Ciências da Computação, e a Comunicação. Assim, a Ciência da Informação com sua abertura interdisciplinar considera que seu objeto de estudo, a informação, também desempenha um papel importante em diversos outros campos do conhecimento (MACHLUP; MANSFIELS, 1983).

Rabello (2019, p. 2) aborda a fisicalidade e a materialidade da informação com investigação dos conceitos de “[...] modo a propor caminhos teóricos que auxiliem a formulação de indagações acerca das implicações epistemológicas e políticas que tais conceitos conferem ao campo das ciências da documentação e da informação.” A abordagem que foi proposta se relaciona com a categoria problema epistemológico II, pois o estudo mostrou um modo de entender a informação e que possa contribuir para o campo no levantamento de reflexões perante a mesma. As autoras Dal'Evedove e Fujita (2013) reforçam as ideias do artigo Rabello (2019) pois apresentam a importância da compreensão do universo interdisciplinar da Ciência da Informação que contribui para fortalecer as próprias bases epistemológicas.

Finalizando a análise da categoria problema epistemológico II, no artigo Gomez (2019, p. 2), a análise de algumas concepções “[...] têm como referências relações da informação e das tecnologias de informação com os processos de semiose, a fim de entender o que muda quando a definição da semiose é negociada na perspectiva da sintaxe, da semântica ou da pragmática.” Na análise foi identificada a relação da categoria problema epistemológico II pois a autora utilizou perspectivas diversificadas, tendo como objetivo compreender a informação. Do mesmo modo, Salcedo e Revoredo (2013) expõem que a Filosofia da Informação analisa tanto os impactos informacionais na sociedade quanto a informação como conteúdo na mesma perspectiva e intenção de compreender a informação e suas nuances.

5.1.4 Categoria: Problema da Realidade

A categoria Problema da Realidade da Filosofia da Informação baseada nas ideias de Floridi (2004) baseia-se em questões norteadoras como: a informação é realidade? Qual relação entre o sujeito, a informação e a realidade? Na análise realizada foram identificados 3 (três) artigos que se relacionam com a categoria do problema de realidade da Filosofia da Informação, estes são: Neto; Lima (2017), Paletta; Silva (2017) e, Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017).

No artigo de Neto e Lima (2017, p. 3), a reflexão da realidade da informação por meio da abordagem que “[...] devido à credibilidade de sua reputação científica, o prontuário médico asseguraria uma repetição que corrobora a construção social de determinadas práticas, estabelecendo relações mais amplas do que uma rotineira prática legitimada pelo saber médico.” A reflexão perante as informações colocados no documento (prontuário), e sendo rotineira sua utilização como verdade e realidade de um sistema documental, foram abordadas no estudo e assim apresentou aspectos que relacionam com a informação e realidade. Essas afirmações vão ao encontro das ideias de Francelin e Pellegatti (2004), que defendem que é na relação humana que acontece o processo de desenvolvimento e disseminação da informação, pensando e analisando como será a sua circulação e a Filosofia da Informação tem como método relacional estudar a relação e o processo que envolve a informação no dia a dia da relação humana.

Já o artigo de Paletta e Silva (2017, p. 2) apresenta a importância em “[...] refletir sobre os desafios impostos pela era digital associados aos processos de busca, acesso, apropriação e uso da informação por parte dos indivíduos, das organizações e da sociedade organizada.” O estudo abordou uma relação entre o sujeito, a informação e a realidade, buscando enaltecer uma reflexão sobre os acontecimentos que ocorrem e que ocorreram, que de forma direta e indireta influenciam a vida social do indivíduo. As novas tecnológicas se desenvolveram rápido e com uma grande força na sociedade, por mais que seja vista como um fato relevante por ter sido “abraçada” pela sociedade, a informação ainda sim é a base desse desenrolar. Deste modo, Floridi (2004) afirma que a Filosofia da Informação se apresenta como a pioneira que busca refletir sobre a informação, as novas tecnologias, porém mantendo a informação como base e tópico central. (FLORIDI, 2004).

E o artigo de Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017, p. 3) apresenta como a

[...] burocracia do Estado passou a ordenar a produção da informação oficial por meio de procedimentos que exigiam racionalidade e previsibilidade, o que levava à informação a atender dois propósitos: servir como um instrumento para o aperfeiçoamento do próprio Estado burocrático e orientar os interesses voltados para a propagação da ideologia do governo autoritário.

Aqui a informação como conteúdo obteve direcionamentos diferentes com base no caminho e meios de inclusão na sociedade. Assim sendo, segundo os autores Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017), a informação é ou foi uma realidade, que foi utilizada em época passada, onde foi possível ver o quanto a influência da mesma construiu para realidades e caminhos diferentes. Relacionando com o texto, os autores Salcedo e Revoredo (2013) afirmam que a Ciência da Informação e na Filosofia, a informação é estudada numa perspectiva reflexiva que pode contribuir para a reflexão perante a informação.

5.1.5 Categoria: Problema da Ação

A categoria Problema da Ação da Filosofia da Informação baseada nas ideias de Floridi (2004) reflete sobre a ação não somente no sentido de movimento, mas como sentido de ação/reação perante a informação. Na análise realizada foram identificados 3 (três) artigos que relacionam aspectos do problema da ação da

Filosofia da Informação, estes são: Paletta e Silva (2017), Freire (2017) e, Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017).

No artigo de Paletta e Silva (2017, p. 2) propõe “[...] uma reflexão sobre a importância da discussão ética frente à complexidade da Era Digital, os desafios do mundo globalizado, moderno, competitivo tendo que lidar com a explosão do universo digital, onde a informação tornou-se o maior patrimônio dos indivíduos, das organizações e da sociedade.” O artigo apresentou como a informação é valiosa perante as reações que de fato aconteceram com o impacto do mundo digital e consequentemente a explosão informacional. Ilharco (2003) comenta que novos desafios e novos problemas estão sendo expostos na humanidade, pois é grande a disseminação das novas tecnologias, as tecnologias de informação e comunicação. No argumento fica claro que o estudo proposto e sua problemática estão voltados para a informação enquanto conteúdo que necessita de uma reflexão enquanto interação social e ética.

Para Freire (2017, p. 4) o problema da ação foi identificado sua relação na “[...] possibilidade de desenvolvimento de projetos de inteligência coletiva fundamentados na competência ética, em comunidades de sujeitos sociais que compartilham uma mesma forma de vida, na sociedade em rede.” A ação perante a informação foi abordada no estudo de modo que foi possível ver a ação também no sentido de movimento, no desenvolvimento de projetos em relação à sociedade. As afirmações podem ser relacionadas com Salcedo e Revoredo (2013) que apresenta a transição da sociedade para a produção em rede, tendo a sociedade conectada pela tecnologia.

O artigo Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017, p. 3) apresenta uma revisão literária em que investiga “[...] o uso da informação no novo regime de informação vivenciado pelo país. Utilizou conceitos relevantes para demonstrar as novas configurações dada à informação.” Situações históricas e sociais estão sempre presentes no amadurecimento e desenvolvimento da Ciência da Informação pois pode-se considerar como primordiais e necessários para o aprofundamento da área enquanto interdisciplinar (DAL’EVEDOVE; FUJITA 2013). Assim, a investigação abordada no texto Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017) apresentou a informação como movimento no sentido de apresentar como contribuiu para suas novas formas.

5.1.6 Categoria: Problema da Comunicação

A categoria Problema da Comunicação da Filosofia da Informação baseada nas ideias de Floridi (2004) aborda questões que envolvem o surgimento e relação da Informação e Comunicação. Na análise realizada foram identificados 3 (três) artigos que se relacionam com a categoria do problema da comunicação da Filosofia da Informação, estes são: Neto e Lima (2017), Figueiredo e Saldanha (2017) e, Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017).

O artigo de Neto e Lima (2017, p. 6) apresenta a relação da informação e comunicação, mostrando que “[...] o documento cria e instaura não só relações específicas de poder, mas de saber e, de certos tipos de verdade, como o documento médico”. O prontuário utilizado como documento e meio de comunicação entre os médicos e demais especialistas na área da saúde, é visto como meio de comunicação hierarquizado pelo sistema de saúde, visto que tais informações completadas não são acessíveis à pessoa referida. As perspectivas do texto de Neto e Lima (2017) podem ser relacionadas com as ideias de Frohmann (2004) que afirma que no documento é potencialmente informativo e causa efeitos sociais.

Para Figueiredo e Saldanha (2017, p. 1) a relação da informação com a comunicação foi apresentada no trabalho demonstrando “[...] que os estudos de retórica, iniciados na Antiguidade, tornam-se fundamentos para pensar a imagem enquanto função epistêmica, que possibilitam a transmissão de mensagens com maior amplitude que a linguagem verbal, como ocorre no meio publicitário.” O autor Lévy (1996) contribui, pois, aponta a linguagem como sendo a mais importante, é por meio dela que os seres humanos conseguem desenvolver outros meios mais avançados de comunicação lançando ideias, planos e teorias para as gerações que estão por vir. Assim o artigo de Figueiredo e Saldanha (2017) deixou claro como os métodos de comunicação como: a linguagem verbal e a imagem carregam informações explícitas e implícitas que são utilizadas a todo momento como meios para comunicar.

Na visão de Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017, p. 15) apresenta a reflexão que “[...] as instituições do período varguistas foram responsáveis pela produção, organização e disseminação, com racionalidade e previsibilidade, de informações com caráter oficial.” Nesse estudo ficou claro como as informações podem ser manipuladas e utilizadas para diversos ramos, e assim houve um

controle em que foi viável ser disseminado ou não. Deste modo, o artigo de Salcedo e Revoredo (2013) traz uma abordagem que de forma implícita fala sobre a técnica, levando em questão uma visão filosófica de que a informação pode simplesmente ser disseminada e não pensada, assim contribui com a reflexão proposta pelos autores Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017).

5.1.7 Categoria: Problema da TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação)

A categoria Problema da TIC da Filosofia da Informação baseada nas ideias de Floridi (2004) trata do sentido, as possibilidades e consequências das TICs no universo das sociedades humanas. Na análise realizada foram encontrados 3 (três) artigos que contém aspectos do problema da TIC da Filosofia da Informação, estes são: Valle; Pimenta e Schneider (2018), Santana e Souza (2019) e, Gomez (2019).

O artigo de Valle; Pimenta e Schneider (2018, p. 6) abordam as consequências das TICs numa “[...] perspectiva crítica, da presença das Tecnologias de Informação e Comunicação no campo das humanidades como agentes centrais de institucionalização científica e, conseqüentemente, fronteiras epistêmicas.” A reflexão que foi levantada no estudo mostra a necessidade de uma reflexão perante o aumento da TICs, pois as consequências existem e devem ser expostas para o desenvolvimento crítico ocorrer. Baseado em Floridi, Ilharco (2003) defende o estudo da Filosofia da Informação, pois uma reflexão se faz necessária sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação. Dessa forma, a Filosofia da Informação contribui na reflexão acerca do processo informacional pensando em sua inserção na sociedade.

Já os autores Santana e Souza (2019, p. 14) refletem sobre a problemática das TICs pois, “[...] o acesso e o uso das tecnologias digitais de informação se tornaram imperativos pela penetração na vida social, econômica e política dos sujeitos e da sociedade, estes na condição de nativos do paraíso infocomunal.” O estudo abordou o quanto comum o sujeito utiliza as tecnologias como porta de entrada para a aceitação social e comunicação. Assim, Floridi (2002) afirma que a propagação social da informação é um fato que ocorreu devido o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação, assim, este novo campo não deve conhecido como a Filosofia das Tecnologias da Informação e da

Comunicação, deve ser conhecido como a Filosofia da Informação. Diante do exposto, mesmo que as novas tecnologias tenham força na sociedade hoje em dia, e também facilidade de inserção na sociedade, ainda assim o fenômeno de base é a informação.

No artigo de Gomez (2019, p. 2) a autora aborda as questões das TICs com base em

[...] algumas das concepções que têm como referências relações da informação e das tecnologias de informação com os processos de semiose, a fim de entender o que muda quando a definição da semiose é negociada na perspectiva da sintaxe, da semântica ou da pragmática.

Para Barreto (2007, p. 14), o autor se relaciona com o artigo de Gomez (2019) pois contribui com reflexões acerca das TICs: “A sociedade da informação é uma utopia de realização tecnológica e a do conhecimento uma esperança de realização do saber”. Essa afirmação do autor deixa em aberto a observação de uma sociedade técnica em suas formas de relações de transmitir da informação, uma ação mecânica sem reflexão sobre o objeto, como Barreto (2007, p. 15) segue afirmando, “[...] a sociedade da informação está limitada a um avanço de novas técnicas de votadas para guardar, recuperar e transferir a informação.” Deste modo, as relações apresentadas com Barreto (2007) com o artigo de Gomez (2019) ainda ressaltam como a autora aprofundou-se na relação da informação e tecnologia da informação na busca da compreensão de mudanças com a utilização de métodos diferenciados e assim entender o sentido da relação.

5.1.8 Categoria: Problema Ético

A categoria Problema Ético da Filosofia da Informação baseada nas ideias de Floridi (2004) discute e reflete sobre questões voltadas a singularidade humana, buscando ressaltar a responsabilidade, direitos, comportamentos, respeito e valores. Na análise realizada foram identificados em 6 (seis) artigos da categoria problema ético da Filosofia da Informação, estes são: Neto e Lima (2017), Paletta e Silva (2017), Freire (2017), Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017), Bezerra e Doyle (2017) e, Santana e Souza (2019).

No artigo de Neto e Lima (2017, p. 10), os autores relacionam com a categoria do problema ético no seguinte trecho:

Assim sendo, tanto quando definimos determinado comportamento ou sujeito enquanto anormal, como nos momentos em que nos referimos a determinado tratamento, estamos acionando um mecanismo de compreensão tempo-espacial relativa e definível.

A reflexão trazida pelos autores no estudo, aborda de forma implícita a questão da responsabilidade do outro perante as informações definidas por julgamento do outro e sendo definidas como determinantes. Relacionando com a abordagem dos autores Neto e Lima (2017) em relação à ética, a autora (GONZALEZ, 2013, p. 18) contribui para a reflexão afirmando que a ética da informação é utilizada como recurso, “[...]vai de encontro às éticas intelectuais, que destacarão o componente epistêmico das avaliações e ações morais, e consideram de algum modo o desvio moral.” Assim pode-se perceber a importância do desenvolvimento da reflexão com base nos problemas éticos da Filosofia da Informação.

O artigo de Paletta e Silva (2017, p. 2) trata sobre a questão que aborda “[...] os desafios do mundo globalizado, moderno, competitivo tendo que lidar com a explosão do universo digital, onde a informação tornou-se o maior patrimônio dos indivíduos, das organizações e da sociedade.” A reflexão do artigo apresentou como as situações acontecem e temos que fazer escolhas, e o desafio e a importância de se refletir sobre questões éticas que assim relaciona os valores humanos com os desafios da globalização. De forma a relacionar com o artigo de Paletta e Silva (2017), Floridi (2008) apresenta a reflexão da ética baseada no valor da informação, constando que para a informação é atribuído valor nela mesma, assim é necessário refletir sobre os critérios de relevância, tendo a primeira observação do valor da informação, seria objeto de uma literatura clássica da Ciência da Informação.

O artigo de Freire (2017, p. 6) apresenta uma visão da “[...] da responsabilidade social dos profissionais da informação e no contexto do regime de informação de um projeto de pesquisa na comunidade científica, no âmbito da sociedade em rede”. A responsabilidade foi abordada no estudo como apresentação dos profissionais da informação enquanto sujeitos responsáveis diretamente pela informação. Relacionando com o artigo de Freire (2017), a autora Gonzalez (2013) aborda a questão da Ética por meio da responsabilidade com a informação perante seu valor, e assim considera que a informação pode ser produto, a reflexão ética perante do seu valor não corresponde a sua utilização, mas sim o seu valor atinge

não seu uso, mas seu método de produção, levando em consideração a responsabilidade visando ou não interesses particulares, e a abrangência e consequências sendo individual ou global.

O artigo de Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017, p. 2) aborda a reflexão ética por meio da argumentação de “[...] que a informação, após organizada, poderia ser disseminada como elemento estratégico para as políticas de Estado.” Neste trecho pode-se perceber que foi importante essa reflexão, pois ressalva outras questões sobre responsabilidade, direitos, respeito e valores da informação. A responsabilidade moral é semelhante a qualidade das informações que norteiam a conduta ou até o julgar. Assim perante esse exposto, Floridi (2005) relaciona a reflexão do artigo de Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017), apresentando o quanto é importante refletir sobre a disponibilidade, acessibilidade e precisão da informação, a confiabilidade dos recursos de informação e as assimetrias geradas pela brecha informacional (FLORIDI, 2005).

O artigo de Bezerra e Doyle (2017, p. 15) explora “[...] a noção de participação ética nas comunidades de aprendizagem na definição do conceito de competência em informação.” Pela análise realizada, o artigo compartilha e expõe as mesmas reflexões do artigo apresentado pelos autores Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017).

E finalizando os artigos que se relacionam com a categoria problema ético, o artigo de Santana e Souza (2019, p. 4) aborda a necessidade de “[...] visualizar o sujeito ético sob a dimensão do inconsciente, o sujeito moral, sob a dimensão do consciente e a ação do sujeito ético sobre o sujeito moral.” Neste trecho os autores deixam explícito que a reflexão é sobre o sujeito perante a sua ação. Desse modo, a autora Gonzalez (2013) apresenta relação como o artigo de Santana e Souza (2019), pois aborda a problemática do sujeito na perspectiva responsabilidade moral das ações relacionadas com a informação, como por exemplo: ataque de hackers a um site ou sistema de informação, a destruição de bibliotecas, disseminação de vírus, isso abrange questões que afetam a liberdade de expressão, a censura, o controle e filtragem de conteúdo.

5.2 ANÁLISE GERAL

A partir da análise realizada constatou-se, de acordo com o escopo desta pesquisa, que dos 26 (vinte e seis) artigos, 19 (dezenove) se relacionam com os problemas da Filosofia da Informação, porém foi identificado que 7 (sete) artigos apesar de abordarem questões filosóficas, não estão diretamente relacionados com os problemas da Filosofia da Informação definido por Floridi (2004), sendo eles: Pinheiro (2017), Karpinski (2018), Saldanha (2019), Meschni e Francelin (2019), Silva e Freire (2019), Vieira e Karpinski (2019) e, Oliveira (2019).

Em relação ao problema ontológico identificou-se que apenas o artigo de Silva (2017) aborda de forma consistente este problema. Já no problema epistemológico identificou-se 7 (sete) artigos que visam buscar o conhecimento da informação sendo essa uma dos aspectos do problema epistemológico da Filosofia da Informação, estes são: Silva (2017), Souza; Pinheiro e Silva; Rimá (2017), Neto e Lima (2017), Bezerra (2018), Saldanha (2018), Menezes (2018) e, Gomes; Pimenta e Schneider (2019).

No problema epistemológico II foram identificados 14 (quatorze) artigos selecionados abordam aspectos que se identificam com a essência da problemática abordada, sendo eles: Bezerra e Doyle (2017), Doyle e Ribeiro (2018), Figueiredo e Saldanha (2017), Freire (2017), Gomez (2019), Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017), Menezes (2018), Paletta e Silva (2017), Rabello (2019), Rabello e Rodrigues (2018), Santana e Souza (2019), Silva (2017), Silva (2018), Souza; Pinheiro; Silva e Rimá (2017).

Na categoria do problema de realidade análise realizada identificou 3 (três) artigos: Neto e Lima (2017), Paletta e Silva (2017) e, Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017) que trazem elementos que se relacionam com essa categoria. A categoria do problema da ação tem como uma de suas reflexões compreender sentido de ação/reação perante a informação e assim na análise realizada foi identificado 3 (três) artigos que se relacionam perspectiva da problemática, estes são: Paletta e Silva (2017), Freire (2017) e, Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017).

Para o problema da comunicação da Filosofia da Informação a análise identificou 3 (três) artigos que se relacionam com a categoria, sendo eles: Neto e Lima (2017), Figueiredo e Saldanha (2017) e, Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017). A categoria problema da TIC identificou por meio da análise 3 (três) artigos: Valle;

Pimenta e Schneider (2018), Santana e Souza (2019) e, Gomez (2019), que abordam aspectos que visam refletir sobre as relações das TICs com a comunidade.

A última categoria Problema Ético da Filosofia da Informação foi identificado em 6 (seis) artigos, estes são: Neto e Lima (2017), Paletta e Silva (2017), Freire (2017), Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017), Bezerra e Doyle (2017) e, Santana e Souza (2019), que abordam reflexões éticas que se relacionam com a categoria.

O artigo Gugliotta; Gomez e Fonseca (2017) foi o que mais abordou os problemas da Filosofia da Informação, no total de 5 (cinco), sendo: Problema Epistemológico II, Problema da Realidade, Problema da Ação, Problema da Comunicação e, Problema Ético.

Portanto, os artigos desenvolveram reflexões importantes que puderam ser percebidas na leitura e na análise dos mesmos. Os aspectos dos problemas da Filosofia da Informação encontrados nos artigos mostram a Ciência da Informação como interdisciplinar possibilitando o desenvolvimento de ideias e reflexões a partir de outros olhares. Tais relações encontradas nos artigos mostram o quanto é importante para a sociedade e sociedade acadêmica os desenvolvimentos de pesquisas da Ciências da Informação que tragam aspectos da Filosofia da Informação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo geral analisar como figuram os problemas da Filosofia da Informação baseados em Floridi (2004) pelos artigos do GT1 do ENANCIB. Para isso foram necessárias leituras, interpretações e, a realização de uma seleção de 19 artigos para a análise realizada.

Para tanto, as reflexões perante à pesquisa visaram destacar a importância da Filosofia da Informação no campo da Ciência da Informação por meio dos artigos realizados dentro da área. As reflexões que se apresentaram durante o desenvolvimento do trabalho são: A Filosofia da Informação e sua contribuição investigativa para vários setores da Ciência da Informação; o quanto a Filosofia da Informação é abordada na Ciência da Informação de forma indiscriminada; a importância de um aprofundamento do problema ético da Filosofia da Informação perante as mudanças da sociedade que interferem a Ciência da Informação. Essas reflexões são algumas das que surgiram no desenvolvimento da dissertação, porém há possibilidades a partir do leitor produzir suas próprias reflexões para futuras pesquisas.

A exposição realizada da Filosofia como experiência filosófica, visou apresentar: o que é a Filosofia, para que serve? trouxe a apresentação da área e seu contexto histórico para assim toda a trajetória embasar o campo da Ciência da Informação que é conhecido como Filosofia da Informação. A relação entre a Ciência e a Filosofia foi apresentada com base no contexto histórico e mostrou a distinção e semelhanças entre ambas, porém, ressaltou uma ligação e cumplicidade entre ambas as áreas para o desenvolvimento de pesquisas.

Apresentação do que é a Ciência da Informação, qual a sua história, o que ela abrange, suas teorias, os paradigmas que fazem parte da sua construção/base de sua estrutura, e assim ramificação para as diversas áreas, foi abordado no trabalho pensando em fortalecer a compreensão da CI. De acordo com nosso recorte foi apresentado um cenário que mostrasse as diversas vertentes que se compreende pelo nascimento da área, é de grande importância para assim elucidar a proposta da pesquisa. As divergências em relação ao início da Ciência da Informação faz com que o campo se torne mais rico em apresentar assim um mapa com diversos caminhos para a CI, e ao mesmo tempo nos faz perceber uma instabilidade em relação a sua base, ou seja, o seu nascedouro.

Com base em todo o contexto a Ciência da Informação se apresenta e se fortifica como área interdisciplinar, possibilitando suas relações com outros campos e até fortalecendo enquanto Ciência. Como ponto de direcionamento da pesquisa, os eixos foram utilizados como um mapa da Ciência da Informação, porém não um mapa comum, um mapa que apresenta as raízes, estudos e autores de cada eixo, possibilitando uma visualização melhor do caminho na pesquisa. A escolha do GT1 do ENANCIB que é contemplada pelo Eixo 1 - O Fenômeno da Informação, que tem sua base epistemológica que aborda dado, informação e conhecimento, a sua representação, seu fluxo e sua organização na Ciência da Informação, veio ao encontro com as perspectivas e interesses da dissertação, que é ter um direcionamento mais reflexivo em relação aos diferentes olhares da Filosofia da Informação.

A Filosofia da Informação vem se apresentar como importante e necessária para a Ciência da Informação. A busca pelo seu espaço está muito bem desenvolvida apresentando como um olhar reflexivo para a informação é de grande valia para o desenvolvimento da Ciência de Informação, visando a informação como objeto principal de fomento para tais ponderações.

O pensamento filosófico, aqui abordado, foi apresentado como forma de agregar a Ciência da Informação a construção e desconstrução de teorias, reformulação e criação de conceitos, reflexões a cerca problemas relevantes da área, isso com o intuito de agregar para uma construção e desenvolvimento de visões diferentes sobre o mundo. Lembrando que o conhecimento filosófico tanto o conhecimento científico não se sobrepõe um ao outro, pois tal intenção é a conexão entre ambos para uma produção consciente e responsável de conhecimento à sociedade.

A análise dos artigos constatou que os aspectos da Filosofia da Informação estão entrelaçados nas discussões propostas pelos autores e autoras, o que apresenta ser algo natural, sem demarcações ou contextualização. Compreende-se então, que a Filosofia da Informação no GT1 se apresenta e é utilizada como parte da Ciência da Informação, como um “braço” da área que instiga e possibilita uma reflexão mais aprofundada sobre diversas investigações da CI.

Assim sendo, percebe-se que os problemas da Filosofia da Informação são constituídos dos problemas filosóficos e que tem como objetivo, a partir de diversas visões, refletir sobre a informação.

Destaca-se a importância desta pesquisa, pois por meio da análise pode-se apresentar e refletir sobre os problemas da Filosofia da Informação identificados em artigos da Ciência da Informação. Pode-se também perceber como as temáticas dos artigos analisados puderam contribuir para compreender a importância da reflexão dos problemas da Filosofia da Informação para a sociedade acadêmica.

Portanto, o desenvolvimento dos quadros para a pesquisa em especial para a análise, possibilitou visualizar de forma didática e objetiva a pouca produção de artigos que se relacionam com a Filosofia da Informação, destacando assim a necessidade de fomentar mais as discussões sobre as conexões como forma de produção de pesquisas e estudos relevantes a comunidade científica e a sociedade. A partir dos resultados alcançados pode-se desenvolver novas pesquisas que contribuam para o crescimento e desenvolvimento da Ciência da Informação e a Filosofia da Informação.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br>>. Acesso em: dez. 2019.
- ARANHA, M. L.de A.; MARTINS, M.H.P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 4. ed. rev.atual. São Paulo: Moderna, 2009.
- ARAUJO, C. A. A. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.
- ARAUJO, C. A. A. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p.192-204, set./dez., 2009.
- ARAUJO, C. A. A. Um mapa da Ciência da Informação: história, subáreas e paradigmas. **ConCI**: Conv. Ciênc. Inform., São Cristovão/SE, v. 1, n. 1, p. 47-72, jan./abr. 2018
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução L. Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.
- BACK, H.B. What information dissemination studies imply concerning the dising of on-line reference retrieval-systems. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 23, n. 3, p. 156-163, may/june 1972. Disponível em: [http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1002/\(ISSN\)2330-1643/issues](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1002/(ISSN)2330-1643/issues).
- BASTOS, Flavia Maria. **Organização do conhecimento em bibliotecas digitais de teses e dissertações**: análise da aplicabilidade das teorias macroestruturais para categorização de áreas de assunto. 2005. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARRETO, Aldo Albuquerque. A condição da informação. São Paulo **Perspec.**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, July 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000300010>. Acesso em: ago. 2018.
- BARRETO, A. A. Sobre a interdisciplinaridade. *DataGramaZero*, v. 5, n. 6, dez. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez04/F_I_art.htm>.
- BARRETO, Aldo Albuquerque. Uma história da Ciência da Informação. *In*: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para Entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 13-34. <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para_entendera_ciencia_da_informacao.pdf> Acesso: nov 2019.

BARRETO, Aldo Albuquerque. Uma quase história da Ciência da Informação. **DataGramaZero**: revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-12, abr. 2008. Disponível em: http://www.dgz.org.br/abr08/Art_01.htm. Acesso em: ago. 2018.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p.3-5, jan. 1968. (Tradução Livre)

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? IX ENANCIB: diversidade cultural e políticas de informação. **Anais...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/3016>>. Acesso em: 14 maio 2018.

BROOKES, B. C. The foundations of Information Science. Part I: Philosophical aspects. **Journal of Information Science**, Amsterdam, v. 2, p, 125-133, 1980.

BUSH, Vannevar; *et al.* As we may think. **The atlantic monthly**, v. 176, n. 1, p. 101-108, 1945.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>> Acesso em: mar. 2019.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5, 2003. **Anais...** Belo Horizonte. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

COSTA, Sely M. S. Mudanças no processo de comunicação científica: o impacto do uso de novas tecnologias. *In*: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice Jovelina (Org.). **Comunicação científica**. Brasília: Departamento de Ciência da Informação Universidade de Brasília, 2000. p. 85-105.

DAL'EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. O movimento interdisciplinar em Ciência da Informação: uma reflexão epistemológica. **DataGramaZero** - Revista de Informação - v.14 n.3 jun13.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** 3. ed. Campinas: Editora 34, 2000.

DRETSKE, Fred, 1981, **Knowledge and the flow of information**, Oxford: Blackwell Publisher.

FIGUEIREDO, N. M. de. Usuários. *In: _____*. **Paradigmas modernos da Ciência da Informação em usuários/coleções/referência & informação**. São Paulo: Polis: APB, 1999. p. 11-54.

FLORIDI, L. **Information ethics**: on the theoretical foundations of computer ethics. *Ethics and Information Technology*, v. 1, n. 1, p. 37–56, 1999.

FLORIDI, L. On defining library and information science as applied philosophy of information. **Social Epistemology**, v. 16, n. 1, p. 37-49, 2002. Disponível em: <<http://www.wolfson.ox.ac.uk/~floridi/>>. Acesso: 22 jul. 2018.

FLORIDI, L. Information Informs the Field: A Conversation with Luciano Floridi in **APA Newsletter**, Fall 2002 a, v. 2, n. 1, pp: 72-7.

FLORIDI, L. What is philosophy of information? **Metaphilosophy**, v. 33, n.1/2, p.123-145, 2002a. Disponível em: <<http://www.wolfson.ox.ac.uk/~floridi/>>. Acesso: 22 jul. 2018.

FLORIDI, L. A defence of constructionism: philosophy as conceptual engineering. **Metaphilosophy**, v. 42, n. 3, 282-304, 2011a. Disponível em: <<http://www.philosophyofinformation.net/publications/pdf/adofpace.pdf>>. Acesso em: mar. 2019.

FLORIDI, L. **The philosophy of information**. Oxford: Oxford University Press, 2011b.

FLORIDI, L. Open Problems in the Philosophy of Information, **Metaphilosophy**, v. 35, n. 3, Abril de 2004; pré impressão disponível no site de Floridi, referido na footnote 2.

FLORIDI, L. Understanding epistemic relevance. **Erkenntnis**, v. 69, n. 1, p. 69-92, 2008.

FRANCELIN, M. Epistemologia da Ciência da Informação: evolução da pesquisa e suas bases referenciais. **Perspect. ciênc. inf.** v. 23, n. 3. Belo Horizonte July/Sept. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362018000300089#fn1

FREIRE, Isa Maria. Da construção do conhecimento científico à responsabilidade social da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 12, n.1, 2002. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/158/152>>.

FURNER, J. **Philosophy and the information science**. Pre-print, 2008. Submitted to BATE, M. *Encyclopedia of Library and Information Sciences*. Disponível em: <<http://polaris.gseis.ucla.edu/jfurner/papers/FurnerPhilosophy.pdf>>. Acesso em: nov. 2019.

GALLO, Silvio. **Filosofia**: experiência do pensamento. São Paulo: Scipione, 2013.

GIBBONS, M., *et al.* **A nova produção do Conhecimento**. London: Sage Publications, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2017.

GNOLI, C. **Ten Long-Term Research Questions in Knowledge Organization**. *Knowl. Org.*, v. 35, n. 2, p.137-149, 2008.

GONZALEZ, Maria Nélida. Luciano Floridi e os problemas filosóficos da informação: da representação à modelização. *InCID: R. Ci. Inf. e Doc.*, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 03-25, jan./jun. 2013.

GONZALEZ, Maria Eunice Quilici, 2014, Informação, Determinismo e Autonomia: um estudo da ação no paradigma da complexidade, **Anais... XVI Encontro Nacional da ANPOF**.

GRANGER, G. G. **A ciência e as ciências**. São Paulo: Editora Unesp, 1994. p. 44-45.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GRIMAL, P. **A Mitologia grega**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HEGEL, W. F. **Princípios da Filosofia do Direito**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

HUSSERL, E. *In*: FONTANA, D. **Da Natureza da Ciência**. História da Filosofia, Psicologia e Lógica. São Paulo: Edição Saraiva, 1969. p.434.

ILHARCO, Fernando. Filosofia da Informação: alguns problemas fundadores. *In*: **Anais... SOPCOM**, 3, 2004. v. 2, 2004.

ILHARCO, Fernando. **Filosofia da Informação**: uma introdução à informação como fundação da acção, da comunicação e da decisão. Lisboa: Universidade Católica, 2003.

JAPIASSU, H. P., **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1934. p. 202.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 221p.

JOLIVET, R. **Curso de filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 407.

KNELLER, G. F. **A ciência como atividade humana**. Rio de Janeiro/São Paulo: Zahar/Edusp, 1980. p. 30.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LÉVY, P. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MACHLUP, F.; MANSFIELD, U. **The study of information: interdisciplinary messages**. New York: John Wiley & Sons, 1983. 743p.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MORAES, João Antonio de, 2014, **Implicações éticas da “virada informacional na Filosofia”**, Uberlândia: EDUFU

MOSTAFA, S. **Filosofia da diferença e a ciência da informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2013. 125p.

MOSTAFA, S; NOVA CRUZ, D. V. **Para entender a filosofia de Gilles Deleuze & Félix Guattari**. Campinas, Alínea, 2009. 122 p.

NHACUONGUE, J. A.; FERNEDA, E. O campo da ciência da informação: contribuições, desafios e perspectivas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 20, n. 2, p. 3-18, abr./jun. 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência, aforismo 355**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Abril Cultural, 1973

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

PLATÃO. **Teeteto**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. Interdisciplinaridade: conceito, problema e perspectivas. *In*: POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. **Interdisciplinaridade: reflexão e experiência**. Lisboa: Texto, 1993. Cap.1, 8-14p.

POMBO, Olga. **Interdisciplinaridade: ambições e limites**. Lisboa: Relógio d'Água, 203 pp. 2004.

RAYWARD, W. B. Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868-1944) and **Hypertext**. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 45, n. 4, p.235-250, 1994. Disponível em:
<http://people.lis.illinois.edu/~wrayward/Visions%20of%20Xanadu_JASIS.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014.

RIECKEN, R. F. Frame de temas potenciais de pesquisa em Ciência da Informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.3, n. 2, p. 43-63, jan./jun. 2006 – ISSN: 1678-765X, 2006.

RODRIGUES, A.D. **Comunicação e cultura**: a experiência cultural na era da informação. 2. ed. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 1999.

SANTANA, Celestino Glessa Heryka. A Ciência da Informação e sua consolidação em face da interdisciplinaridade. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação. v. 17, n. 35, set-dez, 2012, p. 1-26 Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14724821002>>. Acesso em: 05 maio 2018.

SARACEVIC, T. Interdisciplinary nature of information science – original. **Ciência da Informação, Brasília**, v. 24, n. 1, p. 36-41, 1995.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1996.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação. In: Marcia J. Bates e Mary Niles Maack (Ed.) **Enciclopédia de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. New York: Taylor & Francis. pp. 2570-2586, 2009.

SHANNON, Claude; Weaver, Warren, 1998, **A mathematical theory of communication**, Urbana: University of Illinois Press, (primeira edição: 1949).

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Ciência da Informação brasileira e pós-graduação**: perspectivas históricas e múltiplas identidades / Jonathas Luiz Carvalho, Gustavo Henrique de Araújo Freire. – João Pessoa: Editora da UFPB, p.262, 2015.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Fundamentos da informação I**: perspectivas em Ciência da Informação. São Paulo: ABECIN Editora, 2017.

SILVA, Tiago José da; FREIRE, Isa Maria; OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. **Participação de Pesquisadores no Grupo de Trabalho Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação**. Marília – SP: ENANCIB, 2017.

SILVEIRA, R. J. T.; GOTO, R (Org.). **“Que bagulho é isto – filosofia?”**. Filosofia no ensino médio: Temas, problemas e propostas. São Paulo, Edições Loyola, p. 53-76, 2007.

SOUZA, Sebastião. **Fundamentos filosóficos da biblioteconomia**. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília. v. 14, n. 2,p. 189-196, jul./dez. 1986.

STONIER, Tom, 1997, **Information and meaning: an evolutionary perspective**, Londres: Springer-Verlag.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing and Management: an International Journal**, Tarrytown-Nova Iorque, v. 29, n. 2, p. 229-239, mar./abr. 1993.

WIENER, Norbert, 1965, **Cybernetics**, 2. ed. Cambridge, MA: MIT Press, (primeira edição: 1948).